

UNIVERSITY OF TORONTO

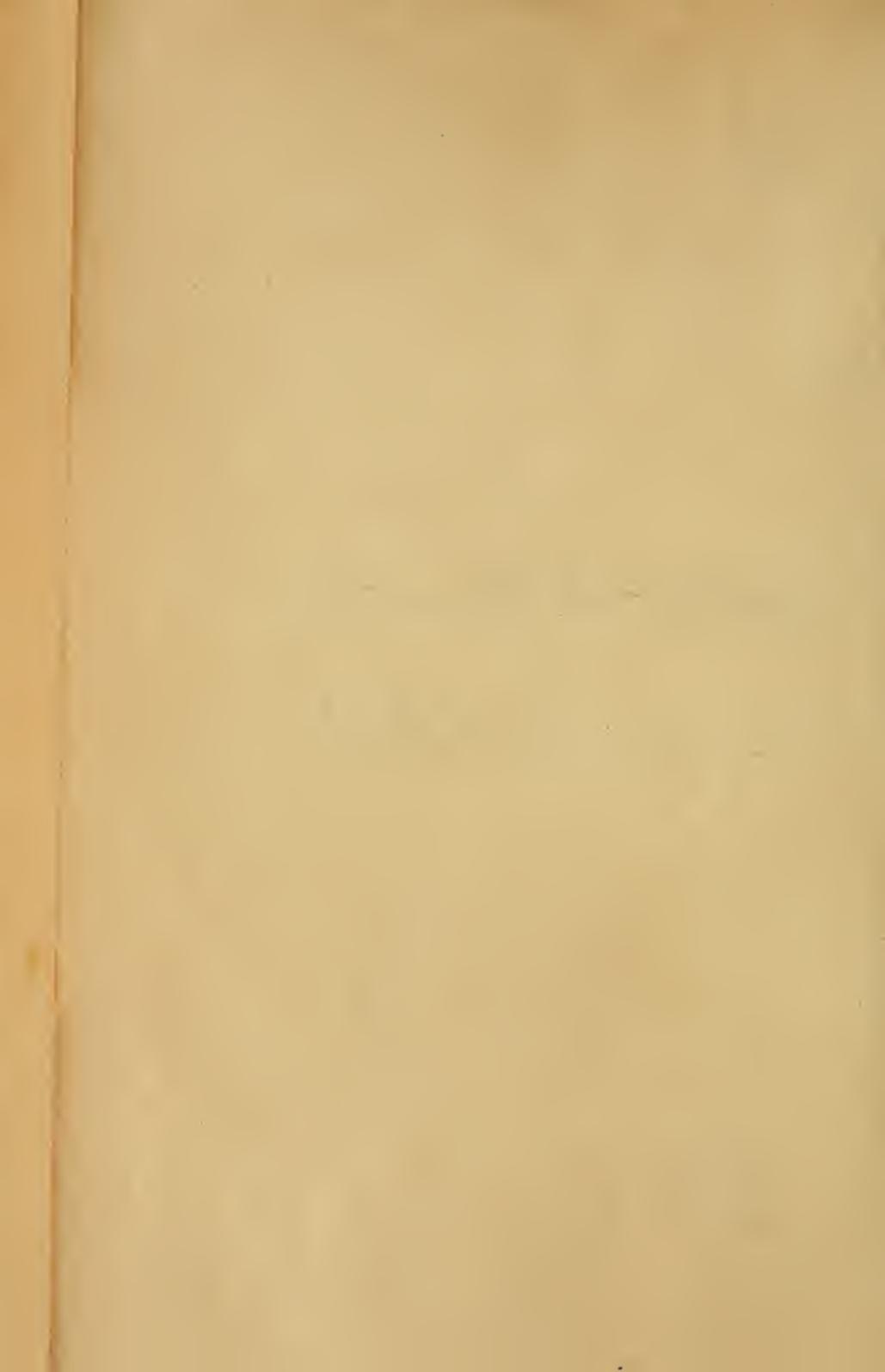


3 1761 00268008 0



COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 54.º Volume

FIGURAS HUMANAS



COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA

ALBERTO PIMENTEL

FIGURAS
HUMANAS



LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA—Livraria editora

Rua Augusta, 50, 52 e 54

1905

PN
758
P5



1905

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a vapor

Da PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Rua dos Correios, 70 e 72, 1.º

LISBOA

A morte de Pelletan

Se Eugenio Pelletan houvesse morrido ha menos de trinta annos, a academia de Coimbra ter-lhe-hia feito notaveis suffragios poeticos, porque Pelletan era n'esse tempo um dos grandes deuses do olympto coimbrão.

A devoção affrouxou, porém, com o tempo. Novos idolos vieram apear os velhos deuses da devoção academica, e a palavra ardente de Pelletan, ao passar de curso para curso, foi esfriando coada através das grandes massas de gelo, que fazem corôa á montanha do Esquecimento. . . .

Pelletan, como Michelet, era um poeta da prosa. Castilho fingiu-se muito admirado de que elle houvesse dito que a poesia metrificada duraria pouco tempo. Castilho pertencia tambem á familia dos prosadores poetas, e bem sabia que Eugenio Pelletan tinha razão por si e por elle. E o caso é que tinha, porque poucas vezes se tornarão a reunir, como em Pelletan, mais poe-

sia na palavra e mais poesia na idéa. Para elle, tudo era querer rasgar novos horizontes, saciar-se da luz matinal de novos ideaes, tudo era futuro,—no assumpto; mas, pelo que tocava á forma, revivia o passado nas tintas que tão vivamente coloriam o seu estylo, como se n'aquella mesma hora houvessem sido roubadas á palêta de algum dos grandes pintores da Renascença ou a alguma d'essas formosas vidraças da Edade-média, que o sol atravessou deixando gravado n'ellas todo o iris da sua luz. . .

E d'estes dois factores poderosos, o passado e o futuro, d'estas duas visões que lhe enchiam a alma, nascêra a individualidade litteraria de Pelletan, ao mesmo tempo historiador e propheta, vendo tão claro através dos seculos que passaram como através dos seculos que ainda hão de vir.

Elle tinha a intuição do progresso social, tão nitida, tão luminosa e tão segura, como teve Galileu a intuição do verdadeiro systema planetario. Disse um: A terra move-se. Disse o outro: O mundo marcha. E o tempo acabou por dar razão a ambos.

Mas, ao mesmo passo que Pelletan era um vidente para amar o futuro, era tambem um historiador para lembrar o passado. Propheta como Galileu, para se erguer até á culminação de todos os progressos que os seculos futuros hão de attingir, retrogradava como Moysés até ao genesis das primeiras pulsações da vida universal no vasto coração da natureza creada.

Elle proprio parecia descrever-se n'essa estranha situação em que lhe era dado ler através de todos os tempos,—os que foram e os que hão de ser.

«O desconhecido propheta do seculo dezenove estava

silencioso havia longo tempo. Sempre de pé, a cabeça ligeiramente inclinada sobre o hombro, contemplava o espaço na attitude voluptuosamente languida da *reverie*. O seu vulto, cingido pelo ceu, tinha a tranquillidade augusta da inspiração. Parecia ler com os olhos d'alma não sei que ignorados dramas através dos páramos da immensidade. Por momentos, eu julgava surprehender nos seus labios o sorriso severo da intelligencia, como se escutasse um interlocutor invisivel nas trevas.»

Este homem estranho, convulsionado pela commoção prophetica das sybillas, via desfilar deante de si, como elle proprio dizia, todas as legiões dos séculos n'um minuto, e só lhe bastava relancear os olhos para ler e comprehender toda a pathetica odyssea de seis mil annos de progresso.

Dir-se-ia que o seu pedestal era o topo de uma colossal montanha, e que d'ahi, deixando escorregar o olhar pelo pendor das vertentes, podia mergulhar a vista nos abysmos da Historia como na profundeza dos valles. Então principiava a desfilar a enorme procissão da humanidade, os phantasmas do passado e as visões do futuro. A terra, molle e fluida, como a argilla sobre a roda do oleiro, gyrava pela primeira vez na sua orbita ao contacto inflammado do éther. A grande massa das aguas, suspensa ainda na atmosphaera, rolava de um polo a outro como nuvem sombria, e esperava o momento em que, carregada com o peso de todos os mares, devia cahir sobre a terra como uma tromba infinita. Mas a torrente despenha-se das alturas, desencadeando na queda um tufão de electricidade, e o planeta, subitamente inundado, reage contra a invasão da agua por uma violenta explosão de vulcões. E ao trovão que ribombou nas al-

turas correspondeu o trovão que ribombou nas crateras. A lucta dos elementos creados foi grande e terrivel, a onda luctou com a lava, e acabou por submergir a cratera. E a terra começou a rodar sobre si mesma, vibrante ainda da sua longa commoção, até que, mais tranquilla e serena, pôde offerecer-se como tablado para a longa representação dos dramas da humanidade.

Pelletan viu tudo isto, remontando-se ao primeiro dia do genesis. A sua Historia, como a de Moysés, começa com o mundo. E com as tintas vivazes, que eu fui arrancar á sua palêta opulenta, refunde a grande téla mosaica do *Fiat* creador. Podendo encarnar-se no vulto de todos os actores que teem representado no eterno drama dos seculos, principiou por querer reconstruir o proscenio. Depois recortou os bastidores, pintou os pannos do fundo, dispoz as alfaias e os aderêços da scena, e elle proprio deu o signal do contra-regra.

Então o primeiro actor apparece. E surge a nossos olhos Adão redivivo, imperfeito e rude como um esboço de barro,—o rosto desenvolvido á custa do cerebro, o craneo estreito, a fronte lisa, o olhar apagado, o labio espesso, a espalda macissa, a mão desageitada, o pé aberto em leque, o passo resonante, o andar medroso, a sensação preguiçosa, a vontade incerta, a memoria inerte, a voz guttural.

O grande drama da Historia vae começar, gyrando sobre o primeiro homem, como a esphera da terra gyra sobre o proprio eixo. Faltava ainda, porém, a alma de todo o drama humano,—a palavra. E Adão, vivendo frugalmente da caça, encontrou, na cidadella sagrada da sua intelligencia, as primeiras armas do pensamento, idéas que voavam sob a fórmula de flechas cortando o ar.

Espicaçado pela necessidade de traduzir o seu pensamento, Adão encontrou a palavra, a rude explosão da voz, um simples grito de triumpho ao vêr a caça abatida a seus pés, um outro grito de vencedor vendo Eva tão humilhada perante a sua força como a gazella do deserto que elle ferira e prostrára. . .

Assim principia o cyclo longinquo dos tempos barbaros, em que a força é a unica realeza, e a unica religião, porque o mais forte é divinizado pelos fracos. E' assim, pois, que o terror cria os primeiros deuses. A força, diz Pelletan, é a primeira alma brutal da materia, o amor não é senão uma applicação da força á reproducção da especie. A mulher cáe prostrada como a gazella, mas desde o momento em que o amor aqueceu o coração do forte, estava descoberto o segredo de fazer palpitar de interesse o drama da humanidade.

A alma parece accordar de um longo somno, cuja duração não póde fixar. E' uma voz interior que a desperta, é o sentimento rudimentar da arte que a anima. A noção da linha e a da côr despertam com a *tatouage*. O som torna-se monosyllabo. O grito transmuda-se em canto. O primeiro dia da humanidade raiou.

A pouco e pouco, scena a scena, acto a acto, o grande drama da vida desenrola-se. O homem conquista os meaes, e encontrará no ferro um braço mil vezes mais poderoso do que o seu, capaz de cortar, de dividir, de transformar a materia. Com o ferro abrirá o seio da terra para fecundal-o. E os animaes de indole docil acorrem a offerecer-lhe o seu character de domesticidade, os rebanhos sociaveis e sympathicos acudirão a offerecer-lhe o seu auxilio para uma vida em commum, que o seio uberrimo da terra alimentará por egual. A vida pas-

toril começára então. Da lã dos rebanhos nasceu a túnica e a tenda. A mulher perdeu o seu character de Venus vagabunda, que passava de um forte para outro forte, e localisou-se na tenda do seu protector, pertencendo-lhe, sendo sua, como a mais estimada ovelha do rebanho. Valorizou-se como um genero de preço. Para compral-a era ás vezes preciso fazer um sacrificio enorme: Jacob serviu quatorze annos Labão para ganhar Rachel.

N'este meio calmo e sereno, na vida tranquillã e pacifica, a alma humana desabrochou em flor. A palavra passou do monosyllabo á agglutinação das syllabas, como uma raiz de que irradiam ramificações. O florescer da palavra produziu os fructos da Poesia, e com a Poesia errante dos aédos nasceu a primeira chronica da humanidade. Mais tarde um laço de unidade prendeu esses elementos poeticos, e nasceu a *Illiada*.

Então a superioridade da força inclina a cabeça perante o direito da ancianidade. A tribu curva-se deante do patriarcha. E é sob a voz indiscutivel do chefe, carregado de annos, que a tribu se fixa n'um dado logar, presa á terra pelo dente da charrua, e pela abundancia com que os vegetaes pagavam o esforço do trabalho agricola.

Então, fixada a tribu, a muralha substitue a tenda. A casa, recentemente construida, alargou-se em cidade. O palco do drama social dilatou-se. O cyclo das velhas civilisações estava iniciado, aberto.

A reunião das cidades produziu a nação, como uma onda que se alastra sobre a praia. A civilisação é expansiva no espaço, tende a derramar-se como um liquido.

A Índia fôra o primeiro *atelier* da civilisação, rodeiado de montanhas; fôra, n'esse *atelier*, abrigado contra as irrupções armadas, que se fabricaram os primeiros codigos e os primeiros dogmas, manufacturados pela mão do sacerdote, porque a religião era então a sciencia.

O indio, esmagado pela fatalidade da casta, deixou-se anesthesiar pelo despotismo. A India antiga morria assim, como um corpo exausto, mas a alma do progresso emigrava para outras latitudes, e bradava das alturas aos escravos que se deixavam matar: Levantae-vos e marchae.

O progresso pôz-se a caminho para a jornada dos seculos. O homem encontrou a estrada preparada para o receber, o seio da terra abria-se-lhe em abundancias, as arvores curvavam para elle os braços carregados de fructos.

O Egypto parecia um enorme celleiro que esperava pelo homem. O Nilo corria como uma revelação de fecundidade. E a intelligencia humana, tranquilla na fatura, delinheou os primeiros traços da civilisação das pyramydes. Um dia foi preciso corrigir no solo os vestigios deprimentes das inundações do Nilo. Então o sacerdote egypcio inventou a geometria. Ora a geometria, segundo Pelletan, é a estrada do infinito. *Uma vez armado do compasso intellectual do espaço, o geometra sagrado emprehendeu o cadastro do firmamento.* A astronomia apontou então para o ceu, e prophetisou. Os cometas appareceram á sua voz. O sol deixou-se regular pela vontade dos homens. A terra conquistou o ceu.

A Persia, povoada de tribus nómadas, inquieta e freme, fôra providencialmente animada pelo espirito de conquista. Posta no limite de dois continentes, parecia

encarregada de levar de uma fronteira a outra a mensagem das idéas. Por isso a civilização da Persia é principalmente conquistadora, espraia-se como uma onda armada, obedecendo á fatalidade do seu berço, assim como a civilização da Phenicia, posta entre a floresta do Libano e o Mediterraneo, é principalmente navegadora. Bastou-lhe cortar o tronco de um cedro, lançal-o ás aguas, para conquistar o mar e a terra.

Pelletan compara a Grecia a uma flôr que desabrocha o calis sobre o Mediterraneo, ligada ao continente pela haste estreita do isthmo de Corintho, fluctuando na extremidade da Europa, ao sabor das virações que sopravam da Asia e da Africa.

Na aza do vento, vinha o póllen das idéas que fecundava a flor. E foi assim, baloiçada pelas brisas fecundantes, que a civilização da Grecia floresceu, um pouco sensual, como a pulverisação do póllen, um pouco penetrada do sentimento da forma, como a noiva que se revê na limpidez do espelho. E a Grecia tinha em cada um dos seus portos outros tantos espelhos para mirar-se. Por isso a Grecia substituiu o anthropomorphismo ao pantheismo.

Sahindo da Grecia, a civilização foi acampar no Occidente. Namorou-a a peninsula italiana, que ao mesmo tempo podia aproveitar o mar como estrada e defeza. A civilização não fez mais do que saltar de peninsula para peninsula. Roma não resistiu, compenetrou-se desde esse momento de que o seu verdadeiro papel era offerecer-se como terra de asylo aos homens e ás idéas. Por isso Roma, récebendo no seu seio todas as raças, tornou-se, para que assim o digamos, a patria do cosmopolitismo. E alongando cada dia as suas fronteiras, chegou, quasi

sem dar por isso, a abranger o mundo todo. Roma, diz Pelletan, era a synthese viva das nações.

Foi no meio d'esta civilisação cosmopolita, feita de elementos estranhos, que principiou a sentir-se nos espiritos o vago presentimento de um laço que os prendesse n'uma aspiração commum. Uma voz interior suspirava pela unidade moral, e levantava templos a um deus ignoto. Essa voz foi crescendo, crescendo, até que se ouviu troar: O deus Pan morreu.

E o paganismo inclinando, vencido, a cerviz, fixou os olhos moribundos na estrella que brilhava no Oriente. Jesus Christo nascia. E nascia com o Messias uma nova civilisação.

Os tempos succederam-se. A Edade-média gerou essa prodigiosa reacção que se chama a Renascença. O pensamento, livre de todas as peias, exalça-se, dilata-se, abarca o mundo, vâa com a imprensa, com o telegrapho; o homem torna-se multiplo pelo paquete e pela locomotiva. A lei do progresso ascende na escala de todas as conquistas intellectuaes com a rapidez com que o gageiro sóbe pelo mastro do navio para descobrir, do cesto da gávia, novos horizontes.

A alma de Pelletan viu, adivinhou a resolução de todos os problemas modernos pela intuição de que as sociedades obedecem como a esphera da terra á lei do movimento. *Le monde marche!* tal era o seu grito, a sua divisa.

E o tempo dera-lhe razão.

Lisboa, 22 de dezembro de 1884.



Ferdinand Denis

Cá me chegou a noticia de haver fallecido, em Paris, Ferdinand Denis, o velho amigo de Portugal, que tanto se interessava por tudo quanto nos dizia respeito, e que escreveu da nossa historia com muito mais consciencia do que varios portuguezes o teem feito.

Era um ancião venerando, que consumiu a vida inteira cultivando as lettras com essa absorvente dedicacção de todo o homem que, havendo-lhes tomado gosto, não conhece melhor distracção n'este mundo. Ferdinand Denis morreu de noventa e dois annos, podendo dizer-se que a maior parte d'elles a passou no fundo da bibliotheca de Santa Genoveva, rodeado de livros e de manuscritos, conversando com o passado n'esses silenciosos dialogos que fazem a delicia dos espiritos concentrados e meditativos.

Quando algum portuguez ia visital-o ao seu retiro de bibliophilo, á sua Thebaida de solitario, em que as ar-

vores eram substituidas pelos codices e pelos chronicons, Ferdinand Denis sentia o mesmo prazer que Alexandre Herculano, o romancista do *Monge de Cistér*, seria capaz de experimentar se lhe dissessem outr'ora, em Val-de-Lobos, que o condestavel D. Nuno vinha annunciar-lhe a visita de D. João I.

Era que Ferdinand Denis conhecia principalmente o Portugal glorioso de Fernam Lopes e Azurara, de Ruy de Pina e Damião de Goes, o Portugal antigo, que estudára nos chronistas e nos historiadores, o Portugal das navegações audazes e dos descobrimentos heroicos, o Portugal que hasteou na India o pendão de Ourique e no Brazil a cruz do Redemptor; o Portugal da Ala dos Namorados e dos serões manuelinos, o Portugal cuja historia triumphal consegue encher de entusiasmo e de assombro o espirito humano, quando segue através dos tempos a lucta homericã d'este pequeno povo com as superstições do passado, com os moiros e os cafres em Africa, com as vagas do Oceano, com Adamastor no Cabo das Tormentas, com os rajahs na India, com os arabes na Terra Santa, e com os castelhanos em tantissimas pelepas travadas no interior do paiz, na fronteira ou por Castella dentro.

Sim! este era o Portugal que Ferdinand Denis se habituára a conhecer e amar, o Portugal de que havia lido os historiadores e escrevêra a historia, o Portugal das grandiosas figuras homericas, que, n'um monumento ideal, se agrupam em torno da estatua colossal de Affonso Henriques, como em Edimburgo, no Princ'es Street, os heroes e as heroínas de Walter Scott rodeiam, n'uma attitude de contemplação, o vulto do seu immortal creador.

Estou capacitado de que Ferdinand Denis conhecia pouco do Portugal hodierno, que estava longe de saber, como o sr. Le Roy Beaulieu, qual o estado das nossas finanças contemporaneas, a quanto monta a nossa divida, e a quantos por cento estão cotados os nossos fundos na Bolsa de Pariz ou no Stock Exchange de Londres.

Elle conhecia o mestre de Aviz muito melhor do que a organização actual dos nossos partidos politicos, lia mais Fernam Lopes do que o *Diario* das nossas sessões parlamentares, e fallava com maior conhecimento de causa do modo como nós expulsámos de Portugal os hespanhoes que da revolução da Maria da Fonte, que expulsou do poder os Cabraes.

Varios portuguezes de distincção visitaram Ferdinand Denis na bibliotheca de Santa Genoveva. Quer-me parecer que, em vez de lhes perguntar pelo duque de Saldanha ou por Fontes Pereira de Mello, desejaria saber qual era o estado de conservação da egreja da Batalha, do mosteiro de Alcobaça e da torre de Belem. Conversaria de João das Regras e do Infante D. Pedro, de Vasco da Gama e Affonso de Albuquerque, de Bartholomeu Dias e D. João de Castro.

Se não estou em erro, conta Julio Cesar Machado, no livro *Das loucuras e das manias em Portugal*, que certa dama fidalga, recolhida no hospital de Rilhafolles durante um grande numero de annos, lhe perguntára, quando elle a visitou, pela saude d'el-rei D. João VI.

Era que o mundo tinha-se immobilisado, para essa dama desventurosa, desde que ella o abandonára, e fôra no reinado de D. João VI que a razão se lhe apagára n'um crepusculo de melancolia como os dias de inverno...

O gosto dos estudos historicos chega a produzir abstracções extraordinarias, que alienam todas as outras relações do espirito com o mundo exterior. Vive-se mentalmente n'uma dada epoca que mais directamente feriu a nossa attenção, e é dentro d'essa epoca que vêmos resurgir todos os personagens extinctos, vitalisar-se o pó das sepulturas, galvanisar-se toda uma sociedade de que para os outros apenas restam memorias fugitivas.

A historia antiga de Portugal deve a Ferdinand Denis relevantissimos serviços, porque elle a estudou nas melhores fontes classicas, e a vulgarizou na lingua franceza, que é a moeda corrente em todos os mercados da civilisação europea.

Se elle não houvesse sido um investigador escrupuloso, ter-nos-ia feito um tão deploravel desserviço, propagando, na sua lingua, inexactas noticias historicas, quão grande foi a gloria que nos deu contando ao mundo os nossos feitos antigos sem lhes atraiçoar a verdade e a grandeza.

Ordinariamente os francezes possuem, como poucos outros povos, o egoismo da nacionalidade. Eu me explico, aclarando o meu pensamento. O francez ama principal e quasi exclusivamente a sua patria, conhece e divulga as glorias do seu paiz, e é talvez esta qualidade que dá á França esse bello espirito de cohesão patriotica, que faz a sua força como nação, e a sua grande solidariedade politica na metropole ou nas colonias.

Um francez da Algeria está tão saturado do seu espirito de nacionalidade como um francez de Pariz. Uma idéa nascida no *boulevard* dos Italianos propaga-se tão rapida e consistentemente de Pariz para toda a França,

incluidas as colonias, como, se ao tempo da sua concepção, houvesse sido communicada pelo telephone ou pelo telegrapho a todos os cantos do mundo em que um francez exista.

Os francezes gostam de viajar, porque são naturalmente alegres; para realizar uma viagem a alegria é um factor tão absolutamente indispensavel como o dinheiro.

Mas, passando através das outras capitães do mundo, o francez tem sempre deante dos olhos um unico ponto de referencia, um só estalão por onde afere todos os progressos e todas as grandezas: esse ponto de referencia é Pariz.

De resto, o francez sabe observar, mas observar principalmente para, em honra da França, se rir de tudo o que não seja a França. As grandes nações da Europa que o francez visita, parecem-lhe retardatarias e atrasadas a ponto de que em seu espirito se faz a convicção de que a França pôde mettê-las n'um chinello; quanto aos pequenos paizes que visita, o francez acha-os ordinariamente tão insignificantes, que não está com meias medidas: mette-os logo na algibeira, e segue viagem.

Ferdinand Denis constituia uma excepção a esta regra geral dos francezes.

Sem deixar de ser um bom francez, pelo nascimento e pelo coração, entendeu que era uma maneira de bem servir a sua França o enriquecel-a, no idioma patrio, com as noticias historicas de outras nacionalidades, com a illustração de todos os feitos brilhantes dos povos que, por sua vez, haviam fornecido um elemento á civilização geral do mundo.

Comprehendeu que a civilização é uma cadeia travada, elo a elo, pela cooperação de todos os povos progres-

sivos, e que isolar-se um paiz no seu orgulho nacional é o mesmo que chegar todos os dias á mesma janella para vêr as mesmas arvores ou os mesmos predios.

Visitando, na mocidade, o Brazil, a Hespanha e Portugal, Ferdinand Denis não se limitou a mettel-os no bolso do collete para, chegando ao seu paiz, os autopsiar ridiculamente sobre o marmore de um botequim.

O que elle principalmente viu deante de si foi trez civilisações, cujas origens e progressos se propoz desde logo estudar. E o seu enthusiasmo por Portugal procede talvez do facto de ter visitado tambem o Brazil, podendo assim observar o bifurcamento da civilisação portugueza na metropole e na mais opulenta das suas antigas colonias.

Naturalmente foi induzido a estudar todas as ramificações da civilisação portugueza sob o ponto de vista da sua expansão colonial e, não se limitando apenas ao Brazil, conseguiu escrever da India, que nós conquistámos e dominámos, com um conhecimento de causa extremamente raro em estrangeiros, muito especialmente em francezes.

Por todas estas razões, esse nonagenario illustre, que acaba de entrar no seio da terra, merece o nosso respeito e a nossa devoção.

Foi um dos melhores amigos que Portugal tem tido fóra de portas, onde aliás todos os amigos são tão raros como prestantes.

Merece bem o nosso luto, as nossás corôas de perpetuas, pela razão muito simples de que em toda a sua vida lhe aprouve reconhecer a nossa gloria, e a justiça das nossás corôas de louros.

Que durma em paz o illustrado ancião, o erudito bi-

biographo que chamou a attenção da França e do mundo — pois que é para todo o mundo que a França escreve — para os grandes feitos de um pequeno povo, que como os francezes pertence á raça latina e, como elles, communga as crenças religiosas que a egreja de Christo sustenta e propaga.

A raça e a religião fizeram-nos irmãos dos francezes, mas não raro expludem entre irmãos as invejas de Caim e as ambições de Jacob, sobretudo quando se trata da partilha de glorias nacionaes.

Ferdinand Denis, como José do Egypto, reconheceu os seus irmãos e, em vez de os espoliar da gloriosa herança de tantos feitos historicos, recheiou-lhes o alforge com um bom livro do *Monde pittoresque*, na bella collecção de Firmin Didot.

Não esqueçamos isto.

Caldas da Rainha, 10 de agosto de 1890.



Alphonse Karr

Dentro de dois mezes perdeu a França dois dos seus escriptores mais distinctos: em agosto, Ferdinand Denis; agora, Alphonse Karr.

Ambos elles tinham direito á consideração da França e do mundo, mas a recordação que estes dois nomes desperta no coração portuguez não fere a mesma corda, não incide sobre o mesmo sentimento.

Um, Ferdinand Denis, era *o amigo de Portugal*, um dos raros estrangeiros, principalmente francezes, que professavam pelo nosso pequeno paiz uma sincera e inalteravel sympathia.

Era como que uma pessoa de familia—a grande familia latina, digamos assim—que nos enviava de longe, sempre que podia, um saudoso adeus fraterno.

O outro, Alphonse Karr, era um antigo conhecido da mocidade de todos nós, uma antiga visita do nosso quarto de estudante, que nos alegrou durante muitas horas dos

annos floridos da vida com a sua *verve* impagavel, com a sua poesia sentimental muitas vezes.

Porque, a verdade é esta, elle, um critico, um *blagueur*, um sarcastico, elle, o auctor das *Guêpes*, elle, um *sabreur* da satyra, um esgrimista da mordacidade, pairava, de vez em quando, nas regiões celestes onde a poesia, pungida por uma dôr intima, esconde a cabeça n'uma nuvem para chorar á vontade, e deixa cahir na terra uma lagrima. . .

Elle, o auctor das *Guêpes*, foi tambem o auctor do *Sous les tilleuls*, um drama de amor, cheio talvez de personalismo.

Elle, que parecia rir de tudo, chorava ás vezes como um poeta, e todavia nunca foi verdadeiramente um poeta senão quando escrevia prosa. . .

Elle, que parecia armado de todos os sentimentos fortes que um critico precisa possuir, comprehendia e adorava todas as delicadezas maviosas da creação: as flores, por exemplo.

Foi por vezes um inimigo dos homens, mas conservou-se inalteravelmente um amigo das flores.

A manifestação da sua verdadeira individualidade litteraria coincide justamente com o periodo em que mais dedicadamente amou as flôres. E comtudo foi esse o periodo em que mais atacou os homens.

Percebe-se. O *seu jardim*, em torno do qual viajava, era como que um porto de abrigo em que o critico lavava os pulmões, infeccionados nas maremas sociaes, com o ar balsamico das rosas e dos jasmims. Era ahi que elle repousava, retemperando forças para voltar á esgrima da satyra, á gymnastica do epigramma. Era no *seu jardim*, finalmente, que elle, aborrecido da peque-

nez mesquinha dos homens, admirava, através das flôres, a grandeza sublime de Deus.

Foi toda a sua vida um excentrico, porque todo aquelle que estuda os costumes de uma sociedade, principia por analysal-os, e acaba por aborrecel-os.

Começa por mergulhar na torrente das paixões mundanas, correndo ás vezes até o perigo de afundar-se; mas, se pôde salvar-se, deita a fugir para longe e, movido de um sentimento nobre, avisa os incautos, medica os doentes, procura salvar os naufragos.

Eis aqui a razão por que alguns escriptores, depois de um periodo tempestuoso, se volvem criticos, parecendo ás vezes que chegam a aproximar-se da fronteira do scepticismo.

Não ha um sceptico que não seja um desilludido. O scepticismo não é uma lesão moral com que se tenha nascido, como acontece com a maior parté das lesões do corpo. E' a cicatriz de uma ferida, a crosta de uma chaga que fechou. Ora, segundo parece, o primeiro amor de Alphonse Karr foi a sua primeira ferida. Li algures que o assumpto do *Sous les tilleuls* foi arrancado do proprio coração a golpes de penna; que todo esse romance não é mais do que o poema em prosa da primeira desgraça do coração, sempre a mais profunda.

Desilludido, um pouco sceptico como todos os desilludidos, voltou-se para as flôres e para o mar, comprou um jardim e uma canoa, e triplicou a sua celebridade annunciando-se o florista Alphonse Karr, o patrão Alphonse Karr, o escriptor Alphonse Karr.

N'estas circumstancias, enquanto elle ia cheirando as flôres e pilotando a canôa, as suas *Vespas* iam fer-

roando a humanidade, picando a vaidade dos litteratos, mordendo o orgulho das mulheres, ferindo os ridiculos do seu tempo.

Teve, como poucos escriptores, aquillo a que os francezes chamam a *verve*. Mas a *verve* é uma força que se gasta como todas as forças. Rir é um prazer que fadiga como todos os prazeres. Ou porque o escriptor fôsse cançando a sua *verve* ou porque o publico se fatigasse de rir, as *Vespas* iam perdendo a voga, sendo menos procuradas, e Alphonse Karr teve de recorrer a um expediente para aquecer o espirito do publico, que visivelmente havia esfriado com relação ás *Guêpes*.

Qual foi esse expediente?

Alphonse Karr, depois de ter redigido e impresso dois numeros das *Guêpes*, fez que um jornal annunciasse a sua morte,—a morte d'elle escriptor.

Os outros jornaes copiaram a noticia, appareceram e prodigalisaram-se as commemorações funebres, os artigos biographicos, as necrologias laudativas.

Era que os jornaes pensavam que Alphonse Karr tinha morrido a valer.

Dizia um estadista portuguez, após uma longa enfermidade que tivera:

—Estive tão mal, que já os jornaes principiavam a dizer bem de mim...

Cá e lá... é a mesma coisa,—sempre a mesma coisa.

Espalhada a noticia da morte de Alphonse Karr, o primeiro numero *posthumo* das *Guêpes*, que appareceu, foi devorado pelo interesse publico.

Um segundo numero não se fez esperar, e Alphonse Karr, no meio das flôres do seu jardim, ria a bom rir

da peça que tinha pregado aos seus compatriotas, e ao mundo.

Não sei se foi por essa ocasião, mas quer-me parecer que sim, que, aproveitando o seu nome, lhe fizeram varios epigrammas, alguns «calembours», sendo este talvez o mais feliz, escripto a carvão n'uma parede: *Alphonse Karr bon rit.*

Mas todas estas excentricidades proprias do seu caracter, ferido desde as primeiras pugnas amorosas, acabaram por perder todo o prestigio de uma surpresa, o publico começou a habituar-se a ellas, a não lhes achar já novidade nem graça, e elle proprio, talvez, começou a pensar do mesmo modo a seu respeito.

Desde essa hora deixou de ser um escriptor, no verdadeiro sentido d'esta palavra. Permittindo-se apenas o ser um amator das letras, voltou-se para as flôres, concorria ás exposições de floricultura, e lisonjeava-se de obter o primeiro premio. Só de longe a longe publicava um livro, mas esse livro já não era uma novidade sensacional, nem uma originalidade picante; era apenas o reflexo longinquo e quasi apagado da sua *verve* d'outr'ora, o epitaphio do seu talento que envelhecêra quasi tanto como a sua cabeça.

Está n'este caso, a meu vêr, o livro publicado em 1877 e intitulado *O espirito de Alphonse Karr.*

Parece-me poder dizer que Alphonse Karr, como escriptor, sobrevivêra a si proprio.

O seu famoso jardim, que elle immortalisára, acabou por ter inscripta sobre o portão de ferro a seguinte legenda: *O floricultor Alphonse Karr, escriptor aposentado.*

Ainda assim, escriptor aposentado... com direito ao terço.

Ah! que bellas horas de interesse e prazer elle nos deu outr'ora, já não direi com a mordacidade das suas *Vespas*, mas com os seus bellos romances que se chamam *A' sombra das tilias*, *Clotilde*, *Genoveva* e *Penélope normanda!*

E' por gratidão ao prazer que esses livros me proporcionaram outr'ora, que eu não quero deixar passar a data da morte de Alphonse Karr sem lhe enviar de longe um adeus affectuosó, como a um amigo antigo, que se estimava desde a mocidade.

O escriptor já tinha morrido, digamol-o francamente; agora morreu o homem que se chamou Alphonse Karr.

Mas dentro d'esse homem havia uma alma de artista a que todos nós, mais ou menos, devemos a recordação de uma hora de leitura agradavelmente passada.

Agradeçamos-lhe, pois.

Ericeira, 5 — 10 -- 90.

Uma escriptora portuense

Morreu sexta feira na Porto uma escriptora, que a geração nova já não conheceu, mas que teve celebridade e, melhor do que isso ainda, direito á celebridade.

Floresceu n'uma epoca em que se olhava de soslaio para as mulheres de talento, porque n'esse tempo o unico ideal a que uma senhora podia aspirar, para não inspirar desconfiança, era saber cuidar dô amanho da sua casa e da educação dos seus filhos, se os tinha.

A tradição do *lanam fecit* impunha-se ao sexo feminino como um dever imprescriptivel, que algumas damas estrangeiras, como madame de Staël e George Sand, haviam postergado com escandalo publico, pela lenda dos seus caprichos amorosos, o que contribuiu para augmentar o descredito que pesava sobre uma pennã dirigida por uns dedos femininos.

A burguezia conservadora do Porto era intransigente no respeito pelas tradições herdadas e transmittidas de geração em geração, e D. Maria Peregrina de Souza, a

despeito do seu talento litterario, não ousou arcar de frente com a estranheza que se faria em torno do seu nome, se o estampasse sobre a capa de um livro ou sobre as columnas de um jornal.

Por isso, quando Antonio Feliciano de Castilho redigia a *Revista universal lisbonense*, D. Maria Peregrina, se não pôde resistir á tentação de lhe enviar alguns dos seus escriptos, teve comtudo o cuidado de esconder a sua verdadeira individualidade no cryptonymo — *Uma obscura portuense*.

Ora esses escriptos revelavam uma n'esse tempo singular observação dos costumes populares portuguezes. Eram os primeiros passos dados entre nós no rastro de Garrett, para a constituição do *Folk-lore*, o inicio da investigação das crenças, superstições, agoiros e uzanças do nosso povo.

O espirito illustrado de D. Maria Peregrina entreviu de prompto o interesse peculiar ao estudo das tradições populares, no que foi favorecida pela circumstancia de viver entre a gente do campo, nos arredores do Porto, já em Moreira, já em Leça da Palmeira.

Se deu a esse estudo toda a importancia scientifica que elle hoje tem, não posso affirmal-o; mas comprehendeu, pelo menos, que o povo era um grande auctor anonymo, cuja obra andava perdida e dispersa, á espera que apparecessem colleccionadores que a fixassem pela escripta.

Castilho festejou na *Revista universal* a appareição de um inesperado collaborador, que, sem descer o capuz do dominó em que se envolvia, vinha enriquecer a variedade do periodico com um assumpto pouco explorado ainda entre nós, quasi novo em folha.

Acrescia que os artiguinhos enviados pelo correio do Porto eram escriptos n'uma linguagem desprerenciosa, singela, mas portugueza de lei ou, para me servir da propria expressão de Castilho, «em portuguez-portuguez, em portuguez do Minho.»

Parecia que o auctor seria realmente uma senhora, a julgar pela singeleza graciosa da phrase.

Castilho achou-se pois em frente de um enygma picante, a sua curiosidade estimulou-se, tanto mais que elle estava costumado a investir com os enygmas d'esta especie, porque o seu primeiro casamento foi architectado sobre um mysterio identico. De indagação em indagação, chegou o poeta a averiguar quem era a secular, que do convento de Vairão lhe escrevia cartas em que a admiração litteraria se alliava com um terno e casto perfume de amor. Foi assim que Castilho encontrou a sua primeira esposa. Agora já experimentado no trabalho de descobrir mysterios femininos, quiz desvelar a individualidade da *Obscura portuense*, que pelo correio do Porto lhe enviava interessantes artigos para a *Revista universal*.

Ainda d'esta vez não perdeu Castilho os seus bons creditos de decifrador de enygmas.

«Bati mato, diz elle; dispuz laços; amiudei reclamos; ajudou-me a fortuna. Depois de muito escapar-se-me d'entre mãos, como as sombras nos Elysios, que obstinadamente se esquivavam á luz do mundo, apprehendi, a final, mau grado seu, o formoso espirito, cujo mysterio me desatinava. Homem o haviam suspeitado muitos; que era dama apostava eu; e ganhei.»

D. Maria Peregrina bem tinha procurado evitar que no Porto a soubessem litterata, mas o faro de Castilho

foi descobrir o remanso aldeão onde a *Obscura portuense* se retraía modestamente, receiosa do que pensariam os seus patricios quando tivessem a certeza de que ella, em vez de fiar, escrevia.

Mas Castilho, tendo de ir ao Porto no apostolado do seu methodo de leitura, quiz conhecer a dama, cujo nome já pudéra descobrir.

Dirigiu-se a Moreira, onde ella residia.

«Chegámos ao descaír da tarde, conta elle; as duas irmãs, e seu pai, um respeitavel ancião, familia entre patriarchal e Gessnerica, assim como a vivenda, receberam-nos com alvoroço cordial, como se avistassem depois de tempos esquecidos parentes e companheiros de sua creação.»

A visita de Castilho foi a celebridade a bater á porta de quem a não procurava, nem queria.

Um escriptor tão altamente qualificado, a quem Herkulano havia chamado *alma afinada pelas harpas de anjos, rei das canções*, honrava a pessoa a quem considerasse com a sua estima.

Essa visita era, pois, uma especie de consagração solemne, de apotheose publica, e desde aquella hora o veu do mysterio, que até ahi havia mascarado a *Obscura portuense*, cahia feito em pedaços, a bella mascara tinha sido morta, já não podia furtar-se á celebridade, estava denunciada perante todo o publico da sua terra.

Então D. Maria Peregrina de Souza resignou-se á posição difficil que a admiração de Castilho lhe havia creado; difficil digo eu, porque ella bem sabia que a corrente da tradição era adversa ás mulheres de talento.

Comtudo D. Maria Peregrina, publicando romances

sobre romances, porque deixou muitos, elogiada pelas primeiras auctoridades litterarias do paiz, retratada na *Revista contemporanea*, de Ernesto Biester, e biographada por Castilho, conseguiu atravessar por entre os preconceitos do seu tempo, sem que o seu vestido de mulher honesta se rasgasse nos espinhos de um descredito.

Podia causar estranheza á sociedade portuense d'aquella epoca, sociedade essencialmente burgueza, pouco dada a lettras, a apparição de uma litterata, que tinha de viver entre senhoras que não eram lettradas, nem o queriam ser; mas á estranheza não se juntou a desconfiança inspirada pelas historias escabrosas, que se contavam a respeito das escriptoras estrangeiras.

As novellas de D. Maria Peregrina eram moraes, reflexos da sua existencia honesta e tranquilla.

Se ella não tinha o pulso de madame de Staël e de George Sand, tambem não tinha, em compensação, a sciencia pratica do mundo, que inspirou a *Corinna* ou a *Lelia*.

O que estava nos seus livros não era o perfume capitoso das essencias penetrantes dos *boudoirs* e salões, mas o aroma casto da madresilva, que lisonjeia o olfacto, sem subir á cabeça de ninguém.

O portuense bisonho acabou por acceitar isto, sem desconfiança, e consentir que as filhas lêssem os romances de D. Maria Peregrina de Souza, apesar de ella se entreter a escrever novellas em vez de palmilhar meias.

Quando eu a conheci, já a *Obscura portuense* declinava para a velhice, por isso que tinha nascido em 1809. Era, podia dizer-se com inteira verdade chronologica, uma senhora do tempo dos francezes.

Tinha deposto sobre o tinteiro a sua penna de romancista, não escrevia nem publicava romances, comquanto o ultimo que appareceu em volume fôsse impresso em 1876.

Mas consentindo na editoração a instancias de um parente, D. Maria Peregrina escrevia, na primeira pagina da *Henriqueta*, estas linhas, que denunciavam constrangimento :

«No ultimo quartel da vida parece-me leviandade reprehensivel dar á luz mais frivolidades ; comtudo dei o sim, não tornarei com a palavra atraz.»

Tendo visto desaparecer toda a sua familia, especialmente a irmã que adorava, e a que Castilho se refere, indo procurar companhia em casa de uns parentes, a velhice de D. Maria Peregrina cerrou-se n'uma escuridão de saudade e tristeza, em que a fé religiosa era o unico luar consolador que lhe podia sorrir por entre lagrimas e desenganos.

Conheci-a n'esse periodo, visitando egrejas e lausperennes, com um chapéu fóra da moda, um vestido antigo, e um chaile que não era do tempo dos Affonsinhos, mas que já devia ser chaile no tempo do Cêrco do Porto.

Frequentava o *Mez de Maria*, nas tardes de maio, na egreja de S. Bento da Victoria, cantava com o povo esses singelos versinhos que a devoção repassa e perfuma de uncção religiosa, fallava ás mulheres de capote e lenço que ajoelhavam a seu lado, e já nem se lembrava decerto de que um velho glorioso, que ainda então existia em Lisboa, Castilho, *o rei das canções*, lhe havia escripto a biographia com aquella penna de oiro, que tanto nobilitou a lingua portugueza.

D. Maria Peregrina já não olhava para o passado, que parecia ter-lhe esquecido completamente; olhava para a eternidade, que era o futuro, e mandava adiante da sua alma as orações fervorosas, que testemunhavam a sua fé em Deus,—única fé que lhe restava.

Nos annos que se seguiram, desapareceu do mundo, antes de desaparecer da vida.

O silencio que se fizera sobre a sua retirada existencia, na propecta idade a que chegára, foi causa de que eu a julgasse já fallecida, quando ultimamente escrevi um livro a respeito do Porto.

Morreu agora, é certo, mas a sua vida de escriptora tinha acabado ha muitos annos, e as suas relações com a sociedade tinham sido interrompidas desde o primeiro dia em que já não pôde sahir de casa para ir visitar alguma igreja.

Vivia entre parentes a quem deixou os seus haveres, e uma consolação me tranquilliza: é que tendo completamente esquecido o mundo, já não leu, decerto, o meu livro.

Lisboa, 19 de novembro de 1894

Os dois Dumas

E' verdadeiramente notavel que um escriptor como foi Alexandre Dumas, que perlustrou com reputação europea todos os generos litterarios, produzisse um filho que no romance ou no theatro conseguiu continuar a gloria do pai, sem aliás se parecer servilmente com elle.

Era para recear que toda a originalidade da familia Dumas ficasse esgotada pelo pai. Mas não aconteceu assim. Foram ambos brilhantes e distinctos, e, sem que se prejudicassem um ao outro, é todavia certo que ha, nas suas differentes feições de escriptores, um «ar de familia» tão assignalado, que a gente chega a acceitar sem hesitação a idéa de que um proviesse do outro, sem se fazer questão de que o pai fosse o filho ou o filho fosse o pai.

Todo o mundo cahia n'esta confusão, porque era vulgar dizer-se em França a respeito do filho: «*Son père est un enfant qu' il a eu dans sa jeunesse.*» E o pai, por

sua vez, dizia quando queria referir-se ao filho: «Je vous parlerai de mon meilleur ouvrage á moi, de Alexandre Dumas fils.» Elles mesmos se confundiam na sua mutua admiração. E comtudo são litterariamente duas individualidades tão opulentas, que não precisaram nunca plagiar-se um ao outro;—tão características e evidentes, que para o caso de os acharmos grandes, tanto importa que estejamos olhando para o pae ou para o filho. . .

Como n'uma familia tão peregrinamente privilegiada fosse inverosimil apparecer alguém sem talento, até Alexandre Dumas pae teve uma filha e Alexandre Dumas filho teve uma irmã cujo nome apparece no catalogo dos livreiros: fallo de Maria Alexandre Dumas, auctora do romance *No leito da morte*.

Se o pai tivesse produzido tantos filhos como livros, não haveria no mundo escriptor algum sem o appellido de Dumas, a humanidade actual não seria mais do que uma numerosa dynastia fundada pelo auctor dos *Trez mosqueteiros*.

Mas não foram precisos mais que dois homens d'essa familia para encher a Europa com o ruido do seu nome, e agora que o ultimo dos Dumas morreu, não sabe a gente se ha de chorar ainda pelo pai ou começar a chorar desde já pelo filho. . .

Poucas vezes tem o mundo presenceado um tão nobre espectáculo como esse que deram os dois Dumas medindo a sua propria grandeza com o mais terno respeito um pelo outro.

Eu só conheço dois exemplos.

Um, occorrido em Tanger no seculo XV, quando o infante D. Henrique e o conde d'Avranches, debaixo de um chuveiro de azagaias que os moiros lhes mandavam,

amavelmente declinavam entre si a honra de embarcar primeiro no batel que os devia pôr a salvo.

O segundo exemplo é o dos dois Alexandres Dumas, I e II.

Achava o filho que era elle a peor obra do pae, e quando entrou na Academia declarou alto e bom som que não considerava essa distincção senão como justo desaggravo devido ao pae, que nunca fôra da Academia.

O velho Dumas, em fallando do filho, parecia baboso como um avô que estivesse fazendo o elogio do neto. E' ouvil-o nas *Causeries*, essa encantadora serie de folhetins que servem para apostillar, n'um interesse autobiographico, as *Memorias* do proprio auctor.

«Vou fallar-vos, se m'ò permittis, de um bello e activo rapaz de trinta annos, cheio de força, de mocidade, de saude e, posso dizel-o tambem com ufania, cheio de futuro. Fallar-vos-hei do auctor da *Damas das Camélias*, do auctor da *Diana de Lys*, do auctor do *Demi-monde*.»

E' justamente n'essa obra que Alexandre Dumas pae conta a verdadeira historia da *Dama das Camélias*, quer dizer, a historia de Maria Duplessis, protagonista real da famosa novella do filho sob o nome de «Margarida Gautier».

Uma noite, no Theatro Francez, representando-se *Les demoiselles de Saint-Cyr*, Dumas pai, ao passar n'um corredor, ouviu abrir a porta d'uma frisa, e logo se sentiu agarrado pela aba da casaca. Voltou-se e viu o filho.

— Ah! és tu!

— Peço-te que entres.

— Não estás só?

— Mais uma razão. Fecha os olhos, mette a cabeça,

e não receies que te aconteça uma surpresa desagradavel.

O pae Dumas, que nas relações com o filho foi sempre o irmão mais velho d'elle, obedeceu.

Logo que enfiou a cabeça na porta, com os olhos fechados, sentiu sobre os labios a pressão de outros dois labios frementes, febris, n'uma caricia que em verdade tinha pouco de filial.

Abriu os olhos. Viu deante de si uma mulher de vinte a vinte e dois annos, que estava com o filho na frisa.

Era Maria Duplessis, a dama das camelias.

Alexandre Dumas pae reconheceu-a, de a ter visto nos theatros.

— E' preciso, disse-lhe ella, prender-vos á força!

— Dizei-o bem alto; talvez que vos acreditem.

— Ah! bem sei que não tendes essa reputação, mas por que sois então cruel para comigo? Já duas vezes vos escrevi dando-vos *rendez-vous* no baile da Opera.

— Junto ao relógio, ás duas horas da manhã?

— Confessaes que recebestes as minhas cartas!

— De certo que recebi.

— Por que não fostes então?

— Julguei que as vossas cartas eram para Alexandre.

— Para Alexandre Dumas, sim.

— Mas para Alexandre Dumas, filho.

— Ora vamos! Alexandre é Dumas filho, mas vós não sois Dumas pae, nem jámais o sereis.

— Agradeço a lisonja.

— Vamos ao caso: porque não fostes?

— Porque, da meia noite ás duas horas da manhã, não ha junto ao relógio da Opera senão rapazes com espirito e com vinte annos ou imbecis de quarenta a cinquenta. Como já fiz quarenta annos, os espectadores des-

interessados incluir-me-iam na ultima categoria, o que seria para mim um vexame.

— Não comprehendo.

— Vou fazer-vos comprehender. Uma bonita rapariga como sois não finge dar um *rendez-vous* d'amor a um homem da minha idade senão quando precisa d'elle. Em que vos posso ser util? Offereço-vos a minha protecção, e não fallemos mais em amôr.

— Não t'o dizia! exclamou Dumas filho.

— Pois bem, replicou Maria Duplessis sorrindo e baixando os olhos, consenti ao menos que vos visite.

— Sempre, disse Dumas pae cumprimentando-a como se fôra a uma duqueza.

E' que, observa elle, quando uma mulher é honesta, devemos-lhe essa homenagem; quando o não é, devemos-a a nós mesmos.

Por mais estranho que todo este picante dialogo pareça á norma dos nossos costumes, revela comtudo a affectuosa liberdade em que pae e filho viviam um com o outro. Sendo para sublinhar a circumstancia de que o filho fazia tão elevado conceito do pae, que não acreditava que elle cahisse no ridiculo de ir ter uma entrevista publica, no baile de mascaras da Opera, com uma *cocotte* em tanta voga, que o filho não se dedignava de acompanhal-a ao theatro. . .

Este Dumas que morreu agora, parece ser, observado nas suas obras, o mais velho dos dois, apesar de ser elle o filho. O pae gastou a vida a queimar a imaginação como um rapaz que nunca tivesse envelhecido. Maria Duplessis acertou quando lhe disse, aquella noite, no Theatro Francez: «*Mais vous n'êtes pas Dumas père, vous ne le serez jamais*».

«Tudo pela imaginação!» era a divisa do pae Dumas, que até descrevendo as suas viagens não podia deixar de ser phantasista e de fazer romance com a geographia.

Como em geral acontece aos rapazes, a moral preoccupava-o pouco quando urdia as suas novellas. A anecdotia, a aventura, o pittoresco da *petite histoire* encantava-o, seduzia-o.

O filho começou trabalhando á sombra do pae, no culto da imaginação, e na atmospheria romanesca do conto e da novella. A *Dama das camelias* parecia prometter um romancista em rebellião aberta com os preconceitos sociaes, empenhado em rehabilitar as mulheres perdidas. Mas, a breve trecho, o espirito de Dumas filho envelhece, o escriptor torna-se philosopho, faz-se critico de costumes, e investe com as mais difficeis questões de disciplina moral, como no *Affaire Clémenceau*, no *Homme-femme*, na *Femme de Claude*, e na *Recherche de la paternité*, o famoso debate sobre o adulterio.

Tal é a sua segunda maneira, a definitiva, aquella de que não desertou até ao fim da vida.

A mulher deixou de ser para elle o melhor ponto de apoio da imaginação, convertendo-se n'um objecto de estudo, um thema de critica psychologica.

E foi n'esta orientação litteraria que ha poucos dias falleceu em Marly, convertido como S. Paulo, aquelle Alexandre Dumas que depois de ter começado por fazer a apothéose de Maria Duplessis, personificando n'ella uma classe, queria castigar com uma bala os erros da mulher adultera : *tue la*.

Tal foi a differença entre o pae e o filho, mas o *ar de familia* resalta principalmente d'essa inexgotavel prodigalidade de espirito, que os dois espalhavam ás mãos

cheias não só nos seus livros, mas ainda — e talvez mais — na sua conversação.

Os paradoxos, as maximas, as ironias, os epigrammas dos dois Dumas, se fossem recolhidos em volumes, avultariam enormemente a bagagem de um e outro.

No *humour*, sobretudo, eram elles bem irmãos, chegando a parecer que o pae antecipou a graça moderna do filho, e que o filho remoçou a graça antiga do pae.

A obra do filho é menos numerosa que a do pae, o que aliás se explica facilmente, não por diminuição de talento, mas porque ao passo que o pae galopava ao sabor da imaginação, o filho enleava-se na defesa de uma these, que lhe travava a penna.

E da necessidade de trabalhar pausadamente, reflectindo, veio certamente o gosto que o filho tomou pelo boleio da phrase, veio a preocupação do estylo, sendo, sob este ponto de vista, enorme a distancia que elle percorreu desde *La vie à vingt ans*, tão abandonadamente escripta, tão incolor, até aos seus ultimos dramas, á *Denise* e *Francillon*, trabalhados com a paciencia de um benedictino.

O pae foi grande entregando-se a si mesmo, não tendo outra preocupação senão a de ganhar dinheiro para o dissipar depois. Sempre confiado na sua imaginação, que nunca lhe faltou, morreu com vinte francos ao canto da gaveta. Se tivesse escapado, faria um romance, trez romances no dia seguinte. O filho não foi menor do que o pae, mas como a sua obra era mais laboriosa, como o dinheiro lhe custava mais a ganhar, esperdiçava-o menos, e por isso lhe aconteceu morrer rico.

Aqui está ainda outro ponto de vista, o da economia, em que o filho parece ser o pae, e o pae parece ser o filho...

Um dia, alguém foi dizer ao velho Dumas :

—Sabes? O teu filho escreveu um drama, que se intitula *O pae prodigo*. E's tu...

—Sim! respondeu elle gargalhando. Pois então tenho de escrever um drama que se intitule—*O filho avarento*.

Comprehendiam-se e estimavam-se.

Pelo que, de braço dado, como dois bons amigos, vão pae e filho em caminho do templo da Gloria e da Immortalidade, a passo igual, com a certeza de que chegarão ambos ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo entrarão—juntos.

1 de dezembro de 1895.

João de Deus

Frio agudo de janeiro, cortante como o fio de uma espada. Nas altas montanhas escabrosas, os raios do sol, saltitando sobre a neve, parecem pequeninas aves com azas de ouro, abrindo-as e fechando-as n'uma rutilação cambiante. Na aldea ou na cidade, o conchego do lar, cerradas as portas, adoça os rigores da temperatura inclemente, aquecendo o ar como n'uma estufa onde a grande paz das familias vegeta docemente n'um tepido remanso. As creanças caem adormecidas sobre a «Cartilha maternal» passando, n'uma transição suave, da contenção do espirito para o somno inconsciente, — eterna imagem da morte. E sonham porventura que uma voz amiga, branda e meiga, lhes está dizendo palavras de saudade cariciosa, que parecem o ultimo adeus soluçado na lyra de um poeta moribundo.

E' talvez a alma de João de Deus que vai partir para muito longe, e que não pode deixar a terra sem despe-

dir-se das loiras creanças, que elle amou como Christo, e ensinou como Castilho.

«Adeus» murmura a alma do poeta suspensa entre a vida e a morte, n'um anseio de funda saudade.

Choram as creanças accordando, sem que possam dizer ao certo o que viram e ouviram n'esse triste sonho que tantos as fez soffrer.

E a alma do poeta, subindo no azul, para a eterna luz, vae repetindo ainda : «Adeus, adeus.»

*

* *

Por sobre os salgueiros do Mondego, por sobre os oliveaes cinzentos do «Penedo da saudade», por sobre as cordas das guitarras adormecidas na calada de noite velha, passa um fremito semelhante ao vôo rapido de uma ave invisivel e fugitiva.

Estremecem como n'uma convulsão de dôr os salgueiros corcovados e as pardas oliveiras, chora uma corda das guitarras n'um instantaneo soluço de amargura, — é a alma de João de Deus que passa pela ultima vez para dizer adeus ao Mondego, ao Penedo da Saudade, á Lapa dos Esteios, á Fonte das Lagrimas, á bohemia de Coimbra, que elle amou e que o amaram.

E a alma do poeta, subindo no azul, para a eterna luz, vae repetindo saudosa : «Adeus, adeus.»

*

* *

Todas as coisas delicadas, o coração das mulheres, o

peito das andorinhas, o lichen de oiro, as pétalas das violetas e dos myosotes, as azas das mariposas, as conchas finas do mar, os olhinhos claros dos diamantes, tudo parece chorar de tristeza e desalento, n'uma orphanidade inconsolavel, como se ouvissem a alma do poeta repetir-lhes saudosa: «Adeus, adeus».

Que elle foi o poeta de todas as delicadezas onde avultasse uma perfeição, o cantor de todas as miniaturas onde surprehendesse um reflexo de graça divina.

Por isso elle amou tanto as creanças, as flores do campo, as aves do ceu. Por isso elle fugia das ambições humanas, que pensam em escalar o castello das grandezas sociaes.

«Para que serve tudo isso?» perguntava a sua alma ingenua e simples.

Para viver, pensava elle, basta n'uma grande cidade um tecto modesto, uma familia que nos ame, algumas creanças que nos abençoem, trez ou quatro amigos que nos procurem e, dentro de nós mesmos, um espirito que sonhe, uma alma delicada capaz de escutar a eterna palpitação de todos os corações pequeninos e castos.

*

* *

Quando, um dia, a sua casa foi a Méca de uma peregrinação inesperada, quando o rei o visitou e condecorou, quando o coração ardente dos estudantes de todo o paiz pulsou contra o seu n'um abraço de effusivo entusiasmo, João de Deus, timido e surpreso, fazia lembrar a «Cendrillon» ao ver que o chapim perdido lhe tinha conquistado um throno e uma corôa.

E perguntava a si mesmo: «Como é que os grandes ouviram o que eu disse aos pequenos?!»

Boa e innocente alma, homem que viveste creança, cheia de illusões, de receios, de alegrias infantis, se a morte é mais alguma coisa do que a decomposição da materia organica, tu estás agora na eterna bemaventurança dos bons, dos humildes, e das creanças que Deus ama.

*

* *

Ha um mez, haverá pouco mais de um mez ainda, encontrei João de Deus na Avenida da Liberdade.

Elle ia acompanhado por um amigo. Um bom sol, largo e claro, varria d'alto a baixo os miasmas da cidade.

Respirava-se a doce vida do outomno na grata temperatura d'esse dia consolador. Mas na physionomia do poeta das «Flores do campo» havia a pallidez de um doente, e a tosse funda, cavernosa, da sua bronchite chronica, cortava-lhe a miude as palavras mansas, — que era o seu fallar habitual.

— Ainda bem que o encontrei! disse-me elle. Desejo saber onde móra, porque lhe quero fazer um presente.

— Um presente! repeti eu. Enriqueceu você?

João de Deus sorriu, elle, que nunca foi rico, nem pensou em o ser.

— Eu lhe conto, accrescetou. Levaram-me ha dias um manuscripto, como coisa de estimação. Não sei se é ou deixa de ser. Mas a pessoa que m'o offereceu ligava-lhe valor, julgou por isso obsequiar-me. Já não tenho saude para estar a examinar papeis. Lembrei-me de você; dou-lh'o, se o quizer acceitar.

— Quero, sim. . .

— Mas espere lá, atalhou João de Deus. Disse-me o Oliveira ¹ que você tinha estudado o meu Methodo, e que tencionava procurar-me para tirar algumas duvidas em que estava. Pois bem. Lá o espero qualquer dia para conversarmos largamente, mas entretanto desejo mandar-lhe a ultima edição da «Cartilha», a polemica que ella suscitou, e os «Deveres dos filhos».

— Mande, mande. E você, agora ?

— Mal. Soffrendo como quem vae acabando.

Dias depois recebia em minha casa os livros de João de Deus, e o manuscripto promettido.

E' a «Historia dos presos do estado no Forte da Junqueira» — 1755—(?)

Não pude ainda verificar se se trata de um trabalho inédito, ou de uma copia, talvez da «Breve relação do Forte da Junqueira e do que n'elle se tem passado», pelo marquez de Alorna, D. João de Almeida Portugal.

Mas seja copia ou não, o que eu mais estimo n'esse manuscripto é a lembrança de amizade de João de Deus, que elle representa para mim.

Dir-se-ia que o divino poeta quiz honrar-me com um affectuoso legado, os seus livros escolares, o seu querido Methodo—a grande lucta dos ultimos annos da sua existencia—e um manuscripto que por estimação lhe haviam offerecido.

A nossa entrevista nunca se realizou, nem poderá realizar-se jámais, porque a morte impiedosa, colhendo-o

¹ O sr. Antonio José d'Oliveira, primeiro tachygrapho da camara dos pares.

de salto, emmudeceu para sempre os seus labios, de que eu esperava receber as ultimas luzes do Methodo.

Torna-se muito difficil apurar a originalidade de quaesquer inventos n'um mundo onde nada ha novo debaixo do sol.

Mas o apostolado de uma idéa util é um serviço que vale uma religião.

O Methodo de João de Deus é, para mim, a ultima architrave conhecida do edificio pedagogico construido por Castilho em territorio portuguez.

Não trato tambem de saber se o systema de Castilho é original ou assimilado de Lemare. O proprio Castilho confessou espontaneamente que fôra o livro de Lemare que lhe deu a ideia de mnemonisar, por figuras, a fórma e valor das lettras.

Mas o que é certo é que Castilho, além de ter refundido a escola nacional, contribuiu poderosamente para remover os contrasensos da falsa soletração com que fomos educados.

Até Castilho a palavra «Fama», por exemplo, era nos syllabários erradamente assim decomposta: E'fe-a-fa; éme-a-ma. Veio o «Methodo repentino», e soletrou-se já com notavel progresso de simplificação e de verdade prosodica: Fe-a-fa; me-a-ma. João de Deus publicou a «Cartilha maternal», e vibrou um golpe mortal á soletração, fazendo pronunciar a palavra em duas rapidas e consecutivas emissões de voz: «Fa-ma». Eis, n'um traço de penna, a grande vantagem do seu methodo, o grande e inolvidavel serviço prestado por João de Deus.

Isto affigura-se-me indiscutivel e definitivo: o resto pode ser discutido, e foi, mas não constitue essencia do Methodo.

*

* *

E agora, pequeninos aprendizes do A B C, agora, estudantes de Coimbra, poetas do Mondego, que ahi encontraes ainda muito viva a tradição da lyra e da viola do grande lyrico, agora, mulheres de terno coração, agora, simplices boninas do campo, agora, vós todos, seres delicados ou humildes que elle amou, chorae-lhe a memoria, olhae para o alto, para o azul e para a luz onde elle desapareceu, e respondei ao seu ultimo adeus com uma benção e uma prece.

Abençoa-o, porque elle foi bom e util. Chora-o, porque não voltará mais. E mandae-lhe na vossa prece a derradeira homenagem que se pode prestar a um morto amado.

Pela minha parte, João de Deus, quando lêr o teu manuscripto, continuarei a conversar contigo.

Lisboa, 12 de janeiro de 1896.

Os irmãos Goncourt

Ha quarenta e oito horas que os jornaes noticiaram : morreu o ultimo dos Goncourt.

Confesso, francamente, que as lettras me vão aborrecendo tanto como a gallinha a D. João V.

Já me custa um pouco a atural-as, sobretudo depois que as estragaram com ruins tempêros, que as tornam indigestas e irritantes.

E ao cabo de alguns annos de profissão não deixa de parecer justo que os escriptores sejam rendidos como as sentinellas.

Quem quizer tomar conta de uma guarita disponivel, falle ; unicamente não estou resolvido a pagar o annuncio do traspasse.

Mas, no tempo em que tanto andei por esse mundo das lettras amenas, adquirir relações, tive longas entrevistas espirituaes com estrangeiros que nunca vi, esco-

lhi amigos, classifiquei sympathias pela ordem por que se numeram os camarotes de um theatro.

E n'uma frisa de bocca, bem junto ao palco, ainda hoje estou vendo, nas horas de recordação, os dois irmãos Goncourt, acompanhando um ao outro,—dois verdadeiros irmãos unidos, que só a morte foi capaz de separar brutalmente.

Destinando uma frisa de bocca a esses dois grandes trabalhadores, no theatrinho modesto do meu espirito, quiz significar-lhes que os desejava ter bem perto de mim, porque a sua aproximação me encantava.

Eram, além de dois homens de talento, dois sonhadores, dois magicos, como diz o nosso povo, que teimavam em viver no seculo XVIII, sem quererem saber que o tempo não pára nunca, e que já outro seculo ia galopando fagosamente para o seu termo.

Em pleno Pariz, que é o ponto de partida de todas as ideias novas, elles conservavam-se antigos. Fechando a sua janella, concentravam-se no exame do passado, fazendo reviver os dias terriveis da Revolução, os aspectos da sociedade franceza sob o Directorio, resuscitando os vultos historicos de Luiz XVI e Maria Antoinette, para corrigir as linhas historicas d'estas figuras notaveis, tantas vezes adulteradas pela paixão politica.

Foram elles, os dois Goncourt, que me deram a impressão exacta d'essa pobre rainha tão calumniada e tão infeliz, mas tão honesta apesar de um pouco viva, tão pura apesar da *coquetterie* que adoptara, como diz o principe de Ligne, para agradar a todo o mundo.

Eu estava habituado a vêr Maria Antoinette através da famosa historia do collar. Assim m'a tinham mostrado os historiadores da Revolução, que a pintavam nas

orgias do Petit Trianon bebendo champagne com os officiaes da guarda real ou acceitando joias como paga das suas loucuras amorosas.

Os dois irmãos Goncourt puzeram de pé outra figura de rainha, muito differente, não segundo a convenção estabelecida, mas conforme a verdade por elles investigada.

Vieram depois os documentos dos archivos de Vienna, os relatorios de Mercy-Argenteau, as cartas de Maria Thereza, e todos esses documentos não fizeram senão confirmar as investigações historicas dos dois Goncourt.

D'esta prova decisiva, ultima, resultava evidentemente que Maria Antoinette havia sido: *«une femme un peu vive, un peu folâtre, un peu moqueuse, un peu étourdie, mais une femme honnête, mais une femme pure...»*

E desde essa hora os dois irmãos Goncourt ganharam a fé do meu espirito, inspiraram-me uma fervorosa confiança, que me deliberou a acompanhal-os na sua longa viagem retrospectiva pelo seculo XVIII dentro, e a crêr na semelhança dos retratos que de Beaumarchais, do abbade Leblanc, de Camargo, de Kléber, de Watteau, de madame Dubarry, os dois iam traçando com a segurança de quem tivesse conhecido de perto os originaes d'esses retratos.

A' medida que fui penetrando na constante elaboração d'esses dois espiritos, que os laços de familia e as affinidades do talento tanto irmanavam, cada vez me encantava mais o plano dos historiadores Goncourt, que tiravam respeitosa e modestamente o chapéu deante de Herodoto, de Thucydides e Tito Livio, mas que logo lhes voltavam as costas para saudar em Tacito o inicio da histo-

ria *humana*, datando d'ahi o itinerario que de mãos dadas se propuzeram seguir.

L'histoire humaine, voilà l'histoire moderne; l'histoire sociale, voilà la dernière expression de cette histoire.

Desfraldando este lemma, partiram, dizendo adeus á rotina, como a um venerando monumento, mas enchendo os olhos na contemplação da verdade humana, sem perder de vista os factores e pormenores que a antiguidade despresára.

A historia, tal como os dois Goncourt a comprehenderam, desprendendo-se das brumas de Herodoto e das arengas de Tito-Livio, abandonara os deuses e heroes, para seguir os homens.

Entrou, como elles proprios disseram, no lar domestico, estudando as divindades e as religiões familiares; mas não se apresentou em visita de cerimonia e *toilette* de gala, antes penetrou até á recondita intimidade da época que pretendia explorar.

Exigiu o testemunho da mulher, *cette grande actrice méconnue de l'histoire*, e recebeu-o como um documento imprescindivel na reconstrucção das sociedades, que ella tanto impressiona pela belleza, pelo amor, pela honestidade ou pela impudicicia, pela influencia das suas opiniões ou dos seus beijos, dos seus caprichos ou dos seus sorrisos.

A anedota, esta machina photographica que surprehende a humanidade em flagrante delicto de vicios e virtudes, a anedota, o grão de areia tão profundamente caracteristico, que o vento leva através dos seculos, pareceu aos dois irmãos Goncourt poder ser a argilla propria para modelar as figuras historicas, como os pequenos bonecos de barro, que se fabricam no nosso paiz,

tão insignificantes na apparencia e no preço, servem para caracterisar os nossos costumes e os nossos uzos.

Todas as revelações lançadas ao acaso, n'uma carta ou n'um diário, todo o écco do passado, por mais frouxo que soasse, foram aproveitados pelos irmãos Goncourt como outrós tantos porta-vozes das gerações que a morte tornára silenciosas e frias.

Preoccupou-os a investigação, a descoberta do *espírito social*, chave perdida do direito e das leis do mundo antigo.

O individuo, qualquer que fosse o seu sexo, tornou-se para os dois irmãos um documento a integrar na adição do espirito de uma epoca ou de um seculo.

O que uma mulher sentiu ou um homem pensou é um elemento de apreciação historica, que tem para a caracterisação de uma epoca o mesmo valor que uma flôr ou uma folha tem para a classificação de uma planta.

Nada se perde na natureza ; nada se pôde perder tambem na historia, que é o espelho onde se reflecte a imagem da mais elevada expressão da natureza, o homem, individual ou collectivamente considerado.

Os dois irmãos Goncourt, tomando pela estrada real da verdade, como dois caminheiros que não temem ser seguidos ou perseguidos, arrastaram comsigo o movimento dos espiritos contemporaneos, valorisando os documentos que até ahi pareciam insignificantes, e os pontos de vista que até então pareciam incaracteristicos.

As memorias pessoases, os diários e carteiras de lembranças, subiram de cotação como depoimentos. E a vida intima passou a ser um degrau de que se não podia prescindir para subir até á reconstrucção do espirito social de uma epoca ou de uma nação.

As memorias de Jarras, de Marbot (recentemente vul-

garisadas em Portugal por Fernandes Costa), de Rochefort, de Hyde de Neuville, da marquezia de Montagu, e tantas outras, tão sinceras e expressivas, são hoje elementos indispensaveis e irrecusaveis de critica historica.

O *Napoléon intime* de Arthur Lévy, uma photographia da vida domestica, é hoje o melhor retrato e a melhor biographia que de Napoleão se conhecem. ~

Os dois Goncourt cultivaram cuidadosamente o terreno em que a historia *humana* tem nos ultimos annos pullulado em dezenas de brochuras e monographias.

Mas um dia, um dos Goncourt, Julio, foi surpreendido pela morte. Jamais Edmundo se sentiu tão só, como n'essa hora em que o seu espirito ficava incompleto, truncado. Elle era como uma obra em dois tomos, de que se tivesse perdido um. Apenas lhe restava parar, que é o mesmo que morrer, ou illudir-se para ter amor ao trabalho, imaginando que o espirito de Julio vinha collaborar com elle, aconselhal-o ou segui-lo, embora já não pudesse manejar a penna que outr'ora quinhoava a tarefa material da escripta.

Habitado a esta ideia, que era tão doce ao egoismo affectuoso do seu coração, acabou por acceital-a como uma realidade, um facto, de que só elle tinha conhecimento e consciencia.

Se Edmundo traçava um capitulo de romance, se deduzia uma pagina de historia, Julio estava presente, não faltava á hora do trabalho; unicamente uma só penna corria sobre o papel, manejada por Edmundo, mas guiada por Julio, cujo espectro abancava á mesa commum como um cego immovel que estivesse dictando a um secretario intelligente.

N'este sonho de saudade decorreram os ultimos annos da vida de Edmundo Goncourt.

Pelas horas mortas da noite, dentro de um palacio cujo mobiliario era principalmente uma revivescencia authentica do seculo XVIII, Edmundo esperava a alma do irmão, como uma terna visita de familia, que vem receber as confidencias de um dia de vida, e combinar a tarefa do dia seguinte.

O *Journal des Goncourt* era uma especie de partida de xadrez, que ambos intermeavam com recordações dos annos felizes da existencia, e cujas tavolas se moviam não no intuito de precipitar o jogo, mas de prolongar a partida.

Uma noite, o taboleiro do xadrez ficara abandonado ; um dos parceiros, a alma de Julio, faltara, e não voltou mais.

Edmundo foi atormentado pela inquietação de quem, esperando uma pessoa de familia, vê arrastarem-se as horas sem que ella regressse a casa.

Vinham amigos, *son grenier*, como Edmundo dizia, mas Julio faltava, e elle era precisamente o melhor trigo do celleiro, a flôr dos *habitués* do serão.

O seu espirito, que era tudo o que da sua individualidade restava ainda, valia poi todas as arcas e tulhas que os outros poderiam encher com a graça, a luz, a riqueza dos seus talentos.

Então, Edmundo Goncourt julgou-se irremediavelmente perdido, e solitario. Faltava-lhe o collaborador, o espectro. Deixou-se vencer pela tristeza, que é a peor doença conhecida, porque ao mesmo tempo ataca trez órgãos : o cerebro, o coração e o figado.

Alphonse Daudet, que é um neurasthenico, um doente

crónico, comprehendia o sonho, se quizerem a loucura, de Edmundo Goncourt. Queria passeial-o sob as arvores verdes de Camprosay, distraíl-o consolando-se um ao outro como dois enfermos que teem doenças affins. Trabalhemos, é o remedio, diziam-se; Daudet mais de uma vez tem confessado que não trabalha senão para esquecer-se de si proprio.

Mas Goncourt replicaria: «Como poderei eu trabalhar, se o meu collaborador não volta!?»

Um dia, o espectro de Julio voltou, não para continuar trabalhando, mas para dizer a Edmundo: «Tantas vezes tenho vindo procurar-te, que é justo que te resolves a vir ter comigo.»

Então, só faltava apenas um pretexto para a viagem de Edmundo, ancioso de ir ao encontro do irmão.

Esse pretexto não custou muito a apparecer: forneceu-o o figado; a congestão pulmonar reforçou-o.

E no modesto theatrinho do meu espirito, povoado de visões saudosas, a frisa dos Goncourt ficou deserta; e por mais que eu olhe para a porta, a vêr se chega alguém que os substitua, ninguem apparece a encher o vacuo da solidão.

- Lisboa, 19 de julho de 1896.

VIII

O Paz geral

Para contar um caso do reinado de D. Maria II, preciso começar por me referir a um homem que morreu ha poucos annos, e que sem ter sido celebre tratou de perto todos os homens notaveis do seu tempo—especialmente os politicos.

Não era um estadista, menos ainda um artista ou um litterato, mas convivia intimamente com os homens de estado, com os artistas, com os litteratos—com *todo o mundo e seu pae*.

Foi popularissimo, e tendo appellidos nobliarchicos, bons appellidos de familia, era mais conhecido pela sua alcunha do que pelos seus appellidos.

Se eu disser que se chamava D. Polycarpo Xavier da Silva Lobo, é possível que o leitor não ligue facilmente o nome á pessoa; mas se eu acrescentar que tinha a alcunha de *Paz geral*, toda a gente dirá com certeza:

«Ah! o *Paz geral!* conheci muito bem.» Esta alcunha proviera do estribilho favorito de D. Polycarpo, e valia tanto na sua bôcca como essa outra phrase popular, que exprime a descrença no advento de um facto improvable: «Até á resurreição dos capuchos.»

Fallava-se, por exemplo, de politica.

Annunciava-se que a opposição ia dar batalha, que o governo succumbiria, que não tardaria, portanto, uma reviravolta de situação.

D. Polycarpo ouvia calado e, a folhas tantas, limitava-se a exclamar: «Até á paz geral.»

Era como se dissesse: «Não creio.»

E não cria, especialmente se os regeneradores estavam no poder, porque tinha illimitada confiança em Fontes Pereira de Mello, que respeitava tanto como a um deus, e em cuja casa era recebido com antiga intimidade.

Não andava na politica por interesse pessoal, porque nada precisava para si. Era official de cavallaria, subiria os postos que por direito lhe coubessem, só o tempo poderia facilitar-lhe a promoção.

Alistara-se regenerador porque adorava Fontes Pereira de Mello, e porque em casa d'este eminente homem de estado jogava o *whist* com parceiros regeneradores—uma partida de partido.

Mas a sua admiração por Fontes exprimia-a elle por maneira muito differente do dr. José Maria Borges, que costumava tirar o chapéu da cabeça quando alguém na rua lhe fallava do illustre chefe do partido regenerador.

O *Paz geral* adorava Fontes a seu modo, classificando-o na sua linguagem pittorescamente original, na terminologia ratona que integrava a sua individualidade.

O maior elogio que elle podia fazer a um homem,

carregando muito nos *rr*, era chamar-lhe: «Um grande pequerrrucho.»

Assim, Fontes era para o *Paz geral*, sempre que falava d'elle, «um grande pequerrrucho.»

E quando D. Polycarpo queria referir-se ironicamente a alguém, para dar a entender que não era pessoa de solido merecimento ou de character que pudesse inspirar muita confiança, costumava dizer: «E' um bom pequerrrucho!»

Dentro d'este vocabulario restricto, empregando quasi sempre as mesmas palavras, exprimia todos os seus pensamentos, com inalteravel franqueza.

Era um «Portugal velho» no valor e na sinceridade. Não inventara a polvora, mas nunca tivera medo d'ella. Robusto, corpulento, gosava uma optima saude, tinha a alegria dos fortes. Fazia-se estimar em toda a parte e de toda a gente, sem que jámais se contrariasse a ponto de mudar de feitio e de linguagem.

A ultima commissão militar que exerceu em Lisboa foi a de segundo commandante da guarda municipal.

Promovido a coronel, deram-lhe um commando em Elvas e, quando achava um pretexto para vir a Lisboa, andava muito contente pela rua do Ouro e pela Arcada a dar abraços aos seus amigos—que eram toda a gente.

A' noite, ia jogar o *whist* para o Centro Regenerador e se era o primeiro a entrar, era o ultimo a sahir.

Gostava immenso de que lhe perguntassem pelos netos, que adorava. Sob a sua farda pulsava um coração affectuoso, quasi piegas no amor de familia. Em se falando dos netos, respondia como se estivesse referindo-se a Fontes Pereira de Mello: «São uns grandes pequerrruchos.»

Não podia dizer mais.

Sendo promovido a general de brigada, foi para o Porto como segundo commandante da respectiva divisão militar.

Nunca mais tornei a vel-o.

O *Paz geral* morreu em Mattosinhos, reformado em general de divisão, e estou certo de que a morte se não fez annunciar com grande antecedencia, porque, se assim tivesse acontecido, elle não deixaria de querer vir morrer a Lisboa.

Custou-lhe decerto muito a acabar ali, n'uma nesga de praia encravada entre o mar e o pinheiral, longe do bulicio da *Baixa*, ouvindo rugir as ondas em vez de ouvir rodar os trens.

E ali ficou, sepultado no cemiterio de Mattosinhos, elle, que decerto teria vontade de vir destacado para os Prazeres, prompto a fazer sentinella ao cadaver de Fontes.

Vou reeditar um dos varios casos alegres que o *Paz geral* contava emquanto esperava pelos parceiros do *whist* ou quando, acabado o *whist*, principiava a ter os olhos piscos de somno.

Havia elle sido nomeado para commandar o esquadrão que devia acompanhar a S. Carlos, na récita de gala de um dia 2 de janeiro, a rainha D. Maria II.

Quando se aproximava a hora em que o esquadrão devia partir do quartel, chovia a potes, cahia uma valente bâtega d'agua.

D. Polycarpo suppoz que a rainha não sahiria do palacio da Necessidades com tão mau tempo, e esperou que o aguaceiro passasse, demorando-se por esse motivo mais cinco minutos depois da hora marcada.

Mas a rainha, que entendia, como Luiz XVIII, que *L'exactitude est la politesse des rois*, a rainha que timbrava em ser pontual para não fazer esperar ninguém, tinha já abalado das Necessidades, apesar da chuva torrencial, quando o esquadrão lá chegou.

Imagine-se a cara do *Paz geral* ao saber, nas Necessidades, que a rainha saíra para S. Carlos alguns minutos antes do esquadrão apparecer.

Não querendo ouvir mais nada, e não sabendo já de que freguezia era, D. Polycarpo metteu esporas ao cavallo, e largou á desfilada, com o esquadrão, para encontrar ainda no caminho a carruagem real.

De pouco valeu o galope: o esquadrão apenas conseguiu apanhar a carruagem da rainha no Caes do Sodrê. Ouvindo o trapear dos cavallo, D. Maria II inclinou-se um pouco dentro do coche como se quizesse reconhecer o commandante do esquadrão.

Das duas vidraças da carruagem, só uma ia aberta, e foi justamente d'esse lado que a rainha espreitou e que D. Polycarpo se collocou trotando á estribeira.

De relance, o *Paz geral* viu que a physionomia da rainha, de ordinario carregada, parecia mais severa que de costume.

D. Maria II vestia de branco, com manto real.

Ao lado da rainha, el-rei D. Fernando fumava tranquillamente um dos seus bellos charutos.

Ao voltar para a rua do Alecrim, o cavallo que o *Paz geral* montava, levantou-se, e como o cavalleiro tratasse de domal-o immediatamente, o cavallo reagiu em trancos successivos. N'essa occasião, uma chapoirada de lama saltou para dentro da carruagem real, indo cair no regaço da rainha, sobre o vestido branco.

—Agora, pensou D. Polycarpo com os seus botões de commandante infeliz, agora é que eu estou bem arranjado! a rainha podia talvez perdoar a demora do esquadrão, mas a mulher não perdoará com certeza a lama que lhe caiu no vestido.

No dia seguinte, D. Polycarpo era chamado ao palacio das Necessidades, e recebia d'el-rei D. Fernando ordem verbal para recolher-se ao 'Castello de S. Jorge durante trez dias.

—E lá estive trez dias até á paz geral, dizia D. Polycarpo.

—Por não comparecer á hora com o esquadrão?

—Qual historia! Por causa da lama é que foi.

E logo, retomando o seu tom jovial:

—Eu, n'aquelle tempo, tambem era um bom pequerrrucho!

Lisboa, 28 de março de 1897.

IX

Fernando Caldeira

(NO DIA DO SEU FALLECIMENTO)

I

A Terra, se não fôr uma ingrata descaravel, deve ter caricias amorosas, affagos voluptuosos para o cadaver d'este poeta, que tanto amou a natureza na harmonia das suas linhas, no matiz das suas côres, na eterna pujança das suas forças creadoras.

E se quizer, em nome da gratidão, abrir generosamente os seus mais opulentos thesouros, deve pagar em flores o que em flores recebeu, porque Fernando não fez outra coisa senão semear flores sobre a Terra.

II

Mas que as flores sejam bem escolhidas, as mais proprias, as mais delicadas: lirios e rosas

Poeta do amor, da mocidade e da belleza, havia nos poemas de Fernando a candura branca dos lirios, o colorido suave das rosas,—um mixto de bucolica e de madrigal que entrava nos corações como um raio de sol, alegrando-os e aquecendo-os.

Seja pois de rosas e lirios o ultimo leito d'este poeta, que entre todas as flores escolhia os lirios e as rosas para engrinaldar as suas estrophes.

III

Cendrillon, a Fada do pé pequenino, que elle tão apaixonadamente cantou, deve sahir do palacio do seu Principe Encantado, na primeira noite de luar que illumine um ceu azul, para ir por sua vez pagar uma divida de gratidão, depondo sobre a loisa do poeta um epitaphio digno de ambos.

Que a Fada do pé pequenino deixe sobre o tumulo de Fernando, como epitaphio, o chapim da sua lenda, —um *Sapatinho de setim*.

IV

E, se para não arriscar o seu throno, que a pequenez do pé lhe conquistou, quizer escapar á vigilancia dos guardas do seu palacio, passar desconhecida aos olhos dos pagens e alabardeiros, que ella occulte o rosto, bem escondido, sob uma *Mantilha de renda*, tão fina e tão delicada como o lichen doirado de que elle tecia os seus poêmas e os seus intermezzos.

V

Poeta do azul como o rouxinol que o azul inspira, as estrellas devem chorar por elle, porque, como a lenda diz, ha estrellas tristes, que choram.

E elle amava-as quando olhava para o azul no amigo silencio das noites claras.

Mas que as estrellas o chorem na hora que mais o inspirava, no momento indeciso em que as côres da luz despertam no leito celeste, e levantam timidamente a fronte coroadada de um vago dilúculo,—ao primeiro abrir da manhã, na hora doce, casta, da *Madrugada*.

VI

Que a *Varina* de talhe esbelto, desenhada n'um marmore de Phidias, quando fôr á praia, de manhã, esperar as lanchas dos ilhavos, que vem ao longe arfando na espuma das aguas, não se esqueça de arrancar a flôr do *phlox*, côr de rosa esmaiada, que nasce na areia fulva, para a ir depôr na sepultura do poeta, porque tambem a *Varina* lhe deve esse preito de gratidão e saudade.

VII

Sentindo-se lembrado e querido, correspondido e acariciado, elle, o poeta, lerá eternamente, na infinita primavera do azul, as paginas ternas das suas *Mocidades*, para fazer crêr lá em cima que ainda ha almas boas e doces que nobilitam na sua passagem pela terra o barro ephémero que Deus vitalisou.

O Palminha

Os Daudet são em França uma familia privilegiada pelo talento litterario.

Morreu Alphonse, o Grande, o maior de todos os Daudets. Vivem ainda seu irmão Ernesto, jornalista e homem de lettras, madame Alphonse Daudet, hoje viuva, auctora de um livro *Impressions de nature et d'art*, e seu filho Léon Daudet, auctor do romance *Les Morticoles* e de trez livros mais.

Fallar de Alphonse Daudet ser-me-ia consoladora tarefa, porque o amei na sua delicada obra de artista, porque vivi com elle nos seus livros, onde me parecia respirar a atmosphaera pura das grandes montanhas inundadas de luz, visinhas do azul do céu, mas apoiadas na terra.

E comtudo não é esse o assumpto que vou tomar; trocarei Alphonse Daudet, o morto glorioso, por um qua-

si obscuro jornalista portuguez, fallecido á mesma hora n'uma remota cidade de provincia.

Pode dizer-se que Daudet terá uma necrologia em cada jornal do mundo, ao passo que o *Palminha* de Beja, que no seu jornalsinho, *O Bejense*, fallou de muitos mortos, terá pouco quem falle d'elle.

Este sentimento de justiça bastaria decerto a absolver-me, mas accresce a circumstancia de que sobre o nome do *Palminha* acodem ao meu espirito recordações que me não podem ser indifferentes.

Conheci-o em Beja por occasião de uma viagem para que me convidou o sr. conselheiro Julio de Vilhena, então ministro da justiça.

Tambem faziam parte da caravana Rangel de Lima e Cypriano Jardim, ambos os quaes podem testemunhar sobre os factos que terei de referir.

A viagem era politica, mas todos nós, então novos, encontravamos por toda a parte a alegria da vida até... na politica! Tambem a trêfega abelha encontra mel na flor do tojo...

Fomos de Lisboa a Beja ouvindo tocar em todas as estações o hymno real, que por ser do rei—então D. Luiz I—tambem é dos seus ministros, para castigo d'elles.

Em verdade, já uma vez o experimentei e por isso posso affirmal-o, nada ha mais cansativo do que ouvir de hora em hora o mesmo hymno, qualquer que seja a nossa disposição de espirito, e por maior que seja a nossa ancia de offerecer ao ouvido alguma variedade. E' o supplicio de Promotheu amarrado ao rochedo, que se transforma em hymno, para maior castigo...

Foi em Beja, logo no dia da chegada, que eu conheci

o redactor do *Bejense*, José Umbelino da Palma, o *Palminha*, como lá diziam.

Era facil de perceber a razão da alcunha. O *Palminha* não tinha maior altura que Rodrigues Cordeiro.

Fallava pelos cotovellos, com vivacidade infatigavel, e gostava de saber tudo o que se passava não só em Lisboa, mas no mundo inteiro.

Foi especialmente a Rangel de Lima e a mim que elle se dignou escolher como informadores universaes da sua insaciavel curiosidade. Diziamos-lhe o que se passava nas regiões do governo e nas regiões da lua, e o *Palminha* parecia dessedentar-se á beira de uma fonte depois de ter atravessado por largos annos o deserto... de Beja.

Hospedados no Paço episcopal, Rangel de Lima e eu eramos companheiros de quarto.

O *Palminha* fazia-nos visitas amiudadas, *ia ao cavaco*, dizia elle, e já tinhamos chegado a um tal grau de intimidade, que vestiamos o casaco ou atavamos a gravata na sua presença contando-lhe, sem que isso nos desse mais incommodo que o termos de falar voltados para o espelho, o que se passava em Lisboa e na China.

Sucediam-se as festas em honra do ministro da justiça, o hymno e o *copo d'agua* estavam na ordem do dia, e quasi não havia tempo disponivel para escrever á familia... um bilhete postal.

Mas entre duas fifias ou duas *sandwichs* apparecia-nos o nosso bom *Palminha*, de quem já iam sendo tão amigos, como se constituíssemos todos trez uma só palmeira.

Certo dia, Julio de Vilhena foi visitar a sua familia a Ferreira do Alemtejo, onde pernoitava. Nós ficámos em

Beja, esperando por elle, e já andavamos tão carecidos de descanso, que resolvemos aproveitar esse dia para não comer nada, e essa noite para dormir muito.

Sentiamo-nos felizes, visto que podíamos dispensar o hymno e a casaca.

A' noite Rangel de Lima e eu fomos á assembléa—que por signal é uma bella casa—engatilhar o somno. Lá estava o nosso amigo *Palminha*, a quem continuámos a dar informações sobre o que se passava em Lisboa e em Pekim. Conversámos juntos até ás dez horas, que devia ser n'essa noite, segundo a combinação que Rangel e eu tínhamos feito, a nossa hora da socega.

Sáimos da assembléa amavelmente acompanhados pelo nosso *Palminha*, a quem, á porta do Paço episcopal, offerecemos para descansar um momento.

Elle entrou, pôrque o seu gosto era conversar.

Fallámos de tudo, e de muito mais.

Mas Rangel de Lima começava a cabecear com somno, e eu sentia cahir as palpebras como se fossem de chumbo.

Até que, rendidos a Morpheu, achámos que o melhor era confessarmos ao *Palminha* a verdade toda.

Um de nós disse-lhe então :

—Ó *Palminha*, se você não levasse a mal, iamo-nos mettendo dentro da cama.

—Essa é boa! respondeu elle. As cerimoniaes já não são para nós. A' vontade, rapazes.

—Pois bem, disse eu, começarei por dar o exemplo.

E sem gastar mais de dois minutos metti-me dentro da cama, deixando-me ficar recostado no espaldar do leito por cortezia.

Rangel de Lima não tardou a entrar na sua cama,

que ficava ao lado da minha, observando porém a mesma precaução cortez.

Assim nos mantivemos na attitude de querer dar cavaco ao *Palminha* ainda por algum tempo, conservando aliás o corpo em descanso.

—Mas vocês, dizia o redactor do *Bejense*, pensam que este governo terá longa vida?

—Acho que sim... respondia eu toscanejando.

—Tambem me parece... murmurava Rangel de Lima, abrindo um dos olhos e fechando o outro.

—Isto cá por Beja, continuava o *Palminha*, está firme.

—Como uma rocha... concordava Rangel de Lima, procurando manter em difficil equilibrio os olhos pesados de somno.

Pelo que me respeita, eu talvez chegasse a dizer— como uma ro...—mas decerto não acabei a phrase, o que não posso comtudo jurar.

No dia seguinte, quando accordámos ao som do hymno, porque o ministro tinha regressado de Ferreira, ficámos surprehendidos e vexados.

—Qual de nós adormeceu primeiro? perguntou Rangel de Lima.

—Não sei, respondi.

—Olha! a vela de stearina gastou-se toda!

—É verdade! Desappareceu.

—E o *Palminha* tambem!

—Sim, elle não está aqui.

—Talvez esteja, mas como é pequeno não se vê.

—O que irá elle dizer de nós?

—Que somos muito mal creados.

—Não é isso. Que tinhamos muito somno.

—Vamos a casa d'elle pedir desculpa.

—É o que devemos fazer quanto antes.

N'isto sentimos bater á porta.

—Olha que é o hymno!

—Sou eu, respondeu de fóra o *Palminha*.

—Entre.

E elle entrou muito jovial.

—Olá, rapazes! bons dias.

—Estamos vexados!

—Envergonhados!

—Por que? perguntou elle.

—Por termos adormecido na sua presença.

—E talvez resonado.

—Qual historia! Eu, disse elle, ainda continuei falando, porque imaginei que vocês ouviam.

—E de certo...

—Ora essa! Chamei por um... não respondeu. Chamei pelo outro... não respondeu tambem.

—Não queriamos cortar-lhe a palavra.

—Foi por delicadeza...

—Ah! seus diabos. Vocês em Lisboa dormem muito!

—Não! Nós em Beja é que dormimos mais.

—Justamente por dormirmos pouco em Lisboa.

—Olhem que o Julio já ahi está.

—Bem sabemos. O hymno annunciou-o.

—Ponham-se a pé, que vocês teem hoje muito que fazer.

—Então o que temos nós que fazer hoje?

—Vocês não leram hontem o *Bejense*?

—Fazemos tenção de lel-o ámanhã no comboio, quando formos para Evora.

—Vocês hoje teem almoço no Paço.

—Ainda bem, que estamos muito á vontade com o dr. Boavida.

Era então quem governava a diocese, na qualidade de vigario capitular.

—E teem um *lunch* na Cuba.

—Ó diabo! Um *lunch* em cima de um almoço!

—E teem um jantar todo alemtejano na Vidigueira.

—Ó diabo! Um jantar depois de um *lunch*!

—E teem um chá em Villa de Frades.

—Ó diabo! nós vamos rebentar decerto!

—E ainda temos o hymno, que é o mais indigesto de tudo.

—Vamos, vamos, insistia o *Palminha*, tratem de pôr-se a pé e dêem alguma novidade á gente.

—Mas você é que sabe as novidades! Se até nos conta o que temos de fazer hoje!

—É o meu dever de redactor do *Times* de Beja.

—Não fique você mal comnosco por causa do somno de hontem. . .

—Sim, isso é que é o importante.

—Vamos, vamos, ponham-se a pé e deixem-se de cantigas.

Depois do almoço no Paço episcopal, partimos para o *lunch* na villa de Cuba.

Despedimo-nos do *Palminha* na estação de Beja. Elle metteu-nos os tampos dentro dando a cada um de nós, ao Rangel e a mim, um abraço muito apertado, como para significar-nos, de certo, que nos perdoava do fundo do coração—aquelle caso do somno.

Nunca mais o tornei a vêr,—mas lembrava-me d'elle sempre que lia o *Bejense*: um jornal pequenino, como elle, esse *Bejense*, que talvez agora vá morrer, tambem como elle.

Excellentemente homem, o *Palminha*, alegre, bom conversador, com um limpa alma de provinciano, que irradiava sol e franqueza.

Quero supôr que elle, quando nos despediu na estação de Beja, julgou que seriamos nós dois os primeiros a morrer.

Tudo o fazia supôr : de indigestão.

Na Cuba, um *lunch* sumptuoso, que metteu hymno e que, segundo o plano do visconde da Ribeira Brava, devia metter um porta-machado a cada canto da sala.

Mas o Pedro Victor, então governador civil de Beja, trocou-lhe as voltas, porque lhe mandou quatro porta-machados. . . de papel.

Na Vidigueira, depois de termos visitado a egreja do Carmo, d'onde é natural que continuem saindo numerosas ossadas de Vasco da Gama, opiparo jantar á alemtejana ; viandas, vinhos, fructas, legumes e doces, tudo do Alemtejo.

E o hymno no principio e no fim.

Em Villa de Frades um delicado chá, que não seria melhor servido em Lisboa pelo Ferrari.

E não morremos, e resistimos, porque o Agostinho Lucio, que tambem era da caravana—agora me lembro—nos ia compondo o estomago com varias drogas acertadas.

Quem morreu foi o *Palminha* que não *lunchou* em Cuba e que não jantou na Vidigueira e que não tomou chá com bolos finos em Villa de Frades!

Depois de tudo isso, que já não seria pouco, fomos para Evora, onde o grande lavrador Râmhalho nos hospedou com a magnificencia com que poderia fazel-o um principe russo.

E tivemos ali banquetes sumptuosissimos, que duravam horas.

E não morremos! Quem morreu agora foi o *Palminha*, que ficou em Beja a comer o seu magro jantar de jornalista portuguez.

Morreu, e isso me faz sincera pena, porque eu era amigo d'elle; mas creio bem que não morreria de indigestão.

Lisboa, 19 de dezembro de 1897.

XI

Simões Dias

I

Chega um livro pelo correio, rasgo a cinta, e leio na capa :

AS PENINSULARES

POR

J. SIMÕES DIAS

PROFESSOR DO LYCEU CENTRAL DE LISBOA

O MUNDO INTERIOR

(QUARTA EDIÇÃO)

Detive-me um momento antes de abrir o livro. Um turbilhão de recordações saudosas passou pelo meu espirito. É que entre a primeira edição e a actual medeiam não sei quantas... guerras de Troya! Que de sonhos desfeitos, de illusões perdidas, para o auctor e para mim, n'esse longo periodo de tempo! E depois, de repente,

cahindo na realidade das coisas: «Professor do lyceu central de Lisboa... se não puzesse isto, disse eu comigo mesmo, talvez o não conhecessem...»

Ao menos aquella designação fornecerá um fio conductor á geração actual para encontrar um poeta entre as ruinas do passado.

Na litteratura, só se pensam grandes os de hoje. Tudo o que fica para traz, é cinza. E Simões Dias, o mais peninsular dos poetas do romantismo, tem-se deixado esquecer como um peregrino cansado e triste que perdeu de vista a caravana.

Mas a *quarta* edição de um livro de versos representa por si só um facto tão anormal na vida das lettras portuguezas, que falla mais alto do que todos os elogios banaes e todas as palmas das *coteries* de botequim, que hoje se encommendam e ámanhã se pagam, que hoje se recebem e ámanhã se retribuem.

Pois que! os senhores teem uma corôa de pechisbeque, que sai de casa de seu dono e anda correndo as redacções dos jornaes, para voltar ao guarda-roupa, d'onde ha de tornar a sahir por emprestimo para algum comparsa da peça, e julgavam que não havia maior deificação do que essa, que certamente teria deslumbrado o publico ingenuo e patarata!

Qual! o publico já conhece a corôa, e os adjectivos, e os reclamos, que são gado muito corrido. O publico, ao fundo da platea, assiste mas não acredita. E, como protesto, limita-se a ir ao mercado pedir, espontaneamente, a quarta edição de um livro, que não foi impresso em papel de linho nem em typo elzevir, mas que elle considera bom, embora lh'ò não tenham dito.

É a eterna justiça que nasce de um impulso da con-

sciencia geral. Um homem, um grupo de homens não pôde detel-a e menos ainda supprimil-a. As *coterics* passam, as *clagues* desaggregam-se, e os bons livros ficam.

In illo tempore, n'aquelle tempo da *Folha* de Coimbra, appareceram, n'uma pujante floração de talento, o João Penha, o Crespo, o Junqueiro, o Simões Dias, o Candido de Figueiredo, como sempre, em todas as gerações academicas, tem apparecido uma constellação de poetas marcando as epocas e os cursos melhor ainda do que o *Annuario* da Universidade.

João Penha foi o mestre de toda a geração da *Folha*, o parnasiano do soneto, que bruniu com cepilho moderno e coloriu de excentricidades pittorescas. Gonçalves Crespo seguiu na esteira do mestre, idolatrando a pureza da arte, e vitalisando-a de uma dupla inspiração que parecia o aroma de uma flôr dos tropicos morrendo docemente em Portugal no *sachet* de um romantico do Mondego. Guerra Junqueiro balbuciou, á porfia com os rouxinoes do *Choupal*, os seus primeiros modilhos lyricos, e desbancou por vezes os rouxinoes; depois, á volta de Coimbra, mudou de rumo, deixou o oriente, que é d'onde o sol e o amor se levantam, e aproou ao sul, d'onde costumam desencadear-se as grandes tempestades negras. Candido de Figueiredo cantava n'uma branda inspiração tépida, sem extremos de fogo nem de gelo, correcto no traço e na rima como um italiano da Renascença. Simões Dias tinha tanto da Hespanha como Gonçalves Crespo do Brazil, era no ardor um andaluz, o cantor das serenatas apaixonadas, dedilhando no meio do povo, entendido por elle, mas voltado para o *balcon* onde uma cabeça de mulher assomava envolta nas rendas da mantilha branca.

Não quiz nunca procurar as rimas difficeis, nem os

metros cultos, apesar de os conhecer tão bem, que veio depois a ensinal-os. A redondilha era a sua linguagem predilecta, tão espontanea e correntia, como um jorro d'agua cantando na fonte dentro de uma bilha, e enchendo-a. E, como na fonte acontece ás vezes emquanto as raparigas conversam, a inspiração caudal entornava-se depois de cheia a bilha em borbotões perdidos, que poderiam ter locupletado novas estrophes.

Conhecendo-se a si proprio, que é o primeiro dever de todo o homem honesto, qualquer que seja a esphera da sua laboração, Simões Dias diz no prologo d'esta edição agora publicada que — nos seus versos amorosos e elegiacos, de character subjectivo, o convencionalismo romantico fôra sacrificado á inspiração popular.

E' certo, e é esta qualidade justamente que tem feito reproduzir os seus livros em edições successivas. Sempre que os poetas conseguem impregnar-se do sentimento nacional, seja na epopea ou na lyrica, duram tanto como o paiz a que pertencem. Camões e João de Deus encontraram-se em Belem depois de terem tomado por caminhos differentes, mas em ambos elles a inspiração tinha sido colhida da alma da patria, e foi essa invencivel força de attracção que os reuniu no sentimento e na posteridade. Os versos de Simões Dias hão de resistir a todas as correntes da moda e a todos os figurinos litterarios, — são a expressão sincera e facil do subjectivismo portuguez, tão verdadeira hontem como ámanhã. A nossa alma, no amor ou na descrença, na esperança ou na melancolia, está ali, eterna com uma crystallisação.

Para que eu possa comprovar com factos as minhas proprias palavras, não terei maior trabalho que o de ir buscar ao livro de Simões Dias alguma das composições

cujos titulos mais affectuosamente me ficaram gravados na memoria desde a primeira vez que as li.

Corro rapidamente o volume á procura d'*A tua roca*, de que ainda encontro no espirito um dôce luar de recordação.

E sinto que o meu espirito renasce no passado, á medida que a leitura vai aclarando as reminiscencias.

A TUA ROCA

Quando te vejo á noitinha
N'essa cadeira sentada,
Chaile cruzado no peito,
Na cinta a roca enfeitada,

Os olhos postos na estriga,
Volvendo o fuзо nos dedos,
Os labios contando ao fio
Da tua bocca os segredos,

Eu digo, sem que tu oiças,
Pondo os olhos na tua roca :
Se eu um dia fosse estriga,
Beijaria aquella bocca !

Que eu nunca te vi fiando
Sem invejar os desvelos
Com que desfias do linho
Os brancos, finos cabellos !

E aquella fita de seda
Com que enleias o fiado,
Irmã do lencinho verde
Que trazes no penteado ?

Parece aquillo um abraço
De um amor que é todo nosso,
A trança do teu cabelo
Em volta do meu pescoço !

E' por isso que eu murmuro
Vendo a fita que se enreda :
Quem me dera ser a estriga,
E ella a fitinha de seda !

Eu já não sei o que sinto,
Se tristeza se ventura,
Mal que suspendes a roca
Da tua breve cintura !

Penso que fias nos dedos
Os dias da minha vida,
Ao pé de ti sempre curta,
Ao longe sempre comprida !

Pareces-me um ramalhete
Sentada n'essa cadeira,
E a fita da tua roca
A silva de uma roseira

Meu amor, quando acabares
De espiar a tua estriga
E ouvires por alta noite
Soluçar uma cantiga,

Sou eu que estou a lembrar-me
Da tua divina bocca,
E penso que em mim são dados
Os beijos que dás na roca !

E' a mais simples, mais delicada e mais terna galanteria do madrigal portuguez. Os pensamentos, a belleza das comparações saltam como perolas, umas após outras, de um collar partido, aos pés d'essa mulher cuja bocca beija a brancura da estriga para desfial-a entre os dedos.

Não ha a busca, nem a escolha atormentada de palavras, nem a preocupação artistica da rima. O metro

flue como n'um improviso recitado junto ao escabello da fiandeira emquanto ella escuta sorrindo, e segura de que effectivamente está fiando entre os dedos os dias da vida do poeta.

Ah! meu caro Simões Dias, que funda tristeza não terá cortado o seu coração no momento de transplantar para uma edição nova essa linda roca enfeitada, que ha mais de trinta annos estava carregada de linho e de beijos!

O que terá sido feito d'essa bocca divina, que lhe dava a você desejos de ser a estriga beijada!

Quantos annos! Como o tempo é horroroso de contar!

Uma coisa resiste ao tempo, e até com o tempo se melhora: é a amizade que elle experimenta, tocando-a como o ouro n'uma contrastaria.

Affianço-lhe que recebi a reimpressão do seu livro com o mesmo alvoroço e carinho com que um dia, em 1870, tinha recebido pelo correio de Elvas um livro seu que se intitulava: *As peninsulares, canções meridionaes por J. Simões Dias*.

E o João Penha, em Braga, posto agora a lêr a quarta edição d'estes versos que elle colheu nos braços e depôz no berço da *Folha*, no vosso tempo de Coimbra! elle, a revêr o passado, a casa n.º 97 da *Couraça de Lisboa*, o Mondego, o Choupal, a Estrada da Beira e o Pedro Penedo!...

Como a saudade é amarga! Mas, ó João Penha, veja se pode embuchar a saudade com uma *frigideira* de Braga, e se lhe sobejarem algumas, mande-as, que eu estou cada vez mais precisado de coisas dôces... para soffrer os outros.

Lisboa, 8 de novembro de 1896.

II

O grande publico que o vir passar na rua, modesto e triste, a physionomia um pouco fatigada, mal poderá suspeitar que vae ali um poeta dos maiores que em terras de Portugal e Hespanha teem sabido cantar o amor, a mocidade e a alegria.

Mas a verdade é que a lyra de Simões Dias, fluente como as aguas de um rio, tem especial parecença com aquelles dos nossos rios que ou nascem na Hespanha ou decorrem por entre Hespanha e Portugal, limitando os dois paizes, sem os occultarem um ao outro.

O proprio poeta se caracteriza involuntariamente no titulo generico com que enfeixou os seus poemas lyricos, denominando-os : *Peninsulares*. E se formos investigar as antigas predilecções litterarias do seu espirito, encontral-o-hemos já nos bons tempos de Coimbra a estudar em successivos artigos, publicados na *Folha*, os poetas e prosadores de mais vulto em Hespanha.

Realmente, Simões Dias é um poeta peninsular, dos maiores e melhores. A' doce melancolia portugueza, tão accentuada desde Bernardim Ribeiro até Soares de Passos, reúne por vezes relampagos de alegria castelhana, como ao azul do céu, que entristece, se casa harmoniosamente o brilho da lua cheia, que dá a impressão de uma festa longinqua na patria ethérea dos anjos. . .

Através dos suspiros da alma portugueza, que se engrandeceu nas solidões do mar, e desde então rendilhou sobre o fatalismo arabe o que quer que seja de nostalgia meditativa, passam a miude, nos versos de Simões

Dias, repiques de castanholas, ritornellos de pandeireta andaluza, vibrantes e estridulos.

A' singeleza galante de Garrett, á vaga saudade que alimenta e atormenta o coração dos nossos poetas lyricos, allia-se, em Simões Dias, a ironia castelhana, lancinante como um punhal de Toledo ou um verso de Espronceda, o conceito substancioso que fecha com chave de ouro as *Doloras* de Campoamor, e a graça maliciosa dos cantares e serranilhas de Trueba.

A musa do auctor das *Peninsulares*, como que fortalecida pela fusão de duas nacionalidades, resistiu por muito tempo ás desillusões e ás amarguras, que são os cabellos brancos do espirito, a velhice da alma. Só ha poucos annos foi que Simões Dias, sentindo estalar as primeiras cordas da lyra, se resignou a entrar na ampla estrada real da prosa, por onde o pensamento do escriptor caminha alquebrado como um romeiro que volta da festa, sobraçando a guitarra e vendo cahir aos pés emmurchecidas as flôres que ao partir lhe engalanavam o chapeirão.

As *Figuras de cera*, *A Escola Primaria*, o compendio de litteratura e ainda outros livros escolares, são a volta da romaria, a guitarra silenciosa, as flôres resequidas, o cabello alvejante do pó da caminhada.

Sim, meu dilecto Simões Dias, todos nós, os que largamos através das columnas da *Folha* para a romagem do amor e da esperança, então alegres e cantantes, vamos agora recolhendo a casa, pela estrada da prosa, ao cahir da noite, tendo deixado penduradas no templo da nossa Dea as grinaldas votivas que tecemos e offerta-mos, e que o tempo deve ter desfolhado, como as nossas illusões.

Ha já muitos annos que eu venho recolhendo em marcha de retorno, fatigado, aborrecido, pensando nos outros da minha idade, que o ter socios na amargura é a suprema consolação dos miseros.

Quando eu parava na estrada para tomar folego, avistava-o ainda a você, reagindo em successivas edições das *Peninsulares*, como se o romeiro quizesse rythmar a marcha cansada pelos ultimos accordes da guitarra chorosa.

E eu dizia comigo mesmo: «Que forte alma de poeta é preciso ter, que opulenta inspiração é preciso possuir, para envelhecer cantando!»

Mas vejo-o agora a aproximar-se do nosso ultimo estadio litterario — a prosa.

Pois bem! meu caro Simões Dias, só você será capaz de nos suavisar a todos este declinar desalentado do nosso dia de escriptores, de fazer sustar ainda por alguns momentos as sombras recrescentes que vão cahindo dos altos montes, como dizia o nosso Virgilio: *Majoresque cadunt altis de montibus umbræ*.

Obrigue a sua guitarra a um derradeiro esforço, e do pinaculo da sua gloria de poeta, como um pastor que tangendo o arrabil, no topo de um rochedo, affronta os pavores da noite e da solidão, mande aos nossos ouvidos e aos nossos corações o regalo saudoso de uma canção meio portugueza, meio andaluza, vibrante de sentimento e de *salero*, em que chore o Tejo e cante o Guadalquivir, em que gema a melancolia de Portugal e estoire a graça de Hespanha.

Será o canto do cysne de uma geração de românticos, que envelheceram estimando-se uns aos outros, adorando as mulheres, cantando o amor, e não fazendo mal a ninguém.

Simões Dias: venha de lá a ultima canção do nosso tempo.

Lisboa, julho de 1898.

III

Volto hoje a fallar de Simões Dias, que ha poucas horas ficou sepultado no cemiterio dos Prazeres.

Quem me havia de dizer, em 1868, quando elle estava em Coimbra e eu no Porto, que teria de o vêr enterrar n'um cemiterio de Lisboa—de Lisboa, em que nem elle nem eu pensavamos então.

Porque, a bem dizer, nem eu nem elle pensavamos n'esse tempo senão na *Folha*, jornal dos rapazes de Coimbra, que João Penha dirigia, o jornal e os rapazes, com uma auctoridade incontestavel e incontestada.

Aqui tenho deante de mim as cartas de todos elles, de Penha, de Simões Dias, de Candido de Figueiredo, de Frederico Laranjo, escriptas de Coimbra, porque eu não sei como era isso então, mas o certo é que todos nos estimavamos, como amigos velhos, de muitos annos, sem que alguns, eu por exemplo, conhecessem pessoalmente os outros.

João Penha fui enconral-o, longo tempo depois, na Povia de Varzim, quando eu era deputado por ali, sendo elle um *habitué* infallivel d'aquella praia.

José Frederico Laranjo conheci-o em Portalegre, na occasião em que eu era ali administrador do concelho, e elle deputado por aquelle districto, onde nascêra.

Já tambem iam passados muitos annos sobre a existencia da *Folha*.

Cândido de Figueiredo e Simões Dias conheci-os,

ainda a maior distancia de tempo, em Lisboa, já burocratas, como eu tambem.

De todos elles, o que teve maiores e mais profundos desgostos domesticos foi Simões Dias. Por isso mesmo envelheceu mais depressa e morreu primeiro. A morte foi para elle o descanso, a paz, que talvez desejasse. Ha desgraças tão esmagadoras, que nem os desgraçados podem pedir consolação a ninguem, nem de ninguem receber-a. Esses desgraçados abafam no silencio da sua dor; morrem asphyxiados, e Simões Dias morreu assim...

Tudo na vida d'este grande poeta lyrico, verdadeiramente meridional, esteve em contradicção flagrante com o vivo e alegre colorido da sua musa, com a luz rutilante da sua inspiração.

Viveu na sombra, amando a luz.

Outros, com muito menos valor do que elle, fizeram muito mais ruido no jornalismo, no parlamento, no professorado.

Trabalhou sempre; e outros, que trabalharam menos, subiram mais.

Até — cumulo da perseguição cruel do destino! — no dia do seu funeral, a natureza, que elle amára e cantára como todos os poetas meridionaes, e talvez melhor que todos, caprichára em mostrar-se agreste e tempestuosa, a chuva cahia em grossas cordas alagando o chão do cemiterio e escorrendo da urna funeraria do pobre poeta das *Peninsulares*.

O sol, que era um culto para elle, abandonou-o na solidão dos Prazeres, e não foi unico, o sol, n'esse monstruoso exemplo de ingratição...

Eu estive uma hora, dentro de um trem, á porta do cemiterio, esperando que o feretro chegasse.

Não encontrei outro meio de deixar de faltar, tão atarefada tinha a minha vida n'esse dia.

E eu não faltaria por motivo algum.

Não poderei esquecer-me jámais de que os ultimos versos de Simões Dias foram escriptos a meu pedido, em homenagem a Garrett; e que a sua ultima prosa foi decerto a biographia de meu filho, um rapaz a quem elle quiz espontaneamente enviar um carinhoso estimulo de amizade.

A chuva desabava em torrentes, cantava tristemente um *requiem* no tejadilho da carruagem. Nos predios novos, fronteiros ao cemiterio—que linda escolha de local!—assomava por vezes, cautelosamente, a cabeça de uma criada, que parecia desconsolar-se de que não houvesse n'esse dia funeraes, unica «distracção» que poderá gosar-se ali.

Alguns rapazes do Lyceu iam chegando completamente encharcados, sem chapéu de chuva, que aliás de pouco lhes poderia servir, ainda que o tivessem. Um d'elles, muito novito, de boas côres, escorria agua como se sahisse de um banho. Deve vir a ser um homem bom, esse rapazito, que intrepidamente apanhou uma grande mólha para ir prestar a derradeira homenagem ao seu professor. Deus o proteja.

De repente, n'uma batida que a chuva explicava, apparecem muitos trens dirigindo-se para o cemiterio, e entre elles o carro funebre negrejando através das cordas d'agua cada vez mais espessas e cerradas.

Pobre Simões Dias! pensei, assim vem elle correndo para os Prazeres, como fugindo, desesperado, do mundo, onde tantos e tamanhos desgostos soffreu!

Na janella do predio, que torneja para a rua Saraiva

de Carvalho, assomou a cabeça da criada curiosa, a quem decerto a chuva aborrecia muito, por não poder «gosar» á vontade o espectáculo do cemiterio — unico horisonte ali.

Pensei adivinhar-lhe este pensamento egoista: «Graças a Deus! que já apparece um enterro!»

A urna foi tirada do coche sob uma forte bâtega de agua, contra a qual não havia defesa possivel.

Os rapazinhos do Lyceu, com um ar contristado, tomaram os cordões que lhes foram distribuidos.

A urna avançou lentamente para a capella, e a agua, cahindo sobre o mogno, soluçava.

Os amigos, os collegas e os discipulos de Simões Dias marchavam em silencio, indifferentes á chuva, rodeando a urna.

Então me pareceu que as arvores do cemiterio, tirando sob o temporal, repetiam versos das *Peninsulares*.

E cuidei ouvir estes, distinctamente:

Barco sem leme, sem pharol, sem porto,
De mil contrarias ondas combatido,
Tal me tem sido a vida que hei vivido
Durante as longas noites do meu horto.

Hoje que já morri para a alegria
Que n'esse teu sereno e brando olhar
Nos tempos que lá vão, tão pura, via,

Só me pode a esse tempo alfim tornar
O saber que os teus olhos algum dia
Sobre estes versos meus hão de chorar.

E era as arvores que choravam—talvez por compensação misericordiosa da natureza, que, finalmente, se arrependeria de ter sido tão cruel com o desgraçado poeta.

Lisboa, 5 de março de 1899.

Poetisas brasileiras da actualidade

I

AUREA PIRES

Compreendo que os moços se apaixonem pelo retrato d'esta linda creança, e que os velhos sintam, mais que nunca, saudades d'esse «paraiso perdido», que se chama—mocidade. . .

Cabello negro e ondado; olhos grandes, quebrados n'um langor luminoso como o disco do sol quando morre sobre o mar insondavel; supercilios arqueados e firmes, que raras vezes falham como indicio de um character leal e energico; bocca pequena, que é nas mulheres uma rosa onde as palavras e os beijos se perfumam. Vinte e trez annos apenas: o frescor cálido de uma aurora dos tropicos. E alem de tudo isto, o talento aquecido n'essa fomalha de inspiração, que se chama a America do Sul, e educado no silencio contemplativo do sertão, onde a natureza estabelece com a alma do poeta dialogos infi-

nitos e profundos, mais tenues do que o rumorejar de um colibrí.

O que principalmente falla no sertão é o silencio formidavel. . .

E o nome? *Aurea*. De ouro; como aquelle famoso calculo de Méton que os athenienses mandaram gravar nas paredes do templo de Minerva.

Nasceu esta adoravel creatura em Angra dos Reis, no estado do Rio de Janeiro, a 2 de fevereiro de 1876. Seus pais: Trajano Augusto Pires; D. Dionysia Maria da Fonseca Pires. Sahiu muito nova da sua terra natal e foj em Barbacena, provincia de Minas, que recebeu, no espectaculo grandioso do sertão americano, a vertigem dos primeiros extasis, a inspiração dos primeiros versos.

Fui creada no sertão,
Portanto sou sertaneja.
Minha musa só harpeja
No seio da solidão.

Da precocidade do seu talento poderá dizer-se sem lisonja que principiou por onde os outros acabam. Aos quatorze annos compoz um soneto impeccavel: qualquer dos bons, dos melhores poetas de um e outro hemispherio se dignaria subscrevel-o:

IMPOSSIVEL

E' meio dia. A' luz de um sol ardente
Aqui e ali um colibri volteja.
A brisa passa vagarosamente
Por sobre a relva que no chão viceja.

Agora o sino despertou plangente
 Lá de uma torre da vetusta igreja,
 Responde o ecco seu gemer cadente,
 E um som tristonho pelo espaço adeja !

Eu vejo os sylphos, do caminho extenso,
 Tribu mimosa, prasenteira e esquiva
 Que se espaneja pelo prado immenso.

E nunca tive magua assim tão viva !
 — E' que sou presa do desejo intenso
 De ser senhora de quem sou captiva !

Um anno depois, em 1891, apparecia no *Leste de Minas*, semanario que se publicou em Barbacena, outro soneto, onde é facil contar quatorze perolas e quinze annos enthezourados no mesmo escriptorio :

SAUDOSA

(*A' minha madrinha D. Maria F. Mendonça Mageon*)

A tarde vai fugindo fresca e amena,
 E o sol seus louros raios espalhando,
 Ao triste modular da doce avena,
 No dourado horisonte vae tombando !

Aqui e ali volteja uma phalena...
 E as rolas levemente esvoaçando
 Por entre as alvas folhas da açucena,
 Vão seus ninhos nas moitas procurando.

Eu na tôsca janella reclinada,
 Vendo a noite que desce tristemente
 Lá do cimo da serra alcantilada,

Recordo-me de ti, que estás ausente !...
 E pela minha face amargurada
 O pranto vae rolando lentamente !

Não podia falhar esta aurora que era uma promessa ;
esta promessa, que era uma aurora.

Tenho diante de mim o primeiro livro' de versos d'este peregrino talento de mulher, que ha de vir a causar asombro na litteratura brasileira. Intitula-se *Flocos de neve*, e é prefaciado pela distincta escriptora D. Ignez Sabino, que se dignou honrar-me gentilmente querendo associar o meu nome ao seu ultimo romance *Luctas do coração*.

Flocos de neve fazem lembrar sincélos rendilhando de pedras fulgidas um coração ardente e sonhador, uma alma atormentada e incomprehendida, nostalgica de um mundo ideal, que tem desesperado todos os poetas na successão eterna dos tempos e na determinação geographica de todas as latitudes.

Quando eu parti, minh'alma aberta em chagas
Partiu tambem, seguindo a minha sina.
— Corri florestas, solitarias fragas,
Buscando allivio á dôr que me domina.

E depois de rever longinquas plagas
Onde brinquei quando era pequenina,
Olhando o mar, que as transparentes vagas
Entornavam na praia alabastrina ;

Depois de vêr cidades populosas,
Palacios, cathedraes maravilhosas,
Jardins floridos como eu nunca vi ;

Voltei, sentindo o mesmo horror ao mundo,
Trazendo n'alma o mesmo mal profundo,
A mesma angustia que levei d'aqui.

*

*

*

Que ella me perdôe, a linda poetisa brasileira, mas eu abençoarei a tortura da sua alma, onde fructos de oiro sazonom como os d'este livro ; e desde já me impaciente a ancia de colhêr outros no seu promettido poema e nos seus dois novos livros de lyricas, annunciados no *Almanach de Juiz de Fora*, que me trouxe o ultimo paquete.

Sou tão regalado com a offerta de publicações do Brazil, que me sinto cada vez mais interessado pela litteratura d'esse grande paiz, onde a alma dos poetas parece não cansar-se jámais de cantar como a espuma sonora das cachoeiras, e de brilhar como os lumes vivos do «cruzeiro do sul.»

A adoravel auctora dos *Flocos de neve* teve comigo a galanteria de pedir a minha opinião sobre o seu livro. Eil-a aqui, traçada com a firmeza de um character rebelde á lisonja : o seu livro, minha senhora, é tão bello, que eu chego a confundil-o com o seu retrato.

Não sei dizer melhor o meu pensamento.

Lisboa — 1899.

II

IBRANTINA CARDONA

O retrato d'esta illustre poetisa brasileira affirma um character rijo e terso como o aço : tem força e brilho. Ha nos traços da sua physionomia uma doce expressão de coragem, que inspira confiança. Feliz o homem que por ella fôr amado.

Natural do Rio Grande do Sul, publicou em 1897 um livro de versos intitulado *Plectros*.

N'esse livro está toda a sua alma e na sua alma vibram todos os fortes e leaes sentimentos que o seu retrato exprime.

Com razão disse Ibrantina Cardona ao invocar a musa :

.....dá-me ás cordas de ouro á lyra,
aos *Plectros* de crystal sonora contextura.

São effectivamente de crystal os seus versos pela transparencia com que dilucidam a sinceridade do coração — um livro aberto, onde o texto é nitido e as letras são de ouro.

E' principalmente nos versos de amor, ultima parte do livro, que o crystal dos *Plectros* se aclara em maior limpidez de verdade e convicção : ahi até as palavras valem o que pesam, rolando como os estilhaços ardentes de um vulcão chammejante. Escaldam. N'um dos seus bellos sonetos ha um verso feito de lava :

o grande amor que assim me escalda o pensamento ;

e um terceto feito do aço do seu character leal e perseverante :

no lindo quadro azul da minha phantasia,
onde o teu vulto vive esbelto e namorado
fazendo palpitar meu peito noite e dia !

Que extremos de paixão, ao mesmo passo leonina e humilde, vulcanica e branda, n'esses sinceros versos amourosos, que fecham com chave de ouro os *Plectros* !

Vencêra emfim o amor e da razão zombava...
E perdida, a beijar-te, eu cega, eu doidamente,
de joelhos te offertava esta minh'alma escrava !

Que fogosa inspiração pagã a do soneto que parece
enlabyrinthar-se n'uma floresta de cabellos revôltos, como
n'um carcere de amôr onde a alma prisioneira deseja
supportar um captiveiro delicioso !

Cabellos ideaes, desordenados !
Cabellos côr da noite tenebrosa !
Estrellai-vos, ó fios annelados,
n'uma chuva de beijos luminosa !

São meus labios sedentos, abrasados,
buscando uma carcérula amorosa ;
buscam a vós, grillhões dos meus peccados,
cabellos que fazeis-me criminosa !

Que o meu crime de amor seja infinito !
Eu louca, a peccadora aventureira,
jámais o coração terei constricto !

Serei, ó meu amante, prisioneira,
para eterno augmentar o meu delicto
sob a noite da tua cabelleira !

Que febre de paixão n'outro soneto, que faz lembrar
um thermometro subindo loucamente até ao maximo da
temperatura decisiva !

Tantos beijos teus labios abrasados
deixaram-me na bôcca, tanto afago
e tanto amor no peito agora trago,
que não posso contel-os disfarçados.

Em vão do labio meu teu nome apago...
Traidores os meus olhos, fascinados,
embora de ti sejam desviados,
revelam meu amor onde os divago...

E eu já nem sei de que maneira astuta,
perante essa curiosa e trêda gente,
agora hei de occultar a minha lucta...

Não posso mais conter-me indifferente ;
pois hoje, quem me fita e quem me escuta
crê que vives comigo intimamente.

Como caracterisação psychologica de uma alma, que eu estou estudando através da vastidão do oceano, bastam os versos de amor de Ibrantina Cardona, a quem houver de lel-os com attenção e interesse.

Pendo a crêr que sem nenhum outro dado biographico além do seu livro, eu chegaria a determinar a sua provincia natal. Não podia deixar de ser o Rio Grande do Sul, visinho a oéste da Republica Argentina, onde o pampeiro sopra impetuoso e os gaúchos domam pôtros fogosos em vertiginosas correrias ; confinante ao meio-dia com o Uruguay onde os indigenas sonham voluptuosamente recostados na rêde entre vergeis de jasmims e laranjeiras floridas, que perfumam o «rancho» e estonteam a imaginação.

Mas se consigo, com saudade e esforço, arrancar-me d'essa especie de floresta encantada, que entrecruza em opulentas laçarias os sonetos amorosos de Ibrantina Cardona, e volvo os olhos para outras paginas dos *Plectros*, encontro um tão alto ideal artistico, um tão burilado requinte de primorosa plastica metrica, que não duvido affirmar achar-me na presença de uma poetisa moderna,

perita em modelar e bater os seus versos sobre uma incude de diamante refulgente.

Exemplo, o soneto intitulado :

TI-CHIN-FÚ

Tem olhos côr de onix e do Japão é filho.
Usa o rabicho a Ylang-Ylang perfumado.
O rosto é côr de óca, e de Nankim pintado,
o seu bigode negro e ralo tem mais brilho.

Veste setim Macau, verde claro, bordado
a ouro, com dragões e rosas no peitilho.
Traz ventarola á cinta, em delicado atilho ;
nos pés botins de côr, com bico revirado.

É mandarim fidalgo e tem ricas baixellas,
kiosques, palankins ; habita um palacete
com tecto de crystal e crivos nas janellas.

Na mesa de xarão dá sempre o seu banquete ;
fuma opio, é feliz ; e entre mulheres bellas,
resona embriagado em flácido tapete.

Citaria ainda, se fosse preciso, todo esse bello canto de uma notavel pormenorisação descriptiva, de um toque de realismo deleitoso, que faz lembrar uma paizagem amena de Daudet emmoldurada no verso :

Vê-se ao fundo o pomar... N'uma algazarra,
chia ali a cigarra,
e agudissimo trilo
constante solta o grillo ;
em louca revoada,
descanta e folga toda a passarada...

Vão e vêm pelo chão os pombos mansos,
abrem pavões os leques furta-côres,
e n'um tanque a boiar grasnam os gansos,
em quanto fazem tóca seis castores...

Eis aqui definido, em todos os seus versos, o talento e o character de Ibrantina Cardona: talento malleavel a todas as inflexões da lyra; character sinceramente impetuoso no amor e solidamente vigoroso em todos os traços do dezenho litterario e em todas as tintas do colorido poetico.

Lisboa — 1899

Strauss & Filhos

São tantos os Strauss musicos, além dos Strauss theologos, muito numerosos tambem, que não admira nada terem quasi todos os jornaes noticiado agora a morte do auctor do *Bello Danubio Azul*. . . fallecido a 21 de setembro de 1849.

E' uma differença de meio seculo, apenas. . .

Confundiram o filho com o pai, não só em razão do appellido de familia, mas tambem da identidade do nome de baptismo, pois que ambos se chamaram Johann; e, finalmente, porque um e outro foram compositores de musica — essa musica alegre como um canto de ave, ligeira como um raio de sol, de que só Vienna parece ter o segredo e que a Austria exporta, segundo uma expressão feliz de Tissot, como a França exporta o champagne.

A valsa é, effectivamente, o champagne do espirito,

que ella embriaga de sonho, mergulhando-o n'uma espuma cambiante, feita de rendas e pedras preciosas, fabricada n'um tear de Penélope, porque tão depressa se tece como se rasga essa espuma, para durar apenas um momento de delicia.

Quer a França reivindicar a origem da valsa, sustentando que haja nascido da *Volta* provençal, rythmada pelas balladas populares, cantadas no campo em noites de primavera, quando as flores adormecem e os rouxiões gorgeiam.

Mas a propria palavra é allemã: de *Walzer*, girar. E a Austria ainda hoje tem o privilegio de ser o unico paiz do mundo que sabe dar á composição das valsas o que quer que seja de ondulação melodiosa, de baloiço musical, de requebro voluptuoso, que faz palpitar os corações e inflamar as almas, n'um movimento que é preguiça, n'uma preguiça que é vida. . .

Johann Strauss, fundador de uma dynastia, auctor do *Bello Danubio Azul*, foi o mais completo representante da valsa allemã, quasi tão fecundo como Deus, porque as suas valsas todas levariam tanto tempo a contar como as areias do mar e as estrellas do céu.

E assim como a belleza do sol pode ser apreciada por os mais oppostos entendimentos, cultos e incultos, illustrados ou rudes, as valsas do pae Strauss impressionavam todos os espiritos, os dos entendidos e dos ignorantes, os artistas e os materialões, a côrte e a plebe.

Deus tirou do nada o mundo, e Johann Strauss tirou o *Bello Danubio Azul* d'esse magro braço de rio, onde só podem navegar os vaporsinhos que fazem o serviço do Prater, e que só longe de Vienna se torna digno da homenagem de um artista.

Percorrendo grande parte da Europa, toda a Alemanha, a Belgica, a França e a Inglaterra, o pae Strauss fez dançar o mundo... como Napoleão, substituidas as peças de artilharia por uma batuta de ébano.

Acompanhava-o uma orchestra : ainda não houve exercito mais pequeno, nem tão forte.

Por onde passava, vencia.

Esse Strauss, *summus pater*, como Virgilio appellida Jupiter, é que foi o «rei da valsa».

E' pois este mais um equivoco dos jornaes que fallaram agora da morte do filho.

Meyerbeer ouviu o pae Strauss em Pariz. Ficou encantado. Pediram-lhe a sua opinião sobre essa longa serie de valsas, com que o brilhante compositor viennense abalou os *boulevards* e os salões, o coração das *cocottes* do baile da Opera e o coração das grandes damas do bairro Saint Germain.

— Musica original, respondeu Meyerbeer, que apenas pode vir de Vienna, como um écco da sua vida alegremente louca e louçamente alegre.

O pae Strauss morreu aos quarenta e cinco annos de idade, em plena força da vida, tendo deixado um nome tão glorioso, que chegou para nobilitar trez filhos e ainda um outro compositor, nascido em França, que nada tinha de commum com a familia fundada em Vienna pelo «rei da valsa».

Durante o segundo imperio francez o regente dos bailes das Tulherias era um Isaac Strauss, que explorou, diz Fetis, o nome do Strauss áustriaco, sem que tivesse com elle nenhuma relação de parentesco.

Era um Strauss de contrabando, porque o imperio de Napoleão III foi desde a sua origem um imperio de imitação — até na valsa.

Strauss deixou trez filhos: Joseph, Johann e Eduardo.

O primeiro morreu na Russia, de um resfriamento.

O segundo, fallecido agora, era carinhosamente tratado pelos viennenses, que diziam sempre quando fallavam d'elle: «o nosso Johann». Compoz muitas valsas, como o pae, e uma operetta—*O morcego*—, que teve enorme popularidade em Vienna, onde as archidukezas a cantavam ao piano e os cocheiros a assobiavam na almofada dos trens.

Quando elle regia uma valsa parecia bailar sobre os bicos dos pés, de batuta em punho, como se realmente estivesse dançando, e communicava ao publico um tão fremente entusiasmo, que os ouvintes, parecendo bailar tambem nos *fauteuils*, acompanhavam a cadencia repetindo-a a meia voz docemente.

Residia em Hitzing, o Auteuil viennense, e casára com uma antiga «estrella» da Opera de Vienna, que lhe deu uma filha, tambem compositora distincta.

O terceiro filho do primeiro Johann Strauss teve o nome de Eduardo, e foi, como seu pai e seu irmão João, regente de orchestra e compositor de valsas.

A noticia da morte de um Strauss, que nos trouxe agora o telegrapho, refere-se ao auctor do *Morcego* e não ao auctor do *Danubio Azul*.

Assim, pois, devem estar de pé-atraz os jornaes portuguezes para não dizerem, sempre que morra um Strauss, que falleceu o «rei da valsa», porque em Vienna os Strauss compositores são tantos como em Portugal os bravos do Mindello.

Mas podem ir desaparecendo da face da terra todos os Strauss possiveis e imaginaveis: a valsa subsistirá emquanto existirem um homem, uma mulher e um piano, um violino ou uma flauta pastoril.

Refiro-me á valsa que foi composta para ser dançada, como as de Strauss e Waldteufel, a que chamarei *effectivas*; não ás valsas de Beethoven, de Mozart e de Chopin, que são valsas *honorarias*, o que, a respeito de valsas e ministros, constitue uma differença capital.

É tão poderosa a influencia da valsa sobre os espiritos, que ella tem resistido a todos os golpes da fortuna.

Não ha um compositor de musica que deixe de perpetrar uma valsa, como raro é o escriptor que tenha deixado de fazer versos. Mas isso não quer dizer que todos os musicos sejam Strauss e que todos os escriptores sejam poetas. Santo Deus! entre todas as familias de Vienna uma só monopolisou a valsa; entre todos os escriptores do mundo poucos ficaram immortaes como poetas.

A valsa é tambem um genero de poesia, o que quer que seja de ballada vaporosa e luarenta, cuja recitação depende do movimento harmonico de todas as linhas do corpo.

Alfredo de Musset, essa grande alma do romantismo, disse um dia :

O Muse de la Valse ! ô fleur de poésie !

Todas as pessoas, que dispõem da liberdade de movimentos, podem valsar: e todavia poucas o sabem fazer.

Entre nós ficaram memoraveis, na geração dos elegantes de ha trinta annos, o conde de Villa Real, avô do actual conde, o Almeidaão e o visconde de Almeida, como valsistas insignes, *rari nantes in gurgite vasto* — raros entre muitos, distinctos entre todos.

Foram esses, tão poucos! os que de collaboração com algumas damas privilegiadas, decerto não muitas (em todas as coisas mais agradaveis da vida é indispensavel a collaboração de uma mulher...) souberam rythmar esse bello poema da valsa, dando-lhe todo o sonho, todo o extasi, a flor da poesia, de que falla Musset, que converte as salas em paraisos, as mulheres em huris e a cintura d'ellas n'uma especie de tremelga que faz vibrar de electricidade os dedos que lhe tocam.

Quando dois peitos se encontram no amplexo de uma valsa, parece que os espiritos se unem como os corpos, n'uma inteira harmonia de movimentos, e é esse certamente o mais casto e ao mesmo passo o mais voluptuoso prazer da dança.

Finda a valsa, o cavalheiro como que regressa de uma lua de mel espiritual, de uma Cintra imaginaria onde os espiritos noivam, e conduzindo a dama á sua cadeira parece vir restituil-a á realidade da existencia — restituil-a, sim, porque essa dama não é sua e o mundo d'onde vieram não é de um nem de outro.

E' por isso que alguns maridos não estão dispostos a esperar na terra que a mulher volte do ceu, para onde fôra valsar com um estranho.

O ceu fica sempre tão longe, a viagem é tão longa, comquanto dure apenas alguns momentos, que são para recear os accidentes do caminho—os descarrilamentos, sobretudo.

Toda a valsa é um trem expresso; a sua mesma velocidade o põe em constante perigo.

Por isso um marido pratico dizia quando o convidavam para os bailes:

— Bem baile é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos.

Tinha horror aos descarrilamentos. . .

Uma vez, nas Caldas da Rainha, por uma deliciosa noite de verão—o bello luar de agosto!—dançava-se no Club uma valsa. O famoso Pavão—que fazia estragar ás noites o effeito benefico das aguas medicinaes tomadas durante o dia—estava ao piano interpretando Wal-dteufel.

Fóra havia grupos de curiosos que, através das janelas abertas, seguiam com interesse as evoluções de uma valsa dançada pela fina flôr da nobreza. . . thermal.

Não sei se teem notado que ha uma nobreza de exportação balnear, que todos os annos se promove a «rainha das aguas».

No regresso, em Lisboa, essa nobreza desaparece, como se ficasse no fundo das thermas.

Pois era nas Caldas, ahi mesmo, onde ha muito de isso.

Uma primorosa valsista, de 22 a 23 annos, mais elegante do que formosa, tendo porem todo o seu encanto no garbo da estatura, na basta abundancia dos cabellos e na funda voluptuosidade dos olhos, voava nos braços do parceiro, parecendo emergir dos compassos ternarios da valsa com os requebros airosos com que um cysne emerge de rapidos mergulhos na agua azul de um lago placido.

Um lavrador de Alfeizirão, que por contumacia na prudencia não quizera inscrever-se socio do Club, foi encontrar as filhas a espreitarem para dentro da sala.

— Meninas! exclamou elle, não estejam a ver isso, que estraga a saude.

Uma das meninas replicou:

— Ver não faz mal; dançar é que talvez faça, e ainda assim duvido.

O pae, muito severo, tirou-lhe pelo braço, dizendo :
— Isso não são figuras de cêra que se possam vêr sem perigo.

Palavras sentenciosas que sempre me ficaram gravadas na memoria.

Todo o perigo da valsa está justamente n'isso : que só de vel-a dançar larga a correr a gente para o paiz dos sonhos n'uma carreira doida, sem saber quando e onde poderá parar.

Faz effectivamente muita differença das figuras de cêra...

Mas vae uma grande distancia de vel-a a dançal-a, tanta como a de observar o Vesuvio de longe ou ao perto.

E foram esses maganões de Strauss, especialmente o pai e o João, que accenderam o vulcão da valsa para abrasar a humanidade.

11 de junho de 1899.

XIV

O ultimo bohemio do romantismo

A bohemia, segundo a definiu Henri Murger, é o noviciado da vida artistica ; o prefacio da Academia, do Hospital e da Morgue.

Assim, pois, os bohemios de todos os tempos teem sido cultores da gaia sciencia, mais ou menos illustrados d'um saber que não pésa, nem a elles nem aos outros, e que brilha, leve e irisado, como a espuma do *champagne* sob um jorro de luz.

Os velhos trovadores errantes não foram senão bohemios e quantas vezes, quantas vezes ! iriam lágrimas disfarçadas nos seus cantos de alegria, nos seus madrigaes cortezãos e nas suas «tenções» fozosas?

Não obstante a mascara de uma existencia que parecia frivola e ociosa, pulsava n'elles um coração sensivel, generoso e bom.

O romantismo teve os seus bohemios, como todas as

épocas. Eram instruidos, muitos d'elles poetas, que sabiam de cór Musset, Vigny e Chénier e que não se davam ares de o ser senão para assegurarem o direito de viver sem vexame entre os litteratos de profissão.

Quasi todos os homens de letras do romantismo tiveram trez quartas partes de bohemios, pelo menos na mocidade. Camillo foi aos vinte annos um bohemio de botequim e Garrett, durante toda a sua vida, foi um bohemio de salão.

A' volta d'estes, que se assignalaram como primazes na litteratura do seu tempo, volitaram outros, que se não propunham fazer llvros, mas que não duvidariam fazel-os se fosse preciso ; que deixavam em meio um artigo ou um soneto para não terem que faltar a uma ceia, a um baile ou a uma tourada.

Ao passo que a esphera de acção dos homens propriamente de letras era quasi sempre restricta ás manifestações do pensamento, os bohemios, reconhecidos como taes, investiam valorosamente com todos os generos de *sport*, intellectual ou physico, que estavam em voga no seu tempo.

Se se tratava de jantar ou cear, comiam e bebiam pantagruelicamente.

Se era necessario pegar um toiro ou um valentão, não lhe voltavam a cara.

Nas salas de baile, eram os primeiros valsistas.

A' mesa do jogo sabiam perder a derradeira mealha sorrindo estoicamente.

No theatro rompiam na vanguarda dos entendedores para applaudir ou patear.

Para salvar uma dama, n'uma noite de incendio, não hesitavam em expôr a propria vida.

E muitas vezes, de madrugada, se encontravam na rua uma creança tiritante, despiam o casaco para agasalhal-a.

Como amigos eram os primeiros, e como inimigos nunca foram os ultimos.

Tal foi Severo Ernesto dos Anjos, a quem eu denominarei o ultimo bohemio do romantismo, porque os que vieram depois já não sabiam de cór Chénier, Vigny e Musset.

Tendo vivido larga parte da sua vida entre litteratos e artistas, elle foi litterato sempre que o quiz ser, e como tal collaborou com brilho na antiga *Gazeta de Portugal*, que era no seu tempo o melhor jornal de Lisboa.

Em S. Carlos elle foi dos criticos mais abalisados e temidos, ao lado de Campos Valdez, de Vaz de Carvalho, do marquez de Niza e de José Avellar.

O Benaventano e o Mongini afagavam-n'o com reccio e amor, porque a subtil perspicacia de Severo era capaz de descobrir defeitos e falhas onde os outros só encontrariam titulos de gloria.

E não o fazia por má fé ou ruim proposito, senão como consequencia de um espirito naturalmente observador e dicaz.

O Mongini ía esperal-o á porta da Escola Naval, para o levar a jantar, porque já lhe custava ter de cantar á noite sem preparar o espirito com o *humour*, a graça que o Severo dissipava á mesa, como um principe russo pode dissipar rublos ás mãos cheias.

A' porta da Escola Naval, disse eu, porque Severo foi um bohemio que trabalhou. Era ali conservador do muzeu e da bibliotheca, e não faltava nunca. Unicamente não alterava o seu passo, moroso e suave, para chegar

mais depressa. Mas chegava sempre, embora, de monoculo alçado, parasse muitas vezes na rua a vêr o mundo que passava e que elle conhecia tão bem como os seus dedos.

Em S. Carlos ficava nas ultimas cadeiras da platea, ao pé da porta do fundo, fingindo-se dos ultimos, quando como entendedor era dos primeiros.

Nos intervallos bebia cognac no botequim e, dando mostras de não saber o que fazia, ia conversando o folhetim da noite a respeito da opera, das cantoras e dos espectadores.

A' mesa do Domingos Martins, na Ameixoeira, era o primeiro copo e o primeiro garfo.

Temiam-n'o os outros, porque seria coisa indifferente para o Severo começar a jantar depois de ter jantado.

Durante as grandes caçadas que Antonio de Campos Valdez dava em Alcacer do Sal, havia banquetes sumptuosos, a que Severo fazia as devidas honras.

Uma noite, trez ou quatro horas depois do banquete que terminára muito tarde, Severo e Valdez, que tinham saído a passear, disseram um ao outro quando recolhiam a casa :

— E se comessemos agora ?

— Que duvida ! é certo que já se podia comer outra vez.

Toda a familia e todos os criados de Campos Valdez dormiam a somno solto.

Foram os dois á dispensa e encontraram logo á mão um cabaz cheio de ovos.

— Para um aperto bastará isto.

— Resignemo-nos, sim.

E fritaram os ovos, elles mesmos, e puzeram-se a comel-os até chegar a hora do almoço.

Severo era um admiravel cosinheiro, sobretudo de comidas fortes, de pratos de resistencia.

Uma vez, quando morava n'um segundo andar da rua dos Algibebes, offereceu-me a mim e a outros um almoço de arroz de caril, que elle proprio cosinhára.

Não era arroz, era um Vesuvio em chammas, que fazia arder a bocca.

A' primeira garfada, queixei-me :

— Diabo ! isto é um incendio !

Elle aprumou o busto, alçou o monoculo, deitou a mão á garrafa cheia de vinho e disse passando-m'a :

— Chamemos em auxilio do teu incendio este Eduardo José Barreiros.

N'esse tempo, Eduardo José Barreiros era inspector dos incendios em Lisboa.

Jámais ninguem soube usar do monoculo como Severo. Ou o monoculo tinha nascido para elle ou elle para o monoculo. Nunca se chegou a averiguar isto. Com a sua mão pequena collocava-o tão facilmente, que não precisava enrugar a face. O vidro ficava tão seguro e certo como se o encaixilhassem ali.

Através do monoculo, andando pausadamente, parando a cada momento como quem não leva destino, saboreava a vida de Lisboa, observando-a nos menores *detalhes*.

Lisboa era para elle uma delicia, que nunca perdeu de vista. Severo parecia beber o ar azul, o sol de oiro, o perfume das mulheres, a pequenos goles, como se tudo isso fosse um copo d'absintho que elle trouxesse na mão pelas ruas.

Em geral o lisboeta ama a sua terra docemente; tem o ar de a ir gozando a cada passo n'um sybaritismo galante, n'uma voluptuosidade patriótica.

O portuense ama o Porto de differente modo: com um pau na mão, como o *Terrivel*, para desancar quem disser que não gosta d'aquella terra.

Severo, sobre ser lisboeta retinto, era pelo espirito um poeta, e pelo corpo, cujos nervos estavam amordaçados por um *embonpoint* saudavel, era um vagaroso.

De modo que fez a jornada de Lisboa, pela rua do Ouro abaixo ou pelo Chiado acima, ainda com maior delicia do que todos os outros lisboetas juntos.

Tinha pulso, sempre que precisava experimental-o. Vi-o n'um conflicto lançar-se bravio sobre o contendor, que não era nada pêco. Metteram-se amigos a apartal-os. Severo cedeu, sentou-se n'um sophá tranquillamente, reconquistando logo a sua placidez de gordo, poz o monoculo, passeou o olhar pelos circumstantes e disse atirando os pés para deante:

— Que diabo de semsaboria!

D'ali a pouco estava a jogar o *whist* — que elle jogava primorosamente como todos os outros jogos — e na sua physionomia calma e luminosa lia-se então, melhor que nunca, esta generosa divisa: *Sans rancune*.

Estava sempre prompto para todas as festas, comtanto que tivessem um *dx* de elegancia.

Tratava-se de uma ceia barata, na locanda da *Tia Leonarda*? Pois bem! a toalha havia de ser muito lavada; e se houvesse uma jarrinha com flores, não prescindia d'ella.

As suas camisas foram sempre melhores do que os seus casacos. Não foi nunca um janota, e viveu com os

melhores do seu tempo; mas foi sempre, na verdadeira accepção da palavra, um homem asseado.

Se entre as azeitonas da *Tia Leonarda* ou as trufas do *Hotel Braganza* surgia um pleito artistico ou uma discussão litteraria, sobre o repertorio de Wagner ou o theatro de Shakespeare, sobre as paisagens do Corot ou os romances de Bourget, elle, para entrar no assumpto, encontrava sempre um aspecto novo, feria uma tecla que que tinha escapado aos outros.

Os seus bons ditos passaram em proverbio, ficaram memoraveis.

Uma vez, certo funcionario, que ia partir para a Africa, mostrou a varias pessoas, que n'esse momento se encontravam reunidas, a photographia da sua familia, que deixava em Portugal.

Os circumstantes eram homens casados, quasi todos, menos o Severo, que nunca deixou de ser *un vieux garçon*.

Examinados os retratos, a pessoa a quem pertenciam guardou-os.

O Severo, que os não vira, exclamou desdenhoso :

— Por que diabo me não mostraste tu esses retratos?

O outro, percebendo a incorrecção que praticára, tartamudeou uma desculpa :

— Mostrei-os áquelles que eu sabia que eram pais, e que por isso melhor podiam comprehendêr estas coisas.

O Severo, serenamente, replicou :

— Quem lhe diz a você que eu não sou pai? Mãe é que nunca fui, graças a Deus ! E talvez, se eu não tivesse sido tão pai, nadasse agora em dinheiro.

Nos ultimos tempos, sem largar nunca o monoculo, o seu andar, que fôra sempre vagaroso, era arrastado. O

beijo inferior descaíra-lhe accentuando um traço de ironia, que fôra sempre leve n'outros tempos.

Parecia dizer á gente, quando nos olhava com doçura :

— Isto já não presta. Depois de se ter sabido viver, pode-se morrer sem grande pena.

Fiel ás tradições da bohemia, tal como a definiu Murger, foi morrer ao hospital.

Bohemios de hoje, ide pôr-lhe flores na sepultura : deveis á sua memoria essa homenagem de saudade e respeito.

Perguntae onde elle dorme, porque os grandes bohemios não tiveram nunca mausoleo.

Lisboa, 10 de dezembro de 1899.

Eduardo Garrido

Uma coisa em que os jornaes de Lisboa foram concordes . . .

Oh! prodigioso caso! Concordes os jornaes! Parece impossivel, mas é verdade.

Pois n'uma coisa foram concordes: em achar boa a traducção da *Lagartixa* por Eduardo Garrido.

E, cansados d'esse supremo esforço de se terem harmonisado uns com os outros por alguns momentos, os jornaes ficaram-se por ahi — muito fatigados.

Nenhum d'elles, que me conste, se lembrou de reunir dois traços biographicos d'esse homem, tão excepcional entre nós, que ha trinta annos, com um espirito sempre moço e florido, tem vivido no theatro, e, o que admira mais, tem vivido do theatro.

Suppirei de algum modo essa lacuna, praticando um acto de justiça.

E' um manjar delicioso, a justiça: sabe bem, de vez em quando, banquetear-se a gente com esse peregrino manjar que só de longe a longe apparece na mesa dos homens.

E depois a geração nova apenas conhece o nome de Eduardo Garrido por o ver de tempos a tempos no cartaz.

Não sabe ao certo quem seja esse homem, que poucas vezes se vê em Lisboa, porque vive em Pariz e que, vivendo em Pariz, apenas pensa nos theatros de Lisboa.

Em Portugal temos, é certo, alguns escriptores de theatro, que aliás não fazem d'isso profissão exclusiva.

Eduardo Garrido é o unico homem de theatro que possuímos. Nasceu para o theatro: é o seu mundo, a sua leitura, o seu ganha-pão.

Não pode dizer-se ao certo qual seja o numero de magicas, de operettas, de cançonetas, de monologos que tem produzido ou traduzido.

Mas, pelo que respeita a peças originaes, sabe-se que é o auctor de duas magicas: *A pera de Satanaz* e *A pomba dos ovos de ouro*, que se fartaram de dar dinheiro n outro tempo.

Dentro d'estas duas magicas, a primeira das quaes, apesar de mutilada, ainda ha pouco attraiu concorrência ao theatro da Avenida, estão cardumes infinitos de *calembours*, que constituem uma das feições mais caracteristicas do espirito comico de Eduardo Garrido.

O *calembour*, de que parece haver tomado o gosto em Duarte de Sá, é a sua melhor arma de combate no theatro, no botequim ou na sala. E' a flôr, sempre fresca, da sua *boutonnière* de escriptor.

Uma vez, no theatro da Trindade, conversavam no camarim de Francisco Palha alguns homens de lettras

e o maestro Frondoni, que foi o auctor do hymno da Maria da Fonte.

Alguem recordou o dito de Garrett: que não tinhamos feito nunca uma revolução ou contra-revolução sem um hymno.

Francisco Palha começou a recordar todos os hymnos do seu tempo.

— Pois ainda não fallaste de um, que é do teu tempo e do meu, observou Eduardo Garrido.

— Qual?

— Ora essa! e dos mais notaveis.

— Dize lá.

— Puxem pela cabeça, a vêr se adivinham.

— Não nos lembra mais nenhum.

— Parece incrível! E' o *Inno*. . . encio Francisco da Silva.

De outra vez, não sei agora em que sala, estava-se jogando um jogo de prendas, no qual cada pessoa devia adoptar o nome de um objecto qualquer.

Eduardo Garrido era — a baioneta.

Chegou a occasião de ser chamado e ter que fallar.

— A baioneta? Que é feito da baioneta?

Eduardo Garrido não respondeu.

— Pague prenda a baioneta, que não fallou.

— Não posso fallar, disse Garrido, nem devo pagar prenda: porque eu sou baioneta *calada*.

Quando a sua familia morava na rua da Emenda, estavam certo dia os trez irmãos Garridos escrevendo na casa de jantar: Eduardo traduzia uma peça de theatro e os irmãos estylavam cartas de namoro.

Eduardo, que era então muito novo, aproveitou a

ocasião em que os dois irmãos se levantaram, chamados pela mãe, para escrever na carta que um d'elles deixara incompleta :

Se te não sou indifferente,
 Como indicam teus olhares,
 E' justo que brevemente
 Haja, menina, entre a gente
 Certos dares e tomares.

Ia muito a casa dos Garridos um rapaz, guarda-marinha, de appellido Lopes, que tinha um queixo e nariz enormes.

No dia dos annos d'esse Lopes, Eduardo Garrido, a pedido dos irmãos, mandou-lhe uns versos, que só posso reproduzir truncados :

Desce-te o nariz ao queixo,
 Sobe-te o queixo ao nariz :
 E' que Deus, fazendo-os, quiz
 Prender o nariz ao queixo,
 Sustar c'o queixo o nariz.

.....

- Tão grandes ambos parecem,
 Que, á primeira, ninguem diz
 Se tens mais nariz que queixo,
 Se mais queixo que nariz.

Quando lhes morreu a mãe, um dos Garridos quiz ir viver para Pariz, como o Eduardo, mas vacillou ao lembrar-se de que precisava desfazer a casa em Lisboa.

— Se me dão saudades da patria, e volto, é o diabo, porque não terei aqui os moveis e arranjos a que estou habituado e aprecio tanto.

Eduardo, que estava então em Lisboa, voltou-se de repente e disse:

— Você pode ir para Pariz e voltar quando lhe parecer. Se quizer mobilar uma casa de repente, vai á rua do Merca-Tudo; sendo no inverno, procure casa na travessa do Forno; se fôr no verão, deve preferir a rua Fresca.

O *quantum satis* de vida bohemia, tão apreciada no theatro, e que Eduardo Garrido tem sabido cultivar ha tantos annos, trabalhando e divertindo-se, em Lisboa, no Rio de Janeiro e em Pariz, completa o seu typo de homem de theatro.

Uma vez, em Pariz, foram procural-o alguns amigos de Lisboa.

— Está um lindo dia, disseram-lhe elles, vamos jantar a qualquer arrabalde.

Garrido acceitou, alegremente, o projecto. Partiram. Chegaram a um sitio pittoresco, onde havia um *restaurant*.

— Aqui não, disse Eduardo Garrido.

— Porquê? Se é tão bonito o sitio!

— Porque tenho aqui uma conta, que ainda não pude pagar.

Mudaram de rumo. Foram procurar outro *restaurant*.

— Aqui tambem não, disse Garrido, porque ainda não fechei as contas com a casa.

E depois de pensar alguns momentos:

— O mais seguro é irmos jantar a Pariz.

Corre já em proverbio uma das suas phrases mais conhecidas: a sorte grande é uma coisa que sai aos outros.

Das suas poesias comicas, as que tiveram maior voga foram *A bengala*, *O prégo* e *O amigo Banana*.

A «Bengala», recitada pelo Santos Pitôrra, obteve um ruidoso «sucesso».

Era delicioso ouvi-la, porque o grande Santos, dizendo-a na ponta da lingua, excedia todos os primores de comediante, que possam imaginar-se.

Quanto ao *Amigo Banana*, ainda hoje parece nova quando esse glorioso velho, que se chama Taborda, chora na presença do publico que ri.

Da magica *A pomba dos ovos de ouro*, que é menos conhecida da geração actual, porque ha muitos annos que se não representa, quero lembrar uma das scenas em que os *calembours* esfervilham como abelhas em colmea.

Seja a scena que se intitula *Lição na pedra*.

O MESTRE

Se a mamã lhe offerecer um bonito,
Como aquelles que ás vezes lhe dá, —
Se o bonito é deveras bonito,
O que diz o menino ? . . .

NINI (*escrevendo na pedra e pronunciando as palavras :*)

D — K

O MESTRE

O menino responde : — *dê cá !*

Ora agora responda — se acaso
Dizer grande sandice não teme ;
Para bem dirigir seus navios
Que precisam os nautas ?

NINI (*como acima*)

L — M

O MESTRE

O que os nautas precisam — *é leme!*

Oiça ainda!... pergunta difficil!...
 Veja agora o menino o que faz;
 De quem nunca deu provas de tolo
 Que costuma dizer-se?

NINI (*idem*)

S — H, H

O MESTRE

O costume é dizer : — *é sagaç!*

Oiça mais, e responde — senão,
 Vae soffrer um castigo cruel...
 Se um criado não rouba nas compras,
 Que diz d'elle o seu amo?

NINI (*idem*)

F — I — L

O MESTRE

Diz o amo decerto — *é fiel!*

Bravo! Bravo!... vae ser premiado!...
 Mas primeiro dirá, se é capaz, —
 De que modo nas terras mais cultas,
 S'illuminam as ruas?

NINI (*idem*)

H, H

O MESTRE

Illuminam-se as ruas — *a gaç!*

Que prodigio!... que sabio!... que sabio!...
 Dez mil c'rôas de loiro merece! —

Quem taes provas de genio tem dado,
Não tem jus a taes premios ?...

NIN. (*idem*)

I — S

O MESTRE

Tem direito a taes premios — *Yes!*

O espirito de Eduardo Garrido é dos que têm o privilegio de zombar do tempo: não envelhece nunca.

Prova-o a traducção da *Lagartixa* e, se fôsse precisa outra prova, ainda poderíamos adduzir uma.

Ha pouco tempo, esteve Garrido em Lisboa.

Foi visitar um parente seu.

— Sente-se, tio Eduardo.

E offereceram-lhe uma cadeira, cujo panno representava uma cabeça de toiro.

Eduardo Garrido olhou para a cadeira com ar desconfiado.

Hesitou alguns momentos e por fim sentou-se dizendo

— Vá lá. Isto é o que se chama um pau por um olho.

Lisboa, 18 de fevereiro de 1900.

XVI

A. de Serpa¹

Foi assim, *tout court*, A. de Serpa, que elle assignou o seu volume de *Poesias* em 1851.

Começou por onde os homens de talento começam em Portugal: por fazer versos.

E' lei do paiz, imposta pela doçura do nosso clima, pela grandeza das nossas montanhas, pela exuberancia das nossas flores, pela belleza dos nossos rios, por este azul, esta luz, esta gracilidade eterna que sorri a Portugal no ceu e na terra. . .

Na sua familia, como em quasi todas, senão todas, havia poetas. Sua tia, D. Anna Xavier Sequeira Machado, versejára. D'esta senhora dizia José Freire de Serpa Pimentel, um dos irmãos de Antonio de Serpa, que o pendor á poesia o recebêra d'ella por herança.

¹ Conselheiro Antonio de Serpa Pimentel.

José Freire, que morreu visconde de Gouvea, foi o creador do solau em Portugal.

Elle mesmo o confessa no seu *Cancioneiro*: «Os solaus... especie de poesia, que eu criei, que não são a ballada allemã, nem a chacara mourisca, nem o rimance hespanhol, mas que posso chamâr portuguezes, porque são meus...» E' verdade que já se tinha usado em Portugal o solau no seculo XVI, porque lá diz Bernardim Ribeiro: «um cantar á maneira de solau, que era o que nas cousas tristes se acostumava.»

Não ha nada novo debaixo do sol; mas se José Freire não foi, rigorosamente, o creador do solau, foi pelo menos o seu restaurador, que o poz em moda.

Antonio de Serpa sacrificou uma ou outra vez no altar do irmão, como quando escreveu *O Pagem*; comtudo a sua poesia liberta-se já um pouco dos laços de familia, passa adiante do solau.

E' velha hoje? E', porque elle o era tambem. Sempre nos esquecemos de repôr os homens na sua época propria, e d'ahi vêm muitas injustiças de apreciação.

Mas esse volume de *Poesias* publicado em 1851 é um marco biographico, que serve para medir a distancia percorrida intellectualmente por Antonio de Serpa até chegar aos seus ultimos trabalhos de analyse sociologica.

E' certo que elle foi um espirito progressivo, que assimilou a evolução do tempo e que penetrou, com muita limpidez e serenidade, os problemas sociaes da nossa época.

Que eu estou em dizer que a grande força d'esse homem foi a sua mesma fraqueza, a doce mansidão com que tratava os homens e as coisas.

Criou para si mesmo um mundo especial em que vi-

via, sem affrontar ninguem. Pairava habitualmente na abstracção, entregue a um pensamento, que não era o dos outros. Mas se o chamavam á realidade, não se agastava, sorria. Punha o pé na terra, respondia ao que lhe perguntavam, despedia-se do seu interlocutor com um sorriso cortez, e voltava logo para o mundo abstracto, sem todavia se dar ares de querer ser mais superior do que os outros todos.

Era vel-o na camara dos pares, enquanto os oradores discursavam: recostado na cadeira, a cabeça alta fitandó a luz, a luneta em rodopio na mão direita.

Era vel-o na rua, n'um passinho curto e rapido, sempre com os olhos no chão, de modo que tinham de chamar por elle os que desejavam cumprimental-o.

De abstracção em abstracção, escutando ou andando, vivendo n'um alheamento que devia ser-lhe muito agradável e que lhe era habitual, pode dizer-se d'elle que não viveu como os outros e que viveu certamente melhor que todos os outros. . .

Passaram a proverbio as distracções de Antonio de Serpa, tamtas eram, e tão repetidas.

Uma vez, voltando da *matinée* de S. Carlos, em que se cantára o *Stabat Mater* de Rossini, entrou no seu quarto, e metteu-se dentro da cama.

Foram chamal-o para o jantar.

— O jantar! perguntou Antonio de Serpa. Mas então não são horas de dormir quando a gente vem de S. Carlos?

De outra vez ia servir-se o jantar, e Antonio de Serpa, entretido no seu escriptorio, não dera attenção ao toque da campainha.

Foi um criado bater-lhe á porta.

— O que é?

— Estão todos á espera do sr. conselheiro para jantar. Antonio de Serpa, abrindo a porta, perguntou com interesse ao criado:

— Mas quem é o sr. conselheiro que vem cá jantar hoje?

O conselheiro era elle proprio.

Precisou um dia levantar-se muito cedo, e para que o criado se não esquecesse de chamal-o, disse-lhe que puzesse uma cadeira sobre a mesa de jantar.

— Vendo a cadeira, lembras-te de chamar-me.

Accordou primeiro do que o criado, levantou-se, viu a cadeira e, quando o criado appareceu, estranhou-lhe muito admirado:

— Que mania tens tu agora de pôr as cadeiras sobre as mesas?!

Pode dizer-se d'elle que nunca vestiu senão um fato, porque era sempre da mesma côr e feitio.

Notava-lhe isto a familia, e elle respondia bondosamente:

— Quando agora fôr ao alfaiate, não me hei de esquecer de variar. . .

Chegava a occasião de mandar fazer outro fato.

Perguntava-lhe o alfaiate:

— V. ex.^a quer escolher?

— Não, sr. Quero o costume.

Por occasião das primeiras eleições que se fizeram depois da morte de Fontes, quando ainda o partido regenerador era dirigido por uma commissão de «marechaes», fez-se a escolha dos candidatos, distribuiram-se os circulos.

Concluido este trabalho, Antonio de Serpa perguntou

de repente ao sr. Hintze Ribeiro, que já era par do reino :
— E v. ex.^a fica sem circulo?!

A sua ultima distracção em publico foi no verão passado.

Serpa já não frequentava a camara, mas appareceu um dia em S. Bento levado por um generoso impulso de bondade do coração: era elle que costumava, no fim de cada sessão legislativa, propôr que se desse uma gratificação aos empregados da sua camara — a dos pares.

Entrou na sala das sessões, onde ainda estavam funcionando os deputados. ¹

E pediu a palavra com receio de perder a occasião.

Esta distracção foi muito commentada nos corredores; comtudo, ninguem então suspeitou que toda a pressa de Antonio de Serpa proviesse do desejo de ser agradável a quem sempre costumára sel-o.

A bondade, caracterisada pelas suas acções e palavras, umas e outras sempre serenas, foi n'elle uma virtude que jámais o atraçou.

Vou contar um caso acontecido comigo, e que bastaria por si só a definir um character.

Era ministro da justiça o sr. Julio de Vilhena, a quem pedi que criasse mais um officio de escrivão de direito n'uma comarca do Minho.

Affiancei-lhe que os outros escrivães da comarca estavam de accôrdo.

— Mas, objectou-me o ministro, é preciso saber o que informará o juiz de direito.

¹ Foi depois do incendio da antiga camara dos deputados, quando as duas camaras faziam as suas sessões na sala da camara dos pares.

Fiquei de o saber.

Era juiz d'essa comarca o dr. C., já fallecido, que fôra amigo de infancia de Antonio de Serpa.

Eu não o conhecia e, para aplanar quaesquer difficuldades, pedi a Antonio de Serpa que consultasse elle particularmente o juiz de direito sobre o assumpto.

Antonio de Serpa sorriu, fez voltear a luneta, e respondeu-me :

— Vou já aqui mesmo escrever-lhe. O juiz é um santo homem, e desde que os outros escrivães se não julguem prejudicados, creio que não terá duvida em fazer o que se deseja.

Escreveu a carta, e entregou-m'a.

— Muito obrigado, disse eu recebendo-a.

Antonio de Serpa tornou a sorrir, tornou a voltear a luneta, e respondeu-me:

— Muito obrigado sou eu.

— Como ?!

— Sim, explicou elle, muito obrigado sou eu, porque ha cêrca de trinta annos que tenho as minhas relações interrompidas, por qualquer cousa politica, com esse amigo de infancia. Muitas vezes tenho pensado em reatar essas antigas relações de amizade, que fazem falta ao meu espirito; mas faltava-me o pretexto. Deu-m'o V. Agradeço-lh'o sinceramente.

Dias depois vinha a resposta do juiz, plenamente satisfatoria: li a sua carta, que Antonio de Serpa me mostrou, e que era, em prosa correntia, um commovente hymno de paz e concordia trocado entre dois amigos de infancia que desejavam reconciliar-se.

Eu restitui a carta pensando:

— Que homens, estes velhos !

Desde esse dia augmentou o meu respeito, que sempre foi em mim uma inclinação espontanea, por todos aquelles que são mais velhos do que eu.

E deitando contas á minha vida chego agora á seguinte conclusão: não conheço todos os novos que estão em evidencia; mas conheço todos os velhos que por algum titulo se evidenciaram.

E' verdade que muitos d'elles já dormem o somno eterno.

Mas, sequer ao menos, não os tenho deixado partir sem a homenagem, ainda que insignificante, do meu respeito e da minha estima.

E' o que estou fazendo perante a memoria de Antonio de Serpa.

Lembra-me agora, para acabar, outro factó que testemunha mais uma vez a sua bondade de character.

Era Antonio de Serpa ministro da fazenda.

Tinha sido resolvido em conselho demittir Santos Monteiro de director geral das alfandegas.

Antonio de Serpa teve que subordinar-se á opinião conforme dos seus collegas.

Mas, á volta do conselho, depois que entrou em casa, levou toda a noite a passear ao longo de uma sala.

Tinha pela manhã que demittir um velho funcionario.

Fossem quaes fossem os motivos, custava-lhe muito fazel-o.

Tal foi Antonio de Serpa.

As anedotas que tornaram lendaria a sua abstracção, não as recordaram agora os jornaes, talvez receosos de amesquinharem, se o fizessem, o vulto de Antonio de Serpa.

Eu entendo de outro modo.

Relembrei-as, porque me parece que ellas dão claro testemunho de que o espirito d'esse homem illustre, pairando n'uma atmospherá de superior actividade intellectual, onde a bondade é mais pura, viu sempre o mundo de alto, não para cuspir na terra, mas para se aproximar mais do eterno fóco de toda a luz, onde agora entrou definitivamente.

Lisboa, 4 de março de 1900.

Antonio Nobre

Falleceu hontem, na Foz do Douro, este illustre poeta portuense, a quem sempre votámos subida consideração e apreço.

Não pertencemos ao numero d'aquelles que só fazem justiça perante os mortos. Detestámos esses caracteres até ao nojo. Confessámos em todos os tempos a maior admiração por Antonio Nobre, até pelas suas excentricidades entre os seus primores.

Ainda ha um anno, quando publicámos originalissimos versos seus, precedidos de algumas palavras nossas, certo jornal se riu de nós em ar de mofa.

Esse mesmo jornal ha de agora chorar por elle. . . lagrimas de crocodilo.

Vel-o-hemos.

Como todos os poetas portuenses, dos melhores, Antonio Nobre tinha a preocupação da morte e da desgraça.

Julgava-se um predestinado para a fatalidade do soffrimento.

São innumeras as referencias que faz nos seus versos a essa supposta predestinação :

Ao mundo vim, em terça feira,
Um sino ouvia-se dobrar.

.....Foi escripto á luz do raio
O triste fado que me deu Nosso Senhor.

Fôra melhor não ter nascido, fôra,
Do que andar, como eu ando, degredado
Por esta Costa d'Africa da vida.

Em tudo encontrava vaticinios lugubres, symptomas da sua condemnação ao soffrimento.

Assim, recorda a epoca da infancia, fallando de si mesmo :

Mas foi a uma festa, vestido de anjinho.
Que fado cruel !
E a Antonio calhou-lhe levar, coitadinho !
A Esponja do Fel...

Esse mau fado, tantas vezes annuciado, era uma sina de familia; uma sua prima endoidecêra :

A Prima doidinha por montes andava
A' lua, em vigilia !
Olhae-me, doutores ! ha doidos, ha lava,
Na minha familia.

Antonio Nobre começou a versejar muito novo. Ha versos seus de 1884, 1885 e 1886: são os que constituem a sua primeira *maneira*.

Revelava-se então um poeta lyrico de valor; mas a sua individualidade tão estranha e original não se deixava ainda adivinhar.

São d'essa epoca os versos que em seguida publicamos e que deviam fazer parte de um livro então annuciado com o titulo de *Alicerces*:

A Ingleza

Chamava-se Ellen. Nasceu na Gran Bretanha e diz-se
Que Deus copiou o céu d'aquelle olhar de Miss.

E' casta, é ingenua, é boa e tem dez annos só,
Dez rozas da existencia extinctas sobre o pó!

E dizem que ella foi, n'uma manhã radiosa,
Gerada pelo sol no ventre d'uma rosa :

De maneira que são—como de mais ninguem—
Os lyrios seus irmãos, a rosa sua mãe...

Tudo lhe fica bem. Invejam-n'a as estrellas!
Ellen, comtudo, ri : não tem inveja d'ellas.

Os seus franzinos pés cabem na minha mão.
Os seus olhos, meu Deus!... nem sei o que elles são...

A sua mão pequena é côr de neve e leite.
E vê-se-lhe um signal na pelle, como enfeite...

Tem um perfil de rôla e uns olhos de rapaz.
A sua bôcca exhala a essencia do lilaz.

Por isso, quando beija alguma rosa linda,
Com essa essencia rara incensa-a mais ainda.

Foi com a tinta azul do seu profundo olhar
Que Deus aguarellou a immensa téla—o mar !

Nos labios tem a côr das purpuras sagradas.
Veste de branco assim como as visões de fadas...

E' pobre, muito pobre, ah ! nada tem de seu :
Por isso te amo, flor ! por isso te amo eu.

Tem por unico dote o seu cabello loiro,
Que é do melhor quilate e do mais fino oiro...

Quando se faz vermelha e fica de outra côr,
Raia na sua face a aurora do pudor.

Encerra no seu corpo — argilla sacrosanta —
A alma do rouxinol e o coração da planta.

Ao vel-a ajoelhada em frente de Jesus,
Cheia de paz e amor, cheia de Graça e Luz,

De braços para o ceo e tranças pelas costas,
Eu caio ajoelhado e fico de mãos postas !

Fico a rezar, fugindo ás tentações do mal,
Na igreja da Chimera, eu monge do Ideal...

E digo, como outr'ora os pallidos ascetas,
Os braços estendendo á abobada infinita,
Folheando o azul do ceu, esse missal dos poetas:
Bem dita sejas tu entre as mulheres ! bem dita !

Seixo, 1886.

Como se vê, estes versos são datados da quinta do Seixo, a que elle se refere n'uma passagem do *Só*:

Vou para o Seixo, para a minha herdade.

Parece que foi uma traição no amôr o grande desgosto da sua vida :

.....mataram-lhe os ideaes,
A' falsa fé, n'uma traição abjecta
Como os bandidos nas estradas reaes.

Este desgosto, enlutando-lhe a alma, abriu-lhe novos horisontes, embora sombrios. A dôr tem sido a fada inspiradora de muitos poetas, e Antonio Nobre foi um d'elles.

Em 1887 estava em Coimbra com o intuito de se formar em direito, e ahi habitou a celebre casa que elle denominava *Torre de Anto* :

E a noite perde-se em cavaco
Na Torre d'Anto, aonde eu moro.

Foi n'esse anno que, estando a ferias em Leça da Palmeira, compôz a poesia *Pobre tísica*, que desde logo conquistou fóros de notavel e é, em verdade, superior á *Chute des feuilles* de Millevoye.

Transcrevemos algumas estrophes:

Quando ella passa á minha porta,
Magra, livida, quasi morta,
E vai até á beira mar,
Labios brancos, olhos pisados:
Meu coração dobra a finados,
Meu coração põe-se a chorar...

.....

Triste, acompanha-a um *Terra Nova*
 Que, dentro em pouco, á fria cova
 A irá de vez acompanhar...
 O chão desnuda com cautella,
 Que *Boy* conhece o estado d'ella:
 Quando ella tosse, põe-se a uivar !

E, assim, sósinha com a aia,
 Ao sol, se assenta sobre a praia,
 Entre os bebés, que é o seu logar . .
 E o Oceano, tremulo avôsinho,
 Cofiando as barbas côr de linho,
 Vem ter com ella a conversar . . .

.....
 Sarar ? Da côr dos alvos linhos,
 Parecem fusos seus dedinhos,
 Seu corpo é roca de fiar . .
 E, ao ouvir-lhe a tosse secca e fina,
 Eu julgo ouvir n'uma officina
 Taboas do seu caixão pregar !

Estava iniciada a segunda *maneira*, a definitiva, de Antonio Nobre; aquella que pôz a descoberto toda a sua individualidade excentrica e originalissima.

Então a idéa de um destino amargo accentua-se a cada momento.

Em 1891 viaja pelo Atlantico á procura de repouso, que não encontra em parte alguma:

Onde vou eu ? Meu fado onde me leva ?
 Antonio, onde vais tu, doido rapaz ?
 Não sei. Mas o vapor, quando se eleva,
 Lembra o meu coração, na ancia em que jaz...

Ah ! fôra bem melhor, vás onde vás,
 Antonio, que o paquete fosse ao fundo !

E a tortura do *além* e quem lá mora !
Isso é, talvez, minha unica afflicção...

Ai quem me dera entrar n'esse convento
Que ha além da morte e que se chama *A Paz* !

Demorou alguns annos em Pariz, onde foram escritas muitas das suas poesias comprehendidas no livro *Só*, titulo que é já de per si um grito de desolação e abandono.

O seu fado de desgraça parecia estender-se aos seus proprios amigos, que foram A. J. d'Oliveira Macedo, Eduardo Coimbra e Antonio Fogaça:

Os trez, os intimos, *Aquelles*,
Estão na Morte, no estrangeiro...
Dos mais não sei, perdi-me d'elles.

Fizera-se um solitario, até no centro de Pariz, tendo extasis, spasmos, allucinações mysticas, vesanias funebres.

O mundo era para elle uma vasta enfermaria cheia de «Kistos da Dor, gangrenas da Esperança, cancrios do Tedio, e pus do Odio».

Elle mesmo era um doente, um neurasthenico incuravel; e a sua doença era uma «tysica da alma», como elle proprio a diagnosticava.

A ideia da morte, a *Velha*, apparecia-lhe por toda a parte:

Em tudo via a Velha, em tudo via a Morte.
E ao ver meadas de linho a córarem ao sol,
Pensava... se estaria, ali, o meu lençol...
Deitava-me no chão de ventre para o ar,
Scismava: se eu morrer, é assim que hei de ficar.

Tendo-se manifestado a tuberculose — essa terrível doença que tem victimado quasi todos os melancolicos poetas do Porto — Antonio Nobre passou algum tempo na ilha da Madeira, na quinta de Clavadel.

Foi d'ahi que nos enviou os notabilissimos versos que publicamos então no *Popular*, por isso mesmo que chegaram tarde para o fim a que se destinavam, e que vieram acompanhados da seguinte carta:

Ilha da Madeira, janeiro, 29 1889.

Sr. . . . — Em resposta ao amavel convite de v. . . envio junctamente um trecho inedito d'um proximo livro meu, em que, alludindo ao visconde d'Almeida Garrett, d'algum modo posso, julgo eu, associar-me á homenagem que o theatro de D. Maria vae prestar áquelle nosso illustre patricio.

Convalescente como estou d'uma grave doença ultima, não me seria talvez possivel compôr as quadras que me pede, allusivas a tal solemnidade. Mas julgo que preferirá essa «Lisboa» por ter o ensejo de cortar com os meus versos o ar *trop académique* que certamente terá um album de poetas, celebrando outro poeta. Publique-os v. ou não publique, conforme as exigencias do seu programma; na minha qualidade de admirador enternecido de Garrett e para mostrar a v. toda a minha boa vontade, — eu não hesito em lh'os enviar, logo á noite, pelo «Jêrôme».

Aproveito a occasião para agradecer a v. as referencias amaveis que tem feito em algumas das suas obras á minha, como em tempo me communicaram para França alguns amigos meus. E sinto-me em falta por ainda não

lhe ter enviado o meu livro, o que farei em maio, ahi, como de resto era já minha intenção.

Peço me creia com muita sympathia

De v. etc.

Antonio Nobre.

Nunca fizemos conhecer a Antonio Nobre as referencias aos seus versos, como se prova por esta carta. Não visamos, nem então, nem nunca, a agradecimentos; costumamos fazer justiça por amor da justiça: mais nada.

Já vae sendo tempo de dizer tudo. Pouco nos importa que nos agradeçam ou que nos desagradeçam.

O parente de um poeta moderno mandou-nos uma vez o livro de versos que este publicára. Não gostamos e, em attenção a quem nos enviava o livro, não dissemos nada, seguindo o conselho que nos dera uma vez Teixeira de Vasconcellos.

Passaram tempos, e o signatario da carta deixou de cumprimentar-nos.

Pagou um favor com outro. . . porque os muitos cumprimentos dão sobejo incommodo.

Mas nem por isso alteramos a nossa norma de proceder.

Antonio Nobre conhecemol-o quando ainda era imberbe; nunca mais o vimos nem lhe fallamos.

Mas prestamos homenagem ao seu alto valor litterario, sempre que era possivel e opportuno fazel-o.

A' volta da Madeira, o poeta do *Só* foi para o Porto, não convalescente, como elle dizia, mas gravemente enfermo.

Ali, na Foz, falleceu hontem. Não morreu á terça-feira, como suppuña:

... N'este Inferno,
D'aquelle que nasceu em terça-feira
E em terça-feira morrerá, talvez.

Mas será hoje, terça-feira, que entrará no *Hotel da Cova*, onde descansará, finalmente, no *Convento da Paz*.

Não queremos terminar, sem recordar algumas das lindas quadras, feitas em Coimbra, que pertencem á segunda *maneira* lyrica do auctor :

O' choupo magro e velhinho,
Corcundinha, todo aos nós:
E's tal qual meu avôsinho,
Falta-te apenas a voz.

A lua é hostia branquinha,
Onde está Nosso Senhor.
E' d'uma certa farinha
Que não apanha bolôr.

Nossa Senhora faz meia
Com linha feita de luz:
O novello é a lua-cheia,
As meias são p'ra Jesus.

Esta ultima quadra foi vulgarisada pelo mallogrado Hilario, na guitarra.

Muito mais desejaríamos escrever; mas impossibilita-nos de o fazer a falta de tempo e espaço.

Lisboa, 20 de março de 1900.

Agostinho Albano

Morreu esta semana, no Porto, um homem que foi alegre.

A alegria, se não vem acompanhada de outra qualquer qualidade, é estúpida como os cascaveis de um arlequim e pode chegar a ser bruta como a clava de Hercules.

Ha, em verdade, pessoas que nos seccam fazendo agitar constantemente aos nossos ouvidos as soalhas da sua graça impertinente e fatigante.

Havia d'antes muito disso, quando vogava a mania dos *calembours*. Não podia a gente dizer a mais simples coisa d'este mundo, que não a visse logo *calemburisada*. Chegava a fazer desespero e febres.

Além da alegria seccante, ha a alegria violenta, que parece furacão. Essa tal é como um homem muito gordo, que nos empurra, entala, e esmaga. «Aqui vou eu!» diz ella. E quer que nos riámos á força, sob a ameaça

de nos reduzir a pó com a maça de Hercules — que é a mais bruta arma de que tenho noticia.

Ora o escriptor Agostinho Albano, agora fallecido no Porto, era alegre e limpo — d'esta limpeza d'alma que se espelha gentilmente nas maneiras, nas acções e até no fato.

Foi um janota de bigode retorcido em flechas como um cadete da Gasconha, sempre de barba feita, de frak bem talhado, de botas lustrosas.

Possuía, como o seu exterior denunciava, uma graça leve e fina, que visava principalmente a critica dos costumes, jámais o character das pessoas.

Por isso não teve nunca incompatibilidades, nem semeou odios nunca. Fallava a toda a gente, entrava em todos os botequins, era acceito em todas as classes sociaes.

O nome de guerra, pelo qual se tornou popular no Porto da sua mocidade, dispensava-lhe os appellidos heraldicos de Silveira Pinto.

Era apenas o — Agostinho Albano, que toda a gente conhecia e que toda a gente estimava.

O seu grande amigo foi por muito tempo o maestro Salvini, um forte, muito alegre e muito asseiado. Alto, hombros largos, peito solido, pulso rijo, Salvini era uma alma de artista no corpo de um valentão.

Conheci esse diabo de Salvini, que andava sempre pela rua a cantarolar e tinha um grãosinho de loucura artistica — embora não chegasse nunca a ser um compositor incontestado — conheci esse diabo de Salvini no seu elegante ninho do Passeio das Virtudes, onde se respirava uma elegancia refinada nos moveis, nos estofos, nos quadros, nas flores e nos livros.

Quem me levou a sua casa foi Agostinho Albano n'uma terça feira de carnaval, ás dez horas da noite. Ia-mo-nos ali mascarar, para o baile do Palacio de Crystal. Eu devia ter então dezoito annos, e tinha a consciencia da minha idade feliz — essa idade de que Thomaz Ribeiro havia dito :

A dos dezoito, é da vida
fresca, plena primavera,
rosea grinalda, embebida
de aroma que não se altera.

Bem sabia eu que, entrando em casa de Salvini com Agostinho Albano, ia ter uma noite de tempestuosa alegria, que talvez desfolhasse a minha «rosea grinalda» e lhe «alterasse o aroma».

Mas, com a breca! de boa vontade, para conquistar tão agradável companhia, eu atiraria tudo por cima dos moínhos, incluindo a minha grinalda de filho-familia aos dezoito annos.

Mascarámo-nos extravagantemente com as colchas, as toalhas e os lençoes de Salvini e partimos, como trez phantasmas brancos, para o Palacio de Crystal, onde a essa hora redemoinhava uma multidão enorme, agitada por um vendaval de alegria.

Não ha, no nosso paiz, bailes de mascarar mais ruidosos e animados do que esses.

E' verdade que estou a vêl-os pelo prisma dos dezoito annos — com grinalda e tudo.

Não sei bem o que fizemos durante o resto da noite, mas certamente seriam doidices, das que n'aquelle tempo eram permittidas em terça feira gorda.

Agora o ultimo dia de carnaval é magro; do que foi só conserva o nome.

Lembro-me bem de que n'esse baile andava Teixeira de Queiroz com uma férula mettida no bolso do casacão.

O seu gosto era perseguir algum mascarado insipido, pedir-lhe que lhe deixasse vêr a palma da mão e depois dar-lhe palmatoadas para lhe castigar a estupidez, dizia elle.

Esse Teixeira de Queiroz era um endiabrado rapaz, alegrissimo em toda a parte — principalmente nos bailes de mascararas.

Eu não sei se o desacredito dizendo isto, mas estou em maré de confidencias, até a meu proprio respeito.

Eram cinco horas da manhã quando Salvini, Agostinho Albano e eu sahimos do Palacio de Crystal.

Estivemos á espera que o baile acabasse, para enterral-o.

Agostinho Albano propoz que fôssemos todos para a sua casa de Sampaio na margem esquerda do rio Doiro. Precisavâmos descansar e ali, dizia elle, dormia-se muito bem, só havia os caseiros, que não faziam barulho, porque eram imponderaveis.»

Approvado o plano, descemos mascarados a rua da Restauração.

As vendedeiras que iam para a Praça do Anjo, os operarios que iam para o trabalho na cidade, vendo, em plena manhã cheia de sol, trez phantasmas carnavalescos, apupavam-nos, cobriam-nos de vaias e insultos.

Em Massarellos, foi preciso contratar barco que nos puzesse do outro lado do rio. Tudo isso levou tempo, juntou-se povo, que nos assediava com dichotes.

Salvini impacientou-se, respingou teso, armou-se uma tal ou qual baralha.

Como o barco já tivesse abicado, Salvini disse-nos que embarcassemos primeiro, e elle, corpulento e sa-nhudo, contendo em respeito o povo, embarcou por ultimo, grandiosamente, como um heroe d'Africa deante d'uma horda de cafres.

Agostinho Albano sentou-se á prôa do barco e a meio do rio desembarçou-se de uma toalha de Salvini, que lhe servia de gravata; lançou-a á agua, com gesto melancolico, e vendo-a arrastada pela corrente, exclamou :

— Vai, taça do rei de Thule, pairando ao som das mansas aguas, e dá visitas minhas ás samjoaneiras.

As samjoaneiras são as esbeltas raparigas da Foz do Doiro.

O palacête de Sampaio está edificado, elegantemente, n'um sitio triste, que os pinheiros ensombram. Tinha n'aquelle tempo apenas dois vizinhos : a pequena povoação de pescadores, que se denomina Afurada, e o rio Doiro, torvo e melancolico.

Estava-se ali muito longe do mundo ; para dormir era excellente, que o sei eu.

Agostinho Albino escreveu muito, espalhando prosa e verso por jornaes.

Mas apenas deixou dois livros, *Antes de soprar á luz e Amor e palavras*, romance.

A sua graça, sempre espontanea, não o atraçoava.

Lembro-me vagamente de que o heroe d'aquelle romance tinha quatro nomes e de que, assignando uma carta de namoro, poz as suas quatro iniciaes, que eram as seguintes : A. S. N. O.

Agostinho não se preocupava muito com a forma, não burilava a phrase, não aspirou a ser um estylista.

Mas poucos escriptores portuguezes teem sido mais espontaneos do que elle.

Nos ultimos annos vivia retirado na casa de Sampaio, elle, que fôra um bohemio, elle, que tanto tinha amado o mundo, o bulicio, a alegria.

Pode dizer-se que dormira ali o resto da sua vida, n'uma paz doce, que eu pude aquilatar durante algumas horas, em quarta feira de cinza, depois de ter perdido uma noite no baile de mascaras do Palacio de Crystal.

Salvini falleceu ha muitos annos.

Agora chegou a vez de Agostinho Albano, cuja existencia parece ter sido a copia fiel dos titulos dos seus livros: *Amor e palavras*; *Antes de soprar á luz*.

Amou, e escreveu.

Depois, cansado de viver, soprou definitivamente á luz, e adormeceu na paz dos mortos.

Lisboa, 20 de maio de 1900.

XIX

Max Muller

Falleceu agora um homem que passou toda a sua vida a estudar a linguagem humana: Max Muller.

D'elle se pode dizer que foi o mais logico dos inglezes, sendo aliás a Inglaterra a mais logica das nações.

Propoz-se versar um assumpto, consolidando uma sciencia — *the science of language*, e foi direito ao seu fim com uma tenacidade verdadeiramente britannica.

Nós cá, os portuguezes, que todos os dias mudamos de opinião, devemos espantar-nos de tamanha perseverança.

Um amigo meu, que já Deus lá tem, dizia que só tinha conhecido em Portugal um sujeito coerente em todos os actos da sua vida — acertos ou tolices.

E contava uma historia. . .

Era um capitão de cavallaria, que tinha o fraco das bebidas alcoolicas e que attingia o maior grau da excentricidade humana quando estava embriagado.

O seu impedido aturava-o com extrema dedicação, cumprindo todas as suas ordens por mais disparatadas que lhe parecessem, só para o não incomodar irritando-o.

Certo dia o capitão entrou em casa com uma embriaguez sorumbatica, caminhando a passos lentos, cabeça pendida, como Hamlet no famoso monologo *To be or not to be*.

Depois de ter estado durante alguns momentos encostado a uma mesa, em attitude meditativa, disse de repente para o impedido :

— Rapaz ! quero morrer.

E o impedido respondeu-lhe :

— Pois sim, meu capitão.

— Vae carregar a minha pistola.

O impedido deu meia volta á direita e foi fazer o que o capitão tinha mandado.

Mas carregou a pistola apenas com polvora sêcca, por causa das duvidas.

— Carregaste ?

— Já carreguei.

— Bem. Vamos a isso.

O capitão pôz-se de pé, com maior ou menor firmeza de pernas ; abriu os braços para descobrir o peito ; e disse ao impedido como se dêsse uma voz de commando :

Fogo.

O soldado nem pestanejou. Ergueu a pistola, fez pontaria, e desfechou.

Como se tivesse recebido uma bala em pleno peito, o capitão — sempre coherente até nas suas excentricidades — deixou-se cair ao chão com estrondo.

Parecia morto, tão immovel estava.

O impedido ficou-se a olhar para elle e a dizer :

— Safa ! que esta hoje é de alto lá com ella !

Passaram momentos, o capitão continuava immovel, tomando muito a serio o seu papel de morto, e o impedido teve pena de o ver ao frio, estatelado no pavimento.

Pegou no capitão com o maior geito possivel e estendeu-o sobre o leito, dizendo, por conhecer bem o genio coherente do patrão e não querer agastal-o :

— Descanse em paz na sepultura o meu pobre amo, que era o melhor official do seu regimento e que eu, por obedecer ás suas ordens — porque um soldado deve obedecer sempre — tive de matar com um tiro de pistola.

O capitão continuava muito quieto no leito.

O impedido deitou-lhe um cobertor sobre o corpo para o aquecer.

Eis senão quando o capitão, com voz sumida, e sem se mexer, disse ao impedido :

— Deita mais terra, Joaquim.

Tinha frio.

E o impedido, cobrindo-o com mais dois cobertores, e sem se desconcertar :

— Faça-se a vontade do meu rico amo : ahi vai mais terra.

Este capitão era, na opinião do meu fallecido amigo, o unico homem coherente que tinha existido entre os portuguezes — até quando disparatava por embriagado.

Mas a Inglaterra é o paiz da logica e por isso não admira que Max Muller, sendo inglez, houvesse consagrado toda a sua vida a um unico pensamento.

Toda a gente falla... excepto os mudos, que são excepção á regra geral. Pouca gente, porém, quer saber d'onde veiu a linguagem e como ella se foi con-

stituindo através dos tempos e das gerações. Quanto mais se falla, menos se pensa n'isso. Max Muller, como pensava muito, devia fallar pouco.

Qual a origem da linguagem?

Será uma criação da natureza?

Uma invenção do espirito humano?

Ou será, finalmente, um dom do céu?

Todas estas interrogações interessaram muito o espirito do sabio professor inglez, que se apaixonou sinceramente pela joven sciencia de que a linguagem, antiga e universal, era objecto; sciencia que nascera apenas no principio do seculo XIX e que era ainda tão mal conhecida, no tempo em que Max Muller a namorou, que até se lhe não sabia ao certo o nome.

Chamavam-lhe uns Philologia comparada; outros Etymologia scientifica, Phonologia, Glossologia e, os francezes, Linguistica.

Muller, apaixonado como um bom inglez — que é sempre logico em tudo, até no amor — começou a divinisar a sua joven beldade.

Se era uma criação da natureza, reputava-a a mais sublime de todas as criações, reservada ao homem unicamente.

Se era uma invenção artificial do espirito humano, o seu inventor collocava-se ao nivel de um creador divino.

Se era um dom do céu, era o maior de todos os dons, mediante o qual o proprio Deus fallava com o homem e o homem fallava com Deus.

E não discutindo nomes, porque um inglez não perde tempo com coisas inuteis, Max Muller, propondo-se escrever a historia da linguagem — como um namorado

escreve o *perfil* da sua bem amada — deu-lhe o nome generico e modesto de *Sciencia da linguagem*.

Modesto, dizemos, porque o que elle escreveu sobre o seu assumpto predilecto não foi apenas uma historia, mas uma epopea.

Não é apenas a sciencia, mas tambem a poesia da linguagem : um poema sem estrophes.

Canta a sua divindade favorita, como os brahmanes a cantaram nos *Vedas*, dirigindo-lhe hymnos, com os olhos altos, levantados parao firmamento.

Os gregos, se lhe não dirigiram hymnos, tributaram-lhe as maiores honras, adoraram-n'a a seu modo.

Quanto as gerações teem recuado desde os brahmanes ou ainda desde os gregos até nossos dias !

A linguagem deixou de ser uma divindade, que recebia hymnos e homenagens, para andar por ahi a pontapés, como um chapeu velho, amolgada, esfrangalhada, despresada, servindo principalmente para o mais reles serviço que a palavra pode desempenhar : descompor, injuriar, insultar os outros.

Max Muller nunca se deixou contaminar d'esta pecha, filha da corrupção humana.

A linguagem foi sempre para elle uma divindade ou, pelo menos, um poema divino ; tributava-lhe hymnos como os brahmanes, homenagens como os gregos.

Adorava-a, e não fez outra coisa em toda a sua vida.

Diante de uma palavra, Max Muller parava a contemplal-a como se fosse um astro.

E ia desencantar-lhe a origem, como um biographo pode investigar a data do nascimento do seu biographado.

Assim, por exemplo, a palavra lua, em inglez *moon*,

é como se fosse uma flor nascida de uma raiz sanscrita, *ma*, que significa medir.

Porque a lua mede em verdade os dias, as semanas, os mezes, regula as festas e as marés.

Harris asseverou que em todas as linguas o sol era do genero masculino e a lua do genero feminino.

Muller provou que não era assim, porque no gothico a palavra *mena*, lua, é do genero masculino.

E sustentou que sendo a lua o primitivo regulador do tempo, era natural que tivesse sido considerada como um ser viril, e não como uma fraca mulher pallida e scismadora.

Foi á mais antiga das sciencias, a astronomia, buscar a historia e a poesia de outras muitas palavras, além da lua.

Os marinheiros, para encetar suas navegações, esperavam que apparecessem no ceu as estrellas *Pleiades*, de *plein*, navegar. Nas ilhas gregas, as viagens só offereciam segurança quando as *Pleiades* brilhavam. O nome latino d'estas estrellas é *Vergiliæ*, de *virga*, vergon-tea, porque em Italia, onde ellas se tornavam visiveis no mez de maio, marcavam a chegada do estio.

Pode haver maior poesia do que este remontar do espirito humano a essa longinqua época em que se foi dando nome a tudo que o não tinha ainda — não tomando-o do acaso, por um capricho apenas, mas da correlação presentida entre um objecto e a sua funcção!

Pode haver maior poema, mais vasto, mais sublime do que aquelle em que é cantado o baptismo universal de todas as coisas; poema de todas as palavras, historia de todos os vocabulos, investigação de todas as rai-

zes procuradas e encontradas no jardim de todas as linguas !

Pois Max Muller, esse grande philologo de quem os jornaes disseram apenas meia duzia de palavras — sem pesames á familia — traçou esse poema, compoz essa historia, organisou esse vocabulario, em que todos os povos encontrarão um écco da sua voz como n'um phonographo monstruoso, que está fallando ha milhares de annos.

E foi agora, ha poucos dias, que a linguagem, cuja historia e poesia Max Muller investigára durante uma vida inteira, gelou nos labios d'elle, que tanto a amara e tanto a engrandecêra.

Lisboa, 5 de novembro de 1900.

XX

Got

A França acaba de perder um dos seus actores mais notaveis, Edmond Got, que desde 1895 estava retirado do theatro.

Morreu com perto de oitenta annos, conservando, porem, toda a lucidez de espirito e como que um vago perfume da antiga graça com que fizera scintillar as suas phrases no camarim e no Conservatorio, tornadas celebres.

Começára por ser militar, servira em Africa, e parecia haver trazido do exercito o espirito de disciplina e obediencia, em respeito ao qual fôra sempre um dos mais submissos societarios da Comédie Française.

Jules Claretie, pronunciando no cemiterio o elogio funebre de Got, bordou a sua oração sobre o thema d'essa qualidade predominante: a disciplina.

O grande actor ficára sendo sempre um soldado, prom-

pto a obedecer e a combater, intrépido na scena como no exercito, contentando-se com os seus galões de celebridade artistica, não para os impôr, mas para os honrar.

O principio da sua carreira no theatro evoca mais uma vez a lembrança de que a maior parte dos actores chegam ao theatro por desvio de outra posição social, que primitivamente haviam escolhido.

Dos portuguezes, não teem sido poucos os que começaram por typographos.

Ainda sobrevive um, o glorioso Taborda, esse egregio velhinho que a opinião publica, independentemente do *Diario do Governo*, se habituou a venerar como monumento nacional.

Foi ella que o decretou.

Vindo da politica, apenas conheci um, que se não era dos primeiros, foi comtudo excellente *diseur*: Cesar Polla.

Tinha sido secretario de administração ou de camara municipal no Algarve.

Contava historias de eleições e de chapeladas e, ainda depois de velho, já atacado pela bronchite que lhe cortava as phrases, se alguem fallava de politica no seu camarim, elle interrompia logo a caracterisação para, voltando-se de subito, perguntar:

— O que? o que?

Assim como Edmond Got trouxera para o theatro a disciplina da vida miiitar, Cesar Polla trouxera das eleições do Algarve o gosto pela vida politica.

Algumas phrases de Got, divulgadas pelos jornaes francezes, envolvem theorias de arte, que se me afiguram dignas de registo.

Procedem de uma auctoridade na materia; devem, pois, ser recordadas.

Já na velhice, quando o felicitavam por algum dos seus repetidos triumphos no theatro, Got, estendendo a ponta dos dedos para corresponder ao cumprimento, costumava dizer :

— Acabado. Já estou muito visto.

Phrase conceituosa, que revela ainda um forte espirito de disciplina deante da auctoridade do Tempo e uma nitida comprehensão de que a velhice no theatro é um duro grilhão, que o artista vae arrastando difficilmente desde o camarim até ao palco.

Muitos actores teem compromettido a sua gloria, legitimamente conquistada, por se não haverem retirado a tempo.

Emilia das Neves, a grande Emilia, que não ficou a dever nada á famosa Ristori, prejudicou-se por não pensar a respeito da velhice tão sensatamente como o Got.

Quem a tinha visto fazer *Joanna a doida*, *Medea*, a *Mulher que deita cartas*, sentia magua de a vêr arrastar-se no *Meia azul*, que bem podia ser classificado de desastre na immortalidade.

Os novos perguntavam com surpresa se aquella seria a mesma grande Emilia, que os velhos preconisavam.

E o peor é que os novos tinham razão.

Ha seis annos, prestes a deixar a Comédie Française, Got quiz representar o *Tartufo*, para fazer as suas despedidas solemnes a Molière.

Respondia ás felicitações dizendo :

— Isto acabou. Quando um actor não progride, retrocede.

Effectivamente, nada ha que tanto constranja no theatro como vêr um actor parado, ainda que seja á porta do Capitolio.

Os laureis tambem seccam e, depois de sêccos, são plangentes como uma elegia que recorda glorias passadas.

Meio seculo de theatro, como o Got atravessou, é realmente uma longa jornada, violenta e fatigante.

Tanto mais caminhando de vagar. . .

Parece um paradoxo, e não é.

Got procurava equilibrar-se no theatro como um patinador no *skating*, fazendo prodigios e esforços, que não são menos laboriosos do que uma vertiginosa carreira.

Por isso elle dizia a respeito do *Gendre de mr. Poirier*, que foi uma das suas corôas de gloria :

— Só depois de o fazer trinta vezes, é que entrei á vontade no papel.

Se meditarmos n'esta observação de Got, chega a revoltar-nos a severidade com que tantas vezes se aprecia um artista na noite de uma primeira representação.

O «critico» entra logo na peça, encarna-se em todos os papeis, que ás vezes vê personificados pela primeira vez, aprecia, sentença de cadeira; e um actor tal como Got confessava que só á trigesima representação havia entrado definitivamente no papel que lhe tinha sido distribuido e que elle estudára com amor.

De mais a mais Got accumulava na sua pessoa uma dupla auctoridade: a de ser um antigo actor, cheio de vocação e experiencia, e a de ser professor do Conservatorio desde 1877 até 1894.

Das observações feitas na cáthedra ressaltam, sob uma fórma tão pittoresca quanto concisa, muitas theorias, que elle resumia ás vezes n'uma simples phrase.

A uma joven tragica, sua discipula, que se deixava dominar pela impressão da peça, dizia Got :

— O actor exteriorisa, prepara a voz, prepara o gesto, representa para fóra. Não represente, pois, para si mesma, esquecendo-se do publico.

Aqui resurge a velha questão, tantas vezes debatida, de saber se o melhor actor é o que sente mais.

Vi algumas vezes chorar a Duse a valer. Toda a gente viu.

Mas, se reflectirmos um momento, parece que effectivamente a razão deve estar do lado de Got.

Se o actor consegue illudir completamente o publico, fazendo-o acreditar na sinceridade das suas lagrimas, chegou decerto a apossar-se dos mais difficeis segredos da arte de representar.

Consegue plenamente o seu fim—illudir—e não queima todas as noites a propria existencia á luz da ribalta.

Mas em todo o caso é preciso contar sempre com o temperamento individual, com a maior ou menor sensibilidade do artista.

Ora creio eu que, n'uma proporção muito elevada, o actor illude mais do que sente, e que aquelles que tem morrido na flôr dos annos devem muito menos a morte ao cansaço adquirido na scena do que aos estragos de uma vida irregular.

O proprio Got o demonstra.

Depois de ter sido militar, que não é decerto a carreira mais tranquilla e repousada, representou desde 1844 até 1895, e ainda sobreviveu seis annos á sua retirada da Comédie Française.

E' que elle applicou a si mesmo o conselho que dava aos seus discipulos :

— O actor exteriorisa. . .

A morte não lhe começou pelo espirito, que em

muitos artistas costuma desfallecer primeiro do que o corpo.

Atacou-o pelos intestinos, e o espirito estava ainda tão forte, que pôde entregar-se á resignação durante um anno de soffrimento no leito.

Um dos seus amigos, tendo-o visitado na pequena e modesta casa de Passy, perguntou-lhe como era que os medicos haviam diagnosticado a doença.

— Chama-se... chama-se... Aquella doença dos inglezes em Africa, sabe?

— Febre enterite.

— Isso mesmo.

A um dos seus antigos discipulos queixou-se apenas n'uma phrase :

— Isto já vai sendo longo de mais.

Não teve grandes desesperos, conservou-se disciplinado deante da morte como o fôra sempre na vida.

A alma teve forças, coragem, resignação para soffrer.

Se elle a houvesse atormentado com successivas commoções no theatro, seria o primeiro a pedir em altos brados a morte.

Mas queixava-se suavemente, tranquillamente :

— Isto já vae sendo longo de mais...

Uma das suas theorias era que a falta de dotes phisicos no actor pode ser substituida pelo talento, sem deixar nada a desejar.

Fallavam-lhe de um artista que era de minguada estatura.

— Não importa, respondeu elle, o talento suppre tudo.

E, em seguida, desembéstou um epigramma politico :

— Bem pequeno era Thiers, e isso não o impediu de representar Scapin.

Como se sabe, Scapin é uma criação de Molière: o typo do criado astucioso, habil em expedientes.

Conheci dois actores portuguezes de mediana estatura, o que não os impediu de serem distinctos, um mais do que outro.

Refiro-me a José Carlos dos Santos, o grande *Santos-Pitôrra*, baixo e nutrido, como a sua alcunha indicava; e o Sargêdas, que vi fazer *O gaiato de Lisboa*, dando-me a impressão de ser um rapazote de 14 annos.

Apesar da pressa com que se escreve um folhetim, que tem de partir para a typographia a certa hora para apparecer em dia certo, creio que bastarão os traços, aqui agrupados, característicos da individualidade artistica de Got, para que aquelles que nunca o viram, nem ouvirem, possam ficar fazendo algum juizo a seu respeito.

Lisboa, 3o de março de 1901.

Visconde de Almeida Garrett

Quando se diz, e com toda a razão, que o Visconde de Almeida Garrett foi o restaurador do theatro portuguez, esta expressão deve entender-se mais n'um sentido artistico do que chronologico.

Bastará, para demonstrál-o, passar uma rapida vista sobre a nossa historia litteraria.

Gil Vicente lançou as bases do theatro portuguez, e já em seus autos, apesar de ter composto alguns em castelhano, sentimos uma intensa corrente de nacionalidade: são bem portuguezas as personagens, as situações, a trama de todo o seu repertorio.

Não caiu em terreno ingrato, como semente perdida, o exemplo de Gil Vicente.

Quero dizer que o audaz iniciador fundou escola e teve continuadores, taes como Antonio Prestes, o Chia-

do, seu irmão Jeronymo Ribeiro, Affonso Alvares e o proprio Camões, que não esqueceu o theatro.

Aqui temos, pois, fructificando a iniciativa de Gil Vicente e, além de Camões, encontramos na escola italiana as composições theatraes de Ferreira e Sá de Miranda, sobretudo as comedias {de Jorge Ferreira, tão ricas de vocabulario como de interessantes referencias a costumes portuguezes, posto lhes falem condições de theatralidade.

Vem depois a influencia da escola castelhana, que, como um tufão devastador, apaga todo o espirito de nacionalidade na arte e na litteratura portugueza.

No theatro apparecem alguns assumptos nossos, algumas figuras da nossa patria, como ultimos vestigios de uma nacionalidade abatida; mas a lingua é a hespanhola, e as composições são arrastadas n'um estiramento fastidioso, a que falta o sopro vital do talento de Lope de Vega e Calderon.

Para dar um exemplo de quanto essa nefasta influencia se fez sentir ainda por largos annos: Jeronymo Osorio de Castro, fidalgo da Casa Real, pôz em scena a figura de Frei Antonio das Chagas (Antonio da Fonseca Soares), mas embrulhou-a n'uma comedia immensa, exhaustiva, que compôz em lingua castelhana e a que deu o titulo gongorico de *Comedia famosa, la estrella del sol de Padua en el cielo franciscano*.

E comtudo já tinha alvorecido, felizmente, o momento em que a patria pôde respirar desoppressa do jugo de estranhos, e em que o *Fidalgo aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Mello, appareceu como reintegração do character nacional na comedia portugueza.

Chega o seculo XVIII, e o theatro anima-se por espi-

rito de peraltice e galanteria: são moda as operas do *Judeu*, a satyra, adoçada pela musica, faz rir o publico ; mas, no meio d'este mundo frivolo, surgem dois homens, que, fortalecidos pela intuição de que o theatro é alguma cousa mais do que uma diversão fugitiva, pensam em restaural-o com elevado criterio.

Refiro-me a Pedro Antonio Correa Garção e Manuel de Figueiredo, amigos pessoaes e consocios na Arcadia de Lisboa.

Garção, menos productivo que Figueiredo, teve, porém, a alta qualidade de, tomando como ponto de mira o character nacional, avançar para uma nova architectura dramatica, apropriada á phantasia simples e ao feitiço singelo dos portuguezes, e vasada nos moldes de uma instinctiva sobriedade artistica.

Este comediógrapho poeta possuiu a clara intuição de um «Theatro novo», e traçou o caminho para a criação da comedia de costumes portuguezes, tanto na comedia a que deu aquelle titulo, como na *Assembléa ou partida*.

— Eu tenho varios dramas traduzidos
De Sophocles, d'Euripides, Terencio.

— Nada de grego, nada ; fóra, fóra :
Sempre te ouvi dizer, que elles não tinham
Os lances amorosos de que gosta
O povo portuguez. — Queres a *Castro*,
Tragedia de Ferreira? — Deus me livre !

Garção rejeitava, pois, por estranhos ao genio do nosso povo, o theatro grego, o romano, o hespanhol, e entrevia a possibilidade de dar uma feição genuinamente nacional ao theatro portuguez, seguindo o exemplo de Gil Vicente.

No processo de factura aproximava-se de um ideal bem definido : partir os moldes da antiguidade e implantar um «theatro humano.»

Mas este ideal apenas foi attingido plenamente entre nós por Almeida Garrett, na sua segunda maneira de dramaturgo, quando, influenciado pela acção do romantismo, pôde evitar a tragedia classica, em que tinha principiado.

Garrett não encontrou um theatro morto ou esquecido ; mas encontrou um theatro estragado, não obstante os bons desejos e officios de Garção.

E' de justiça reconhecer que Manuel de Figueiredo conheceu os seus proprios defeitos, sem comtudo os poder evitar : elle mesmo disse que escrevia tragedias como se o fizesse para o theatro de Athenas.

E toda a sua pena era não ter vindo um seculo mais tarde.

Figueiredo tinha faro para os assumptos nacionaes e instincto dramatico, mas perdia-se na execução.

Garrett appareceu no meio de uma inundação diluviosa de theatro francez.

Com o seu grande espirito fascinado pela suggestão romantica que impunha os assumptos nacionaes, e com todo o seu fino senso artistico que o chamava para a expressão da verdade do sentimento no verso e na prosa, escrevia n'um artigo publicado na antiga *Revista do Conservatorio*:

«Mas os limites, mas as condições todas do drama moderno não estão ainda bem assentadas e definidas ; e pode levar tempo antes que o estejam. Foi uma revolução. E já em Paris M.^{lle} Rachel appareceu á frente da sua inevitavel e correspondente reacção. Ha de oscillar

ainda muito para um lado e para o outro o pendulo : depois ha de vir o movimento regular e medido. A verdade está entre *Aristoteles* e *Victor Hugo*; e á verdade havemos de chegar por fim.

«No entanto o que insta e urge, é sair do servilismo francez, que nos apouca e tolhe todos. Não basta pôr nomes portuguezes aos personagens dos nossos dramas, não basta fundal-os n'um facta da nossa historia, vestil-os dos nossos trajos ; é preciso conceber, deduzir, expressar portuguezmente as fabulas, os caracteres, o estylo. É necessario começar a escrever sem pauta e pãpel regrado, senão faremos toda a vida letra de rapaz de escola.»

Ora a verdade que Almeida Garrett procurava chegou com elle mesmo, trouxe-a elle para o theatro.

O *Frei Luiz de Sousa* é uma tragedia com todo o cunho de nacionalidade, o verdadeiro typo da tragedia moderna e humana implantada sobre a historia de Portugal.

N'isto foi o immortal Garrett um verdadeiro restaurador, não porque chronologicamente estivesse aberta uma solução de continuidade no theatro portuguez e elle tivesse de o fazer resuscitar do pó do tumulo, mas porque ao nosso theatro faltava alma portugueza, sentir e falar portuguez ; n'uma palavra, porque o mau gosto imitativo o havia arredado da concepção, ao mesmo tempo humana e artistica, que deve valorizar toda a criação intellectual.

Que differença enorme, incommensuravel, entre o *Frei Luiz de Sousa* e as tragedias e dramas da mesma epoca ! entre elle e *Os dous renegados*, de Mendes Leal ; o *Alvaro Gonçalves*, o *Magriço*, de Jacintho Heliodoro,

com que abriu o Theatro de D. Maria; e ainda *O Fronteiro d'Africa ou trez noites aziagas*, tentativa mallograda de Alexandre Herculano.

Garrett, no seu theatro, logrou attingir, como psychólogo, toda a expressão da alma portugueza, e, como dramaturgo, uma simplicidade esthetica, que é a grandeza mesma do genio.

Restabeleceu, sem esforço, e com um éxito seguro, a corrente de nacionalidade, que Gil Vicente iniciou com maravilhosa intuição, e que tanto Garção como Figueiredo entreviram impotentemente.

A sua architectura dramatica enquadra-se n'uma singela combinação de linhas rectas, com uma grande simplicidade de desenho.

Dentro d'esta moldura simples e magestosa, muito casta na sua delicadeza artistica, pulsa a alma de Portugal.

A sua linguagem tem o artificio da naturalidade. Não sei como hei de dizer isto de outro modo. E' um perfume antigo, sem archaismo, que vem do *sachet* esquecido n'um escriptorio secular. Dá uma vaga sensação de poesia e de nacionalidade, de saudade e encanto; e esboça a visão longinqua de um paiz de cavalleiros e namorados, de conquistas e navegações, de fidalgos e de poetas, de frades e de reis.

E' Portugal, na essencia e na fórma; bem Portugal, todo o Portugal, como os velhos nol-o contaram nas chronicas e nos serões.

E' isto o que profundamente impressiona em Garrett; foi o que tanto impressionou Edgard Quinet: a sua «commovedora simplicidade» na psychologia, na dramatização e na linguagem.

No *Frei Luiz de Sousa* está a materia prima, ainda por adelgaçar n'uma fórmula definitiva, do drama actual, rapido, incisivo, profundo, que electriza o espectador sem demorar a catastrophe á custa de episodios subsidiarios.

Refiro-me unicamente ao *Frei Luiz de Sousa*, porque elle é, artisticamente, o typo da restauração do theatro nacional.

E tão novo, apesar de vir de 1844, que se comprehende a facil evolução d'esse bello drama portuguez para o drama moderno da França: a *Blanchette* e o *Énigme*, por exemplo.

Os grandes espiritos avançam seculos; e Garrett, visto á distancia a que hoje estamos d'elle, parece ter morrido hontem.

Abril de 1902.

Urbano de Castro ¹

Tinham-me dito terça-feira:

— Sabes quem está muito mal?

— Quem?

— O Urbano de Castro.

Pensei logo em ir vê-lo no dia seguinte, esperançado, porém, em que pudesse haver exagêro n'esta informação pessimista.

Quem conta um conto acrescenta um ponto. De mais a mais, em questão de doenças, o Terror corre mais depressa do que a Esperança. E' o medo da Morte que se espalha logo, e com razão, porque, a dizer a verdade, a Morte é a unica coisa séria da Vida.

Na quarta-feira, o dia amanheceu diluvioso. Lisboa

¹ Este artigo foi escripto em substituição de Eduardo Schwalbach para o *Jornal de Noticias*, do Porto.

foi lavada de alto a baixo por uma chuva torrencial. Dir-se-ia a sua primeira barrella hygienica depois dos suores e das poeiras do verão. Todos se aborreceram com esse dia insupportavel, mas ninguem protestou, porque Lisboa precisa muito mais de ser lavada do que a camisa negra de um saloio. Não sahi; tive medo á invernía.

E' que, sejamos francos, vae chegando a hora das cautelas e dos resguardos. Começa a desmoronar-se a minha geração. Morreu outro dia esse bravo homem chamado Gomes Fernandes, que eu me lembro de ter visto apparecer no Porto pendurado n'um charuto, flor ao peito, moço, rico, feliz, fazendo sensação e espalhando sympathias. Morreu como um heroe; mas era um forte e cahiu. Poucos dias depois morreu o Lino d'Assumpção, tão de repente, que toda a gente dizia ter-lhe fallado ainda na véspera. Agora era o Urbano de Castro que estava doente. Não ha duvida que é uma geração a desmoronar-se. Cautela, pois. E não sahi de casa com medo da invernía.

Mas hontem, logo pela manhã, o dia parecia soffri-vel: o sol queria romper por entre as nuvens. Almôço, saio logo, vou á rua de S. Bento, saber do Urbano.

— Talvez já esteja melhor, dizia comigo mesmo.

Chego ao predio 343 e vejo um *coupé* á porta.

— Deve ser o medico; parece-me o trem do Curry Cabral.

Subo. Faço soar levemente a campainha.

Ha uma grande escuridão n'essa estreita escada de um predio antigo. Não vejo bem a pessoa que vem abrir-me a porta, mas pergunto :

— O senhor Urbano de Castro está melhor ?

Faz-se um momento de pausa.

Depois, uma voz de homem responde com dificuldade, afogada em lagrimas :

— O senhor Urbano de Castro morreu ás trez horas da manhã.

Sinto uma vertigem. Agarro-me ao corrimão para não cair. Parece-me que desaba sobre mim o peso de uma geração a desmornar-se.

Desço a escada, cambaleando, encostando-me ás paredes. Na rua posso respirar melhor ; a luz do sol, que descobriu, dá-me alguma coragem. Começo a pensar mais serenamente na morte e na vida d'esse Urbano, que vi a ultima vez ha quatro mezes, no Hotel Bragança, quando foi do jantar que o conselho de arte dramatica offereceu a Hintze Ribeiro.

E de repente acode-me a ideia de que tão certo é o predominio de um algarismo na existencia de cada homem, que esse predominio está bem patente na vida e na morte de Urbano de Castro.

O numero da sua porta começa por um trez e acaba por um trez: 343.

Elle habitava no terceiro andar.

Dentro de pouco tempo devia completar 53 annos de idade.

Morreu no dia 6, duas vezes 3, ás 3 horas da manhã.

Assignalou-se como jornalista em trez gazetas de Lisboa: *Jornal da Noite*, *Corrcio da Manhã* e *A Tarde*.

Como poeta, a sua ultima poesia faz referencia ás trez Parcas.

Finalmente, vae logo ser enterrado, no cemiterio dos Prazeres, ás trez horas da tarde.

Póde ser uma vesania, mas eu cada vez creio mais

n'essa mysteriosa arithmetica, na influencia de um certo algarismo, que preside aos destinos de qualquer homem.

O actor Tasso tambem tinha a mesma apprehensão, e julgava que a sua sorte dependia do numero trez.

Acordando uma noite, afflicto, perguntou á mulher :

— Quantos são hoje do mez?

— Treze.

— Treze!

D'ahi a pouco ouviu horas.

— Quantas são?

— Trez.

— Trez! Então morro hoje.

E morreu n'essa mesma noite, de «angina pectoris».

Urbano de Castro não tinha decerto igual preoccupação, mas os factos estão fallando bem alto: o numero trez presidiu ao seu destino.

Elle, em geral, não tinha apprehensões: era um corajoso.

Não houve ainda um homem fraco, que tivesse mais espirito do que elle, quer a palavra espirito se tome no sentido de coragem ou de humor.

Foi sempre um alegre com duas costellas de bohemio. Ha pouco tempo, fez-se caseiro, affastou-se dos cafés, dos *foyers*, voltou-se mais para os seus livros. Nós 'estavamos todós cegos, e não viamos isto. Mas era para desconfiar que se sentisse doente, velho aos 53 annos. Onde estava a antiga alegria de Urbano? Ninguem sabia, porque elle proprio não se deixava vêr: apparecia muito menos.

Como todos os homens alegres, que parecem olhar a vida frivolamente, Urbano de Castro era excellente para dar um conselho em qualquer circumstancia difficil. Ha-

via sempre um grande bom-senso na sua opinião. Via bem as questões, serenamente, lucidamente, e aconselhava com acerto. Depois contava uma aneddota, recitava uns versos, queimava uma cigarrilha.

Parecia não dar importancia á sua opinião.

A vida está cheia d'estas contradicções: os que dão bons conselhos julgam-se maus conselheiros; os que se mostram levianos, são reflectidos; até os actores comicos são tristes, o que é um cumulo de contradicção.

Excellent conversador, scintillante de graça, Urbano de Castro, quando estava deante do grande publico, no parlamento, por exemplo, deixava fallar os outros e calava-se.

Ainda n'isto se contradizia mais uma vez.

Quizesse elle fallar, como queria escrever, e teria triumphado politicamente.

Assim, não passou de deputado, e não quiz passar. A camara electiva era para elle um logar aonde ia prestar com o seu voto um serviço aos seus correligionarios. Feito isto, sahia. A' porta, se encontrasse um amigo, ficava a conversar com elle duas horas ou mais.

Como escriptor, foi desde rapaz um amigo dos classicos. Sabia-os de cór. E conciliava a leveza da graça, a espuma do humor, com os moldes graves da boa linguagem portugueza. Posto a escrever, parecia um rapaz mettido dentro da pelle de um velho. Conhecia os antigos e os novos, Gil Vicente e Fialho. Não era só de uns, nem só de outros; era de si mesmo, era elle proprio.

Character diamantino, jámais se envolveu n'um mexerico, n'uma intriga, n'uma emboscada. Cortava a direito, dizia o que tinha a dizer. Combateu muitos homens na

imprensa, mas sempre tão lealmente, que todos lhe faziam justiça e o respeitavam.

E' por isso que a sua morte causou sensação em Lisboa.

Toda a gente dizia hontem :

— O pobre Urbano! Que pena morrer o Urbano!

E agora reparo eu que o seu proprio nome era composto de duas vezes trez letras.

Mais ainda. Este pobre Urbano, cuja morte todos lastimamos, valia trez homens: um bom escriptor, um bom jornalista e um bom conversador.

Está evidentemente provado que o numero trez o acompanhou sempre, na vida e na morte,—sempre.

Lisboa, 7 — 11 — 902.

A poetisa do Vizella

I

N'um unico jornal do norte do paiz encontrei noticia de ter fallecido a sr.^a D. Anna Amalia Moreira de Sá, «distinctissima poetisa, auctora dos «Murmurios do Vizella.»

Em muitos outros jornaes procurei qualquer necrologia banal, alinhavada com as conhecidas palavras que servem em todos os funeraes — como os casacos dos gato-pingados. Não se me deparou nenhuma. Mas facilmente expliquei a mim mesmo esse injusto silencio, que alastrou em torno de um nome outr'ora illustre. A sr.^a D. Anna Amalia viveu de mais; já da sua geração não restava ninguem que pudesse choral-a em lettra redonda.

Devia ter 74 annos a poetisa do Vizella, pois que em 1855 contava 30. Ella propria o disse n'um dos seus cantares :

Ja seis lustros d'existencia
Em torturado viver ;
Mau fado, que me ha fadado,
Logo me vira nascer.

Esta poesia tem a data de 28 de outubro de 1855, e intitula-se *Aos meus annos*, d'onde é licito concluir com segurança que D. Anna Amalia nasceu em igual dia de 1825.

Não tenho, para escrever a biographia da poetisa do Vizella, outros elementos além dos que posso colhêr na leitura do seu livro. Fui consultar o *Diccionario Bibliographico*, e ahi encontrei, no 1.^o vol. do *Supplemento*, a declaração de que Innocencio apenas conhecia o livro de D. Anna Amalia pelo titulo, visto que nem na Bibliotheca Nacional o pudera encontrar.

Ó exemplar modestia dos escriptores de outro tempo, que se contentavam com ter por limite da sua popularidade o rio que lhes passava á porta! Assim como o annoso Bingre não deixou de ser jámais «o cysne do Vouga», D. Anna Amalia não aspirou a ser mais do que a «poetisa do Vizella».

Não se lembrou, portanto, de enviar o seu livro á Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde Innocencio o procurou embalde; o Tejo era rio de maior tomo, feudo dos Castilhos e Herculanos, e n'aquelle tempo, 1861, em que D. Anna Amalia publicou o seu livro, a memoria sangrenta da guerra civil estava ainda muito viva, para que alguém ousasse perpetrar uma usurpação, ainda que fosse litteraria.

De mais a mais a familia de D. Anna Amalia achara-se envolvida n'esse grande conflicto politico; seu pai, que deve ter fallecido em 1849, padeceu trabalhos e desgostos por se haver dedicado á causa liberal.

O ser livre foi um crime
N'esse tempo, em que nasci;
Por isso meu Pai soffrêra,
Com elle tambem soffri.

Quando a patria em liberdade
Livre dava o respirar,
O' meu Pai, adormeceste
P'ra nunca mais accordar !

Pertencia D. Anna Amalia a uma familia de poetas, que ou não chegaram a imprimir seus versos ou ficaram ainda mais esquecidos do que a poetisa do Vizella.

São palavras suas, com que prefacia os *Murmurios*:

«Fascinada desde tenra idade me hei dado do coração á leitura dos Poetas. E quanto maior copia de versos eu lia, maior era o prazer, que eu encontrava n'esta arte divina, para a qual me convidava tambem o exemplo poetico de meus Maiores e Primos, e principalmente de meu sempre chorado Pae e de meu saudoso Avô paterno».

D. Anna Amalia habitava o seu solar de Sá em Riba Vizella, onde falleceu.

Poetisa e fidalga ! Que mais era preciso para fascinar os campeões românticos d'Entre-Douro-e-Minho ? como realmente aconteceu em 1849, quando ella principiou a ter maior evidencia n'um torneio celebre.

Foi, em pleno romantismo, uma ephémera renascença dos pleitos famosos do cyclo trobadoresco.

Vivia a illustre poetisa no solar de Sá entregue aos gosos do espirito, que derivavam da poesia, a «arte divina», e ás saudades que a morte das pessoas da sua familia lhe deixára enraizadas no coração affectuoso.

Minha Mãe, amigo amparo,
Tambem ella me faltou !
Irmão, irmã, que adorava
Tudo a morte me roubou !

A irmã da poetisa do Vizella, a quem estes versos se referem, chamava-se Emilia, e falleceu em 1850; mas ainda D. Anna Amalia teve outra irmã, que devia ser um anjo de bondade e candura :

Como a pomba és innocente,
Mimoso cysne a boiar
No lago immenso do mundo,
Mas n'elle sem mergulhar.

Confinada no seu solar de Sá, communicando subjectivamente com os bons espiritos da epoca, D. Anna Amalia entregava ás aguas murmurosas do Vizella os suspiros tristes que mandava ao encontro dos corações sensiveis que a liam e comprehendiam.

Até onde chegasse a corrente do Vizella chegariam os seus versos, porque os rios e as fontes estavam acreditados desde o tempo de Ignez de Castro como lealissimos confidentes.

Por isso D. Anna Amalia dizia ao seu patrio rio, apesar de modesto, pittoresco e crystallino, como todos os do Minho :

Da rôla ao triste gemido,
Do rouxinol ao trinar,
Ao murmurar do meu rio
Meus cantos vou misturar,
Casar ao som da corrente
Da lyra os sons, que tirar.

Tenho a missão de poeta
No mundo para cumprir ;
Triste vida sem ventura
Soffrer, chorar, e carpir ;
Que ao poeta coube em sorte
Sómente saber sentir.

E quero colhêr a palma,
Que do genio se mostrou
Aqui junto do Vizella,
No berço que m'emalou ;
Murmurar quero a saudade,
Que no peito se arraigou.

E a brisa que m'escuta,
Meus cantos aprenderá,
E o rio deslizando
Estas vozes levará.
E no murmurar saudoso
Meus cantos murmurará.

Mas todo o coração triste tem na vida uma aurora de
felicidade, e o rio Vizella encontrou um dia, dentro do
coração de D. Anna Amalia, um rival perigoso.

Ella mesma o confessa:

Ah ! meu Deus, é triste o quadro,
O quadro do meu viver !
Assombrou-me a desventura,
Só me faltava morrer !

Hoje que me falla n'alma
Toda a crença d'um amor,
Que sinto prender-me a vida
Da vida todo o fervor,

Ah ! bemdigo o ceu da patria,
Este ceu, que sempre amei ;
A quem os sonhos da vida
Sempre ufana consagrei.

Esta aurora de felicidade raiava sobre as aguas claras do Vizella, offuscando-as, no anno de 1855. D. Anna Amalia casou, não sei que tempo antes; mas n'esse anno, após uma grave molestia, cantava um hymno de resurreição n'uma doce paschoa de affectos domesticos:

Extremos d'esposo, d'irmãs o extremo
Poderam a morte de mim desviar.

Tambem não sei o nome do cavalheiro que deu a mão de esposo a D. Anna Amalia e lhe foi carinhoso enfermeiro; outrosim ignoro se já morreu ou ainda é vivo.

O que de sciencia certa posso affirmar é que a illustre poetisa do Vizella se correspondeu litterariamente com alguns dos bons engenhos do seu tempo: a saber, João Machado Pinheiro, depois visconde de Pindella, pai do actual visconde do mesmo titulo e do sr. conde de Arnoso; com D. João d'Azevedo, infeliz e talentoso amigo de Camillo, auctor do *Sceptico* e do *Misanthropo*; com Antonio Pinheiro Caldas, bardo portuense, que saudou D. Anna Amalia n'uma fogosa apostrophe de enthusiasmo:

Bem vinda, cantora, bem vinda tu sejas...
Tua harpa sonora tem meiga expressão;
Se cantas sorrindo, sorriem os anjos,
Despertas, se choras, no peito a paixão.

O que diria ultimamente a velhinha de 74 annos, se ainda conservava inteira lucidez de espirito, a estes versos que Pinheiro Caldas depunha a seus pés em maio de 1851? Naturalmente olharia para esta e outras grinaldas de rosas e louros, que lhe offertaram, através do

nevoeiro da saudade, que é a cegueira providencial de todos os velhos.

Se pudessemos vêr claramente o passado a grande distancia de tempo, morreríamos de desalento e tristeza.

Mas interpõe-se uma neblina, que esbate as figuras, que esfuma os objectos, e que chega a ser um favor da providencia divina.

D. Anna Amalia, como já alludimos, assignalou-se no celebre certame travado, em 1849, «entre a rosa branca e a rosa encarnada», vislumbre longinquo da antiga galanteria das querellas palacianas em que tomaram parte os poetas do *Cancioneiro Geral* e as damas da côrte.

A illustre fidalga de Sá sahiu a campo em prol da rosa encarnada, ripostando corajosamente a João Machado Pinheiro, que, em favor da rosa branca, propôz um «passo de armas» aos trovadores do Minho.

D. Anna Amalia, com o ardor de uma Penthesilea animosa, acceitou o repto:

Trovador : lançaste a luva,
Que eu te fôra levantar : -
— Vejo na rosa encarnada
Tanta lindeza sem par ;
Que não póde a rosa branca
Com ella rivalisar.

O futuro visconde de Pindella, não menos aguerrido e gentil, respondia-lhe de Guimarães :

Rosa branca, és vencedora,
Pódes victoria bradar :
A tua rival não teve
Quem viesse batalhar :

Não teve um só cavalleiro
 Para a vir desaffrontar ;
 Foi preciso que uma dama
 Viesse á liça brigar !!!

Mas veiu quem só podia
 O meu braço desarmar :
 Eu me confesso vencido
 «Ante essa lyra sem par».
 Venceste, mas não a rosa,
 Que tu vens desaffrontar ;
 Venceu a lyra do bardo
 Da tua lyra o trovar.

Acudiu á provocação de Machado Pinheiro um poeta de Agueda, José Maria Velloso, e o mais interessante é que tambem elle preferia a rosa branca, mas por gentileza e galanteria collocou-se ao lado da poetisa do Vizella a apageal-a na refréga :

Eu amei a branca rosa :
 Inda a amo, que é formosa,
 Como tu môça mimosa,
 Anjo da terra, Mulher !
 Mas se tu mandas que adore
 Outra rosa . . Embora eu chore,
 Triumphante ella se arvore,
 Nem um ai darei sequer.

Diz o correspondente de Guimarães para *O Primeiro de Janeiro*, unico jornal em que vi commemorado o fallecimento de D. Anna Amalia, que Camillo Castello Branco tambem entrou no torneio das duas rosas.

Pode ser, mas não o affirmo. Sendo verdadeira a informação, o que hei de verificar mais de espaço, Camillo occultou-se sob o pseudonymo de *Magriço, cavalleiro da rosa encarnada*, e datava os seus versos de Lisboa, 1850.

E' certo, comtudo, que n'esse anno veio Camillo á capital, onde começou a escrever o seu primeiro romance, *O anathema*, n'um cubiculo da rua do Oiro.

Magriço combateu pela rosa encarnada ao lado de D. Anna Amalia :

Ou no campo, ou na estacada
 Defendo a rosa encarnada,
 Que a branca veiu affrontar !
 Levanto a luva por ella.
 Que defendo uma donzella,
 Que é cobardia atacar.

.....

Contra uma dama é fraqueza
 Usar de força ou destreza !
 Cavalleiros somos nós !
 Eu sou da rosa encarnada,
 Sou da donzella affrontada,
 Da rosa branca sois vós !...

Machado Pinheiro sustentou guapamente o passo de armas :

Olá, Magriço, não sabes
 Que mais companheiros tens !
 Não sabes?... oh! contra elles
 Como assim ousado vens ? !
 Como vate e cavalleiro
 Cumpre-te ser o primeiro.

Nós victoria não cantamos ;
 Não tivemos quem vencer :
 Não veio um só cavalleiro
 Nosso pregão rebater ;
 Não veio um só cavalleiro :
 E's tu agora o primeiro.

Veio sim, veio uma dama,
 Foi quem teve esse valor.
 Não nos batemos, corremos
 Ir-lhe aos pés lanças depôr.
 Fomos sim d'ella vencidos,
 Mas não fomos convencidos.

.....
 Mas hoje vejo uma lança
 P'ra com a minha cruzar :
 E' contigo, ó cavalleiro,
 Que vou nas justas entrar :
 Embora sejas mais forte
 Não temo me dê's a morte.

Tudo isto parece que já passou ha duzentos annos, e comtudo apenas occorreu ha meio seculo.

E' um quadro da epoca, vivo e completo. Pinta melhor as almas poeticas de 1849 do que muitos volumes de historia litteraria.

Quando o conflicto das duas rosas rebentou, era eu recém-nascido. Mas vim a conhecer o valoroso campeão da rosa branca, o visconde de Pindella, em casa de Camillo Castello Branco, na Povia de Varzim, muitos annos depois. Homem amavel e gentil que elle era.

Não conheci a poetisa do Vizella. Mas se eu voltar algum dia áquellas paragens, onde D. Anna Amalia teve solar e decerto terá tido sepultura, e se a esse tempo florir a primavera, hei de depôr sobre a sua campa uma rosa encarnada.

Tive sempre a religião do passado — e agora mais do que nunca.

II

Depois de publicada esta necrologia pude reunir interessantes informações biographicas a respeito da sr.^a D. Anna Amalia Moreira de Sá, e da sua familia.

Darei o primeiro logar, como é de justiça, a duas cartas que recebi de seu filho o sr. Miguel Antonio Moreira de Sá e Mello; creio que este cavalheiro me desculpará a publicação d'ellas, no que supponho não haver indiscreção lesiva para ninguem.

Diz a primeira carta:

... Senhor.

Recebi ha dous dias uma carta d'um primo meu, residente n'essa cidade, fallando-me da noticia por V. dada em folhetim no *Diario Popular*, de 17 do corrente, do fallecimento de minha sempre chorada mãe.

Como em Vizella não ha um unico assignante d'aquelle jornal, logo lhe pedi que me enviasse esse n.^o que acabo de receber.

Eis o motivo por que mais cedo não cumpri o grato dever de agradecer a V. o seu primoroso escripto e lisongeiras referencias na tão desenvolvida noticia do livro de poesias da minha querida extincta.

A noticia do fallecimento veio em quasi todos os jornaes do Porto do dia 5 mas, com certeza, que todos ignoravam o seu passado.

Unicamente um illustrado parochó d'estes sitios fez umas referencias a minha mãe como poetisa, ao noticiar o fallecimento, no jornal do Porto a *Palavra* do dia 8 e em jornal de Valença o *Noticioso* de 14.

Meu avô falleceu em 1836, em Lisboa, onde tinha estabelecido residencia, desde que voltou da emigração, e era redactor do *Nacional*. Chamava-se Miguel Antonio Moreira de Sá.

Minha mãe casou em 1851 com meu fallecido pae Manoel Antonio da Silva e Mello, natural de Valença, extincto em dezembro de 1881.

Não me parece tambem verdadeira a noticia dada pelo correspondente do *Primeiro de Janeiro* de que no torneio da rosa branca e rosa encarnada tomasse parte Camillo Castello Branco.

Nunca se descobriu quem fôra o poeta que assignava o pseudonymo de Magriço ; meu pae, grande investigador que era, nunca o soube e houve quem o attribuisse ao Camillo.

A verdade é que, ha poucos annos, por um d'estes acasos da sorte, encontrando no hotel *Cruzeiro do Su* em Vizella, o fallecido Conselheiro medico Ferreira, do Porto, em conversação com elle sobre poesias de minha mãe, soube que fôra elle o Magriço.

Verdadeiramente commovido pela attenciosa lembrança de V. cumpre-me agradecer, etc.

Vizella, 23 de Abril de 1899.

Miguel Antonio Moreira de Sá Mello.

A segunda carta, recebida menos de um mez depois da primeira, é do teor seguinte :

... Senhor.

Recebi em tempo a carta de V. que muito agradeço. Não possuo retrato algum de minha fallecida mãe, de

quando era nova ; simplesmente tirou uma vez o retrato quasi forçada por nós, já depois de ter idade um tanto avançada.

Esta casa de Sá está situada na freguezia de Santa Eulalia de Barrosas, em tempo pertencente á Comarca de Guimarães e de ha 50 annos, aproximadamente, a esta parte, pertencente ao Concelho e Comarca de Louzada.

Depois que minha mãe publicou o livro de poesias, ainda compoz algumas, dedicadas a pessôas de familia ou amigas, que se acham dispersas e de que não deixou originaes.

Relativamente ao que V. diz do fallecido medico Ferreira, não sei, o que posso affirmar a V. é que elle me disse deante d'outros pessoas, entre ellas o medico de Vizella Dr. Abilio Torres, que tinha tomado parte no combate, vivendo n'essa epocha em Lisboa ; e dizendo-lhe eu se elle era o que escreveu, assignando-se o Magriço, affirmou que sim.

O que eu não creio é que fosse o fallecido Camillo, porque com esse manteve meu pae relações d'amisade e, com certeza, lhe diria alguma cousa ; e meu pae falleceu sem nunca saber quem fôra o Magriço e minha mãe ficou admirada, quando eu lhe contei a affirmação do medico Ferreira.

Apesar d'esta freguezia pertencer a Louzada, fica muito perto de Vizella, sobretudo a minha casa, e se V. algum dia se resolver a vir aqui, terei verdadeira satisfação em conhecer pessoalmente a quem ha tantos annos conheço de nome.

Se na Bibliotheca d'essa Cidade existir uma obra do fallecido P.^e Caldas, de Guimarães, sobre antiguidades

e pessoas que foram do antigo Concelho de Guimarães, poderá V. n'ella encontrar algumas indicações ácerca d'esta casa e dos meus antepassados, avô e bisavô, mãe e um irmão d'ella que ainda vive no Rio de Janeiro.

Esta casa foi importante nos fins do seculo passado, meu bisavô, um tanto gastador e sobretudo com a construcção d'uma fabrica de papel de vegetaes junto ao rio Vizella, arruinou-se bastante: ainda tinha bastantes riquezas no Brazil e foi para ali na esquadra que acompanhou a D. João VI, na occasião da invasão franceza, liquidou o que lá tinha e quando vinha de volta, os piratas roubaram-lhe tudo.

O filho, meu avô, manifestou-se em 1828 abertamente constitucional, teve d'emigrar com a divisão do Sá da Bandeira, esteve em Inglaterra e França, apertaram-lhe as saudades, voltou, foi preso, fugiu com outros do Castello de Guimarães, foi para o Brazil e a familia em seguida, a casa esteve sequestrada, voltou em 1834 e d'ahi a pouco fallecia. Foi tudo uma derrocada.

Vizella, 13 de maio de 1899.

De V. etc.

Miguel Antonio Moreira de Sá e Mello.

O Padre Antonio José Ferreira Caldas, na monographia sobre Guimarães, dá uma rapida noticia biographica a respeito da sr.^a D. Anna Amalia; mas alonga-se em pormenores a respeito da sua illustre familia.

Fallando do avô da poetisa do Vizella, fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem de Christo, conta que elle fundára, effectivamente, no logar da Cascalheira, fre-

guesia de S. João das Caldas, uma fabrica de papel de vegetaes, com exclusão do trapo, a primeira conhecida n'este genero; e outra de tinturaria, para o que alcançou aviso regio de 13 de dezembro de 1802 e alvará de 24 de janeiro de 1805.

Os francezes arrasaram uma e outra fabrica enquanto o seu proprietario esteve emigrado no Brazil.

Quanto ao invento do papel vegetal, que Francisco Joaquim Moreira de Sá começou a fabricar de 1803 para 1804, quizeram os allemães e francezes disputar-nos a prioridade; o dr. Pereira Caldas restabeleceu a verdade dos factos no opusculo *Vindicação da prioridade do fabrico de papel com massa de madeira*.

Francisco Joaquim Moreira de Sá era poeta. Deixou, manuscripto, um poema épico em 5 cantos, *A queda de Napoleão*, do qual se tiraram duas copias, uma que elle offereceu ao principe regente D. João, a quem o dedicava, e outra ao conde dos Arcos, vice-rei do Brazil.

O dr. Pereira Caldas, no opusculo *Alvaro de Braga*, diz, a respeito d'este poema, que o manuscripto autographo se conserva na selecta livraria da quinta de Sá.

Tambem o mesmo F. J. Moreira de Sá compoz uma *Proclamação aos Portuguezes*, impressa em Coimbra no anno 1809, e que já erradamente foi attribuida a um seu irmão, Joaquim José, conego da real collegiada da Oliveira em Guimarães.

F. J. Moreira de Sá casou duas vezes, sendo a ultima com D. Anna Peregrina Pinto de Carvalho, das nobres casas de Rovalde e da Capella em Sernande.

D'este segundo casamento houve um filho, que se chamou Miguel Antonio Moreira de Sá, e que em 1828 era official de um batalhão de voluntarios constitucionaes.

Emigrou para a Gallisa, e depois para Inglaterra.

Voltando ao reino, esteve preso no castello de Guimarães, e d'ali fugiu com mais cinco liberaes, descendo por uma estreita fresta, com o auxilio de tiras de lençol, para o largo do Cano, hoje campo de D. Affonso Henriques.

Foi para o Brazil, onde mais tarde a familia se lhe reuniu.

Regressaram, como sabemos, em 1834.

Escreveu em prosa e verso. Na casa de Sá existem as interessantes cartas que elle enviava da emigração á esposa; um manuscripto que compendia a narração dos seus trabalhos e soffrimentos como exilado; bem como uma *Historia de D. João VI desde o seu nascimento até á sua morte*.

Vindo para Lisboa tratar da educação dos filhos, aqui redigiu o *Nacional*, distinguindo-se como jornalista na opposição ao governo de Agostinho José Freire e de Silva Carvalho.

Falleceu na capital em 1836.

Miguel Antonio Moreira de Sá teve trez filhas: Emilia, fallecida em 1850, Eduarda, Anna Amalia, e um filho, Antonio.

Eduarda casou, e um dos seus filhos é o violinista Bernardo Valentim Moreira de Sá, residente no Porto.

A segunda, Anna Amalia, «a poetisa do Vizella», casou com Manuel Antonio da Silva e Mello, natural de Valença do Minho.

D'elle diz o dr. Pereira Caldas que foi seu «indefesso companheiro das luctas anti-cabralistas na revolução popularissima da Maria da Fonte.»

O filho de Miguel Antonio Moreira de Sá é o dr. An-

tonio Cecioso Moreira de Sá, medico e escriptor catholico, auctor de uma memoria contra a cremação, que mereceu a honra de ser traduzida em Roma.

D. Anna Amalia Moreira de Sá deixou descendencia.

Um dos seus filhos é o sr. Miguel Moreira de Sá e Mello, cujas cartas ficarão constituindo, n'este livro, a mais interessante noticia de todas quantas aqui pude reunir.

Quero ainda dizer que manifestei duvidas ao sr. Miguel Moreira de Sá e Mello sobre ser o dr. Joaquim José Ferreira (Ferreira Janota), que foi um dos mais afamados clinicos do Porto, o *Magriço* do torneio da rosa branca e rosa encarnada.

Eu ignorava que elle algum dia tivesse feito versos, mas a sua propria declaração não deve deixar duvidas.

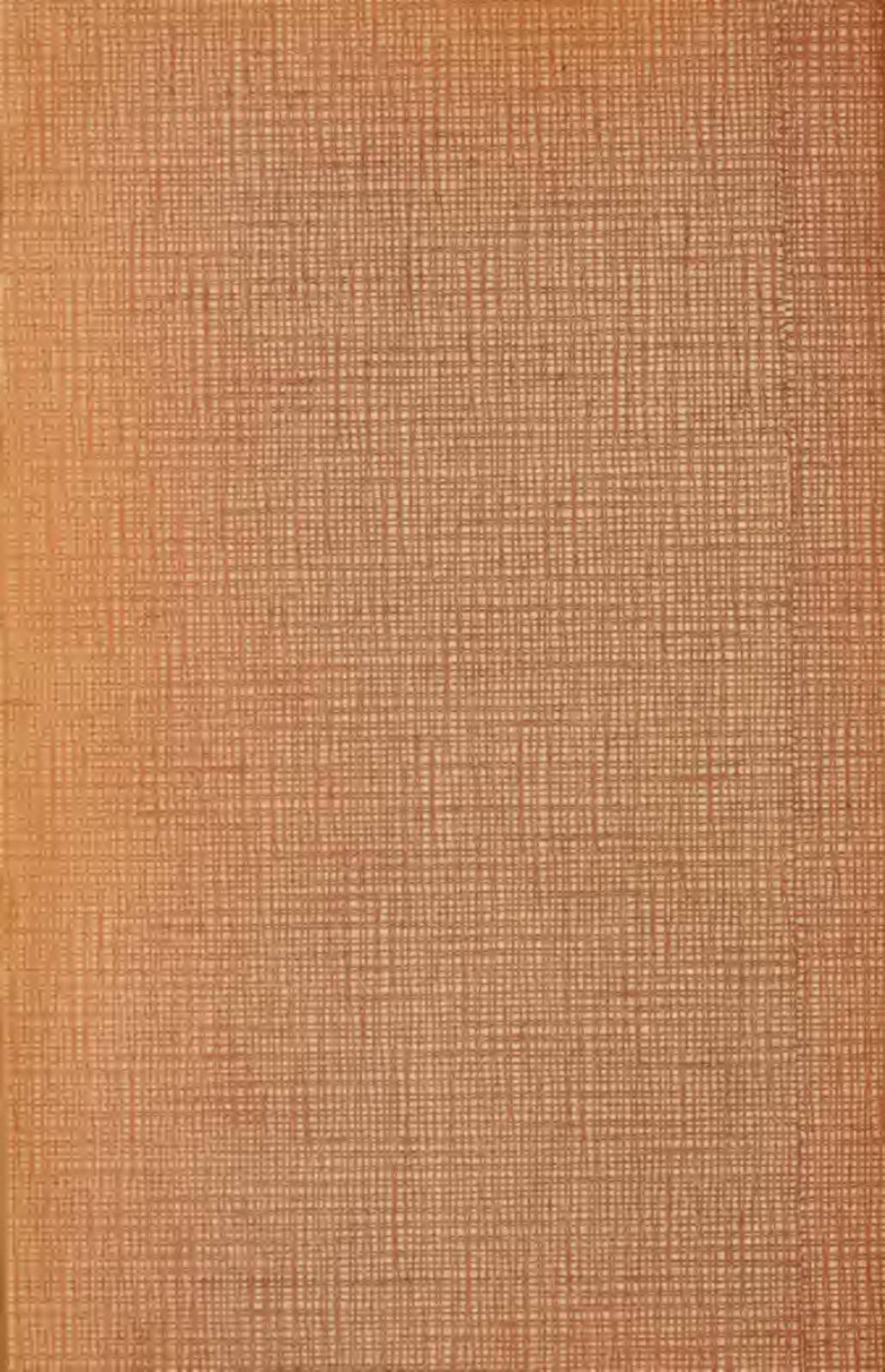
N'uma coisa acertei: foi em não querer attribuir a Camillo os versos de *Magriço*.

Lisboa, 14 de maio de 1904.

FIM

INDICE

	Pag.
I A morte de Pelletan.....	5
II Ferdinand Denis.....	15
III Alphonse Karr.....	23
IV Uma escriptora portuense.....	29
V Os dois Dumas.....	37
VI João de Deus.....	45
VII Os irmãos Goncourt.....	53
VIII O Paz geral.....	61
IX Fernando Caldeira.....	67
X O Palminha.....	71
XI Simões Dias.....	81
XII Poetisas brasileiras da actualidade.....	95
XIII Strauss & Filhos.....	105
XIV O ultimo bohemio do romantismo.....	113
XV Eduardo Garrido.....	121
XVI A. de Serpa.....	129
XVII Antonio Nobre.....	137
XVIII Agostinho Albano.....	147
XIX Max Muller.....	153
XX Got.....	161
XXI Visconde de Almeida Garrett.....	169
XXII Urbano de Castro.....	177
XXIII A poetisa do Vizella.....	183



PN
758
P5

Fimentel, Alberto
Figuras humanas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

